

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social - Faculdade de Filosofia e Ciências
Humanas

Aline Rocha Scarponi Pinto

O TEXTO JORNALÍSTICO NA COMOÇÃO:

aspectos emocionais na cobertura da tragédia da pandemia de Covid-19 pela Rede Minas

Linha de Pesquisa: Textualidades Midiáticas
Orientador: Prof. Dr. Elton Antunes

Belo Horizonte
2024

Aline Rocha Scarponi Pinto

O TEXTO JORNALÍSTICO NA COMOÇÃO:

aspectos emocionais na cobertura da tragédia da pandemia de Covid-19 pela Rede Minas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Comunicação Social.

Área de concentração:
Linha de Pesquisa: Textualidades Mediáticas

Orientador: Prof. Dr. Elton Antunes

Belo Horizonte

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG

Junho 2024

301.16
P659t
2024

Pinto, Aline Rocha Scarponi.

O texto jornalístico na comoção [manuscrito] : aspectos emocionais na cobertura da tragédia da pandemia de Covid-19 pela Rede Minas / Aline Rocha Scarponi Pinto. - 2024.

158 f. : il.

Orientador: Elton Antunes.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia.

1. Comunicação – Teses. 2. Emoções - Teses. 3. Jornalismo – Teses. 4. Televisão - Teses. I. Antunes, Elton. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

FOLHA DE APROVAÇÃO

"O TEXTO JORNALÍSTICO NA COMOÇÃO: aspectos emocionais na cobertura da tragédia da pandemia de Covid-19 pela Rede Minas."

ALINE ROCHA SCARPONI PINTO

Dissertação de Mestrado defendida e aprovada, no dia doze de agosto do ano de dois mil e vinte e quatro, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Prof. Elton Antunes
Orientador DSC/FAFICH/UFMG

Profª Geane Alzamora
DSC/FAFICH/UFMG

Profª Verônica Soares da Costa
PUC/MG

Belo Horizonte, 12 de agosto de 2024.



Documento assinado eletronicamente por **Elton Antunes, Professor do Magistério Superior**, em 14/08/2024, às 11:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Verônica Soares da Costa, Usuário Externo**, em 15/08/2024, às 19:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Geane Carvalho Alzamora, Professora do Magistério Superior**, em 16/08/2024, às 14:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3353764** e o código CRC **74D005AD**.

Agradecimentos

Ao me propor analisar alguns aspectos emocionais no texto jornalístico, supunha mergulhar em uma investigação que, partindo de minhas inquietações enquanto jornalista, se desenvolveria de forma externa, em análises guiadas por operadores analíticos e teorias fundamentais. À época não cogitava que as agitações ultrapassariam *offs*, sonoras, imagens televisionadas. Não imaginava que outros discursos e acontecimentos me alcançariam no trajeto, acionando intrincados afetos também dentro de mim. Emoções que me abalaram, sustentaram e acompanharam todo o entrelace que compõe a vida do pesquisador e a vida da pesquisa. Assim, agradeço não só as pessoas que me ajudaram a chegar até aqui, como as emoções cujos convívios acionaram.

A minha família por me fazer sentir capaz. Ao otimismo de minha mãe, que sempre me acolheu com palavras de coragem, me estimulando o estudo desde à infância. A minha irmã Luíza, que passou a atribuir à conclusão desse trabalho a esperança em nossa capacidade de vencer o turbilhão dos acontecimentos. Como sua irmã mais velha, Lu, não poderia deixar você acreditar no contrário. As minhas tias Lila e Mauce, por todo amparo e renovação de ânimo. Ao tio Shigueo pela assistência carinhosa, serena e constante. A tia Rosana por todo carinho e acolhimento, e a tia Sandra por sempre se fazer presente, mesmo geograficamente distante.

Ao André, meu marido, amor e companheiro de vida, por compreender meus anseios e me incentivar a ir além, sempre se propondo a embarcar comigo em cada nova experiência, me cercando de suporte e amor. Junto a você, curso outras disciplinas que me levam sempre para mais fundo de mim. Te agradeço por isso!

Ao querido professor Elton, por toda generosidade. Por me favorecer o equilíbrio, o pensamento ordenado, unindo ética e amorosidade à missão de ensinar. Por me desafiar a olhar para o mundo sem presumir compreendê-lo, explorando complexidades e sentidos, emergências e ausências.

Aos demais professores do Departamento de Comunicação Social da UFMG pela inspiração e valiosas contribuições. Em especial: Geane Alzamora, Bruno Leal, Phellipy Jácome, Carlos Mendonça, Carlos D'Andréa, Paula Simões, Juarez Guimarães, Vera França.

Aos colegas de Programa de Pós-graduação em Comunicação Social, pela parceria: Caixeta, Edu, Paulo, Hugo e Fred. Em especial a minha amiga Raabe pelas alegrias e ansiedades compartilhadas, não só nas entregas de trabalhos e apresentações, mas também na rotina dentro e fora da pesquisa.

A professora Júnia Miranda, que desde a graduação na PUC Minas me dispensa tanto carinho, pelo depoimento pessoal despretenso, exemplo de triunfo. A professora Verônica Soares pelas gentis e valiosas contribuições, que expandiram nosso olhar na pesquisa.

Ao professor Tiago Salgado, pelas orientações antes mesmo de me tornar mestranda e o posterior compartilhamento de textos, que muito enriqueceram meu aprendizado.

Aos amigos de vida, representados por Dani, Livinha, Samu, Fê e Rô pelas palavras de incentivo nos momentos de tristeza, e compartilhamento de alegrias.

Por fim, ao meu Pai, que vibrou intensamente com minha aprovação na seleção do mestrado e nos deixou subitamente, na fase final de conclusão desta pesquisa. Acima da saudade, que é avassaladora, seus exemplos de coragem e força me trouxeram até aqui. Eu precisava te deixar orgulhoso!

Neste ondular de emoções, que ora nos projeta acima de nós mesmos, ora exige tanto de nós, percebo certa coerência em tudo que se passou. Quando nos dispomos a observar um acontecimento mobilizador de comoção, não podemos nos supor ilesos a abalos, a emoções violentas que, por mais que nos paralisem por alguns instantes, também nos impulsionam a novas descobertas e conquistas, fora e dentro de nós.

Resumo

Este trabalho se propôs a refletir sobre as maneiras como aspectos emocionais são convocados no texto jornalístico durante a pandemia de Covid-19. A partir da identificação dos afetos localizados nos discursos e das estratégias utilizadas para mobilizá-los discutimos como o jornalismo opera suas narrativas em um contexto de comoção, não considerando as emoções como impulsos individuais opostos à racionalidade, mas fenômenos que se relacionam com normas sociais advindas de crenças e imaginários sociodiscursivos. Para tanto, analisamos a cobertura realizada pelo Jornal Minas, da Rede Minas, nos primeiros dois anos e quatro meses de pandemia. Como resultado buscamos entender como o jornalismo desta TV pública instaura a emoção ao relatar a Covid-19, destacando as transformações sofridas pelos afetos que influenciam e são influenciados pelo texto jornalístico.

PALAVRAS CHAVE: Texto Jornalístico. Emoções. Pandemia Covid-19. Televisão.

Abstract

This work aims to reflect on the ways in which emotional aspects are invoked in journalistic texts during the Covid-19 pandemic. From the identification of the affects located in the speeches and the strategies used to mobilize them, we will discuss how journalism operates its narratives in a context of commotion, not considering emotions as individual impulses opposed to rationality, but phenomena that relate to social norms arising from socio-discursive beliefs and imaginaries. To this end, we will analyse the coverage carried out by Jornal Minas, from Rede Minas, in the journalism of this public TV establishes emotion when reporting Covid-19, highlighting the transformations undergone by the affections they influence and are influenced by the journalistic text.

KEY-WORD: Journalistic text. Emotions. Covid-19 pandemic. Television

Índice de Ilustração

Figura 1: Mapa de reportagem Jornal Minas 1° e 2° edição do dia 03/04/2023	45
Figura 2: Mapa de reportagem Jornal Minas 1° e 2° edição do dia 10/08/2023	45
Figura 3: Frame de sonora gravada em dispositivo móvel.....	53
Figura 4: Frame de matéria com enquadramento fora do padrão de qualidade	54
Figura 5: Frame de passagem gravada em formato selfie	55
Figura 6: Frame da série “Essencial é Sobreviver”	56
Figura 7: Frame de entrevista ao vivo, remota em dual.	57
Figura 8: Frame de entrevista ao vivo, remota em telão.	57
Figura 9: Frame de matéria coberta com imagem da internet	58
Figura 10: Frame de matéria coberta com imagem de pessoas estrangeiras	58
Figura 11: Imagens enviadas pela assessoria do Corpo de Bombeiros de MG	58
Figura 12: Frame de matéria mostra entrevistado segurando o microfone	59
Figura 13: Frame de matéria mostra ampliação da agenda de fontes.....	60
Figura 14: Apresentador do programa Meio de Campo	61
Figura 15: Apresentador do Meio de Campo como repórter geral no JM2.....	61
Figura 16: Mapa de reportagem do Jornal Minas 1° e 2° edição do dia 06/08/2020	62
Figura 17: Mapa de Reportagem Jornal Minas 1° e 2° edição do dia 07/08/2023	62
Figura 18: Frame de matéria "Se prevenir, sem pânico"	64
Figura 19: Identidade Visual do Quadro "Gente do Bem"	73
Figura 20 – Frames do quadro “Mineiros no Exterior”	77
Figura 21-Frame da matéria “A História que ensina”	78
Figura 22- Nuvem de palavras 1° onda emocional	80
Figura 23 - Frame Matéria Abertura dos Bares	89
Figura 24: frame da coluna de esporte	89
Figura 25- Nuvem de palavras - 2° onda emocional	90
Figura 26: Frame mostra manifestantes sem máscara	101
Figura 27: Nuvem de palavras - 3° onda emocional	103
Figura 28: Frame “Marcas difíceis de serem esquecidas”	111
Figura 29: Frame covas abertas	114
Figura 30:Frame mostra que fonte é paciente durante reabilitação.....	114
Figura 31 Nuvem de palavras- 4° onda	115
Figura 32 Frame Flexibiliza uso de máscaras BH.....	123
Figura 33: Frame personagem usa máscara mesmo com desobrigatoriedade.....	124

Figura 34: Nuvem de palavras 5° onda emocional..... 125

Quadros

Quadro 1: O drama da saúde	81
Quadro 2: Ribeirão das Neves	93
Quadro 3: Brasil ultrapassa a marca de duzentas mil mortes	104
Quadro 4: Rede hospitalar lotada	115
Quadro 5: Sem máscara!.....	125

Sumário

Introdução	13
1. O acontecimento Covid-19 e o telejornalismo	15
1.1. Quanto tempo a pandemia durou para você?.....	15
1.2. Na sala de nossas vidas.....	18
1.3. Práticas jornalísticas e emoções	27
1.4. Emocionalização na crise	30
2. Os textos no contexto do telejornalismo e de uma TV pública	35
2.1. Rede Minas	39
2.2. O telejornal	42
2.3. Os impactos da pandemia na produção jornalística da TV Minas	46
2.4. Notas metodológicas	49
3. A “supremacia” da informação – um quadro geral das mudanças	51
3.1. Nunca entregue o microfone ao entrevistado!.....	59
3.2. Modificações nas equipes do jornalismo.....	60
3.3. “Fique por dentro” e “distantes, porém mais próximos”.....	63
4. Quando as emoções tomam conta	65
4.1. Eixos temáticos.....	69
4.2. As ondas emocionais	73
4.2.1. Primeira onda: entre conter o pânico e prever o caos	75
4.2.2. Segunda onda emocional: as indignações e a dessensibilização.....	88
4.2.3. Terceira onda emocional: entre o luto e a esperança	100
4.2.4. Quarta onda: terror e revolta	109
4.2.5. Quinta onda emocional: ansiedade, cautela e alívio	120
5. Consideração finais.....	130
6. Referências bibliográficas	135
7. Anexos.....	141

Introdução

Doze meses após o registro do primeiro caso de Covid-19 em Minas, nos deparamos com uma dura realidade. Mais de 19 mil mineiros só existem agora na memória de seus familiares. Uma dor que o tempo abranda, mas não apaga. Quase um milhão de pessoas contaminadas por um vírus que testa a capacidade de adaptação e sobrevivência da raça humana. E que requer todos os dias a elevação da esperança a patamares nunca antes sentidos por muitos de nós¹

Embora muitas vezes centrado no relato do factual, ao se apresentar como uma forma de mediação que toma parte do processo de organização da experiência comum dos acontecimentos, o jornalismo assume um papel no qual as subjetividades se fazem presentes em maior ou menor grau no texto jornalístico.

Nesse sentido, a cobertura da pandemia de Covid-19 é um campo rico de reflexão sobre como o jornalismo mobiliza e é mobilizado pelas subjetividades. Tal pandemia pode ser vista como um acontecimento trágico, transformador de vidas, principalmente no Brasil, com número elevado de mortes e o tipo de ação pública desenvolvida na condução da crise sanitária.

Nesse contexto, tendo que dar conta de uma cobertura diária exaustiva, repleta de incertezas e reconfigurações da rotina jornalística, o telejornalismo passou a ocupar a maior parte da grade das emissoras, tão diversas entre si em termos de recursos tecnológicos, financeiros, de interesses e linhas editoriais.

Atuando como servidora pública desde 2014 na Rede Minas, TV pública de Minas Gerais, e assumindo em 2019 as funções de editora-adjunta e apresentadora do Jornal Minas 2º edição, diante dos desafios múltiplos impostos pela pandemia, buscando a integração de equipes remotas e presenciais, precisando abarcar os destaques do dia com tão poucas equipes e diante de cenário tão inseguro, ao fim de cada edição, como integrante dessa equipe, os mesmos questionamentos me alcançavam: os conteúdos produzidos por nós têm transmitido qual mensagem? Como retratar a realidade de forma a não promover o *pânico*, mas também não enfatizar a *apatia*? Perante tanta morte, nossos conteúdos são capazes de mobilizar a *esperança* ou estimulam a *empatia*? Como as matérias veiculadas até aqui têm articulado o estado emocional aflorado que prevalece entre todos os profissionais envolvidos nas produções jornalísticas? A comoção pública vem sendo retratada nos textos de que forma? Nossas matérias expressam quais tipos de afetos? Tais afetações vêm se modificando ao longo desses cerca de dois anos e meio de pandemia?

¹ Texto introdutório de reportagem veiculada no Jornal Minas segunda edição no dia 08/03/2021, marcando um ano da homologação pela Fiocruz do primeiro caso de Covid-19 em Minas Gerais. Link: <https://encurtador.com.br/loJNP>

Tornava-se, assim, fundamental refletir sobre os processos de construção das narrativas, principalmente quando, ao nos depararmos com os números crescentes de casos de Covid-19, e os inúmeros flagrantes de aglomerações e desrespeito aos protocolos sanitários, voltávamos para casa incertos sobre o cumprimento do dever de bem informar para evitar o agravamento da situação.

Afinal, na repetição diária dos boletins epidemiológicos, na divulgação dos mortos em forma de números, ou, por outro lado, na veiculação de testemunhais longos e emocionais, estaríamos promovendo a repetição compulsiva da dor, memorizando o trauma ou anestesiando nossos relatos banalizados pela falta de rostos?

Diante de tantos questionamentos e certos de que o texto televisivo também traz em si elementos expressivos diversos, tornou-se importante tratá-lo em conexão com os processos midiáticos que o permeiam, dentro de uma TV pública, diante de um acontecimento de grande comoção. Ademais, entendemos que, quando veiculadas em um canal local e público, as matérias sofrem influência não só da própria linha editorial da emissora, mas também da forma de compreender o discurso jornalístico: “um tipo de ambiência que estabelece disposições e configura modos de agir por meio da rede que a constitui” (ALZAMORA; ZILLER; D’ANDRÉA, 2018, p. 69).

Em vista disso, norteamos nosso estudo com a seguinte pergunta: De que maneiras aspectos emocionais são convocados por relatos referentes à tragédia da pandemia de Covid-19 e como a configuração do texto jornalístico é afetada conforme o tratamento dado pela cobertura feita pelo Jornal Minas, da Rede Minas?

Para tanto, no primeiro capítulo nos dedicamos a entender e caracterizar o acontecimento Pandemia de Covid-19, e a forma como ele rompe com a normalidade de nossas rotinas, seus impactos, seu “poder de revelação e afetação” (QUERÉ, 2005), e modificações que imprimiu ao fazer jornalístico de forma geral.

No capítulo dois, problematizamos a centralidade atribuída à objetividade e à neutralidade para compreensão das práticas jornalísticas, mostrando como as emoções estão presentes em todos os processos da elaboração das matérias jornalísticas, que são resultado de escolhas diversas, de enquadramentos, recorte de sonoras, estabelecendo relações de aproximação ou distanciamento entre os sujeitos e os objetos. Ademais, em um contexto de crise, como o proporcionado pela pandemia de Covid-19, a emocionalização pode ser percebida com mais intensidade, favorecida pelo cenário de dor, morte, crise sanitária e econômica, desemprego e fome.

Com o olhar voltado para a emissora pública, recuperamos no capítulo três aspectos da

história de surgimento das TVs públicas no Brasil, indicando alguns dos diferenciais e desafios que as envolvem, como escassez de recursos, abertura para o financiamento estatal e com ele a tentativa de controle político das programações. Nesse sentido, caracterizamos o surgimento e funcionamento atual da Rede Minas, TV pública de Minas Gerais, terceira maior emissora da categoria no país. Também neste capítulo esclarecemos os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa.

O capítulo quatro tem como objetivo aprofundar na compreensão de alguns dos impactos que a pandemia de Covid-19 teve na produção jornalística e, mais especificamente, na rotina do jornalismo realizado na Rede Minas. Dentre eles, identificamos a mudança em cinco eixos principais de trabalho dos jornalistas envolvidos na elaboração do telejornal, que podem ser percebidos de forma qualitativa nos conteúdos exibidos.

Em seguida, no capítulo cinco, buscamos identificar os principais eixos temáticos das matérias veiculadas, além de delimitar e caracterizar períodos em que houve o predomínio de determinadas emoções, definindo assim, cinco grandes “ondas emocionais” que se destacam na cobertura realizada nos dois primeiros anos e quatro meses da pandemia, pelo Jornal Minas 2º edição, da Rede Minas, que abarca os quatro picos principais da doença conforme as convenções estabelecidas pelas instituições científicas e governamentais. Em todas as ondas emocionais, justificamos e exemplificamos as identificações das emoções por meio de trechos de *offs e sonoras*, avaliação de trilha sonora utilizada e *prints de frames* das matérias veiculadas, publicadas no *youtube* ou *facebook* do Jornal Minas. Para tal, foram consideradas 130 edições do Jornal Minas 2º edição, das quais analisamos conteúdos jornalísticos diversos, entre notas cobertas, *loc offs*, matérias factuais, reportagens especiais, séries de reportagens, entrevistas ao vivo e gravadas, realizadas entre os dias 26 de fevereiro de 2020 – ocasião da confirmação do primeiro caso da doença no Brasil- até 6 de junho de 2022 - quando ocorre o quarto pico da doença.

1. O acontecimento Covid-19 e o telejornalismo

1.1. Quanto tempo a pandemia durou para você?

A Covid-19 foi caracterizada pela Organização Mundial da Saúde como uma pandemia em 11 de março de 2020. Pouco mais de três anos depois, em 5 de maio de 2023, a OMS anunciou o fim da doença como Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional. Habitados aos comunicados, “a limitação dos acontecimentos é frequentemente assinalada de

maneira expressa por anúncios que marcam o começo e o fim dos mesmos” (MOUILLAUD, 1997, p.64).

No entanto, é impossível afirmar que a pandemia tenha tido essa exata duração para todos os que a vivenciaram. Quem experimenta o luto da perda de um familiar por exemplo, ou as sequelas da infecção, pode ainda experienciar o acontecimento em seu pleno vigor, diferentemente daquele que, mesmo sem adotar os protocolos sanitários, passou pela crise sem grandes marcas pessoais. As diferentes percepções podem ser explicadas uma vez que “o acontecimento não é unicamente da ordem do que ocorre, do que se passa ou se produz, mas também do que acontece a alguém”, ou seja, “é porque ele acontece a alguém que ele se torna” (QUÉRE, 2005, p.61).

Assim, para evidenciar o lugar desse acontecimento, que resultou em 702.907 mortes² no Brasil, ficando atrás apenas dos Estados Unidos, que já contabilizam mais de um milhão³ de óbitos, “na organização da experiência individual e coletiva, é preciso situá-lo corretamente na ordem do sentido” (QUÉRE, 2005, p.60).

Ademais, como uma tragédia global permeada por morte e dor, a pandemia de Covid-19 pode ser considerada um acontecimento capaz de gerar comoção: a interrupção de uma rotina, que causa uma ruptura ou desorganização no nosso presente, capaz de suscitar sentidos, fazer pensar ou até instigar a busca de respostas alternativas.

De acordo com Vera França (2012), comentando Quéré, o acontecimento possui duas “vidas” que coexistem. A primeira é “de ordem existencial e trata-se do acontecimento que percebemos, que nos toca, que congestiona o nosso cérebro, dificulta nossa respiração, acelera o nosso coração”, podendo lançar luzes sobre o presente, passado e futuro. Já a “segunda vida é o acontecimento tornado narrativa, tornado um objeto simbólico”, fase em que “a experiência do narrador traduz-se na criação simbólica, na construção discursiva” (FRANÇA, 2012, p.20).

Assim, os acontecimentos ao mesmo tempo em que modificam vidas e provocam sentidos, são também reconfigurados pelas coberturas jornalísticas, o que nos leva a crer que a atuação midiática pode interferir de forma intensa na condição em que esse acontecimento será (re)apresentado ao mundo.

Ao ser retomado pela comunicação social, o evento⁴ começa a levar uma nova vida, independente da primeira. Torna-se um objeto de julgamento. De fato, a comunicação não se contenta em anunciar eventos, nomeá-los ou agregar uma etiqueta de

² Recorremos à página oficial do Ministério da Saúde: covid.saude.gov.br Acesso em 06 de Jun. 2023

³ Os Estados Unidos contam com 1.166.043 mortes. Recorremos à página trt.net.tr/portuguese/covid19 que traz dados mundiais atualizados. Acesso em 06 de Jun.2023.

⁴ Tradução: Maurício Serva. Nesse caso, “evento” deve ser entendido como “acontecimento”.

identificação ou de categorização: ela os ordena e os transforma em objetos dotados de significações e dotados de certo alcance, certo potencial. (QUÉRÉ, 2021, p.10)

Sendo assim, “os acontecimentos explodem na superfície da mídia sobre a qual se inscrevem como sobre uma membrana sensível e põem em ressonância os sentidos que nela são inscritos” (MOUILLAUD, 1997, p.50). Além disso, quanto mais próximos de nossa experiência, mais os acontecimentos reverberam em nós. De acordo com a perspectiva da professora Vera França (2012) os acontecimentos mais próximos da realidade de nossa vida cotidiana são os que mais falam de afetos, de relações, da luta pela sobrevivência.

O “poder de revelação” do acontecimento (QUÉRÉ, 2005) também é capaz de mostrar o que somos enquanto sociedade, podendo enquanto conceito ser utilizado como operador metodológico na área da comunicação. Ao permitir perceber os diferentes sentidos em circulação materializados em variadas formas discursivas, o acontecimento, como orientador de possibilidades metodológicas, favorece a identificação do que foi evocado ou perturbado e quais seus desdobramentos, os horizontes que descortinam e para onde ele aponta, conforme indicam França e Lopes (2017).

Dessa maneira, o acontecimento pandemia de covid-19 pode nos oferecer pistas a respeito de valores sociais predominantes, nos sinalizar ideologias políticas, evidenciar desigualdades e fazer refletir sobre fragilidades, presenças e ausências no contexto em que se insere.

Direcionando o olhar para os acontecimentos e suas temporalidades, Antunes também chama atenção para o “acontecimento como uma referência inicial que demanda a construção de uma interpretação, sua transformação em fatos, em “acontecimentos jornalísticos” (ANTUNES, 2014, p.142). Nesse aspecto, o acontecimento midiático, de acordo com o pesquisador, se dá na “articulação em uma estratificação temporal (...) no âmbito do enredo; nas referências temporais que descrevem o acontecimento (...) e no nível da enunciação (ANTUNES, 2014, p.143).

Ademais, a mídia também teve, sobretudo durante a pandemia, uma função importante de marco temporal. Por meio dela é que tentávamos perceber a passagem do tempo, conforme Leiroz e Sacramento (2021):

No recorte temporal do período de maior isolamento social, o tempo midiático foi o que nos manteve em articulação com a cronologia de nosso momento, contada no relato catastrófico de mortes, em testemunhos e no apelo da lembrança de emoções e memórias de gestos por meio da televisão. (LEIROZ, SACRAMENTO, 2021, p.401)

Dessa forma, a pandemia de Covid-19 é um acontecimento marcadamente disruptivo, pelas transformações que impôs em diversos aspectos da vida humana, mas também um acontecimento que foi amplamente noticiado, sofrendo reconfigurações de acordo com as estratégias colocadas em jogo pelos agentes do discurso e o forte potencial de comoção.

1.2. Na sala de nossas vidas

Embora tenha ocorrido o contínuo funcionamento de serviços essenciais, a atuação de trabalhadores que não tiveram a opção de se protegerem no refúgio de seus lares, para garantir o sustento de suas famílias, e a existência de tantas pessoas em situação de rua, foi da sala de casa que muitos de nós vivenciaram a pandemia de Covid-19. O isolamento social transformou nossas rotinas, tornou o convívio entre cônjuges, pais e filhos, mais frequente. Propiciou o recorde dos divórcios⁵, transformou nossas casas em escritórios, devassou nossa intimidade com as reuniões em videochamadas e o ensino remoto. Transformações que testaram nossas relações e resistência, que colocaram à prova nossa capacidade de adaptação. Sentados no sofá, nos informávamos sobre o vírus devastador, nos divertíamos com as *lives* promovidas por artistas, maratonávamos séries e nos permitíamos ficar perplexos ou apenas ficar. Uma parte da vida passada ali, sentados diante de uma espera que parecia paralisada no tempo. Percepção distorcida do tempo, já que “na prática cotidiana e inflexível, o tempo-espaço que nos constrange ao isolamento social em casa é o mesmo que nos aprisiona em um eterno presente, sem expectativas de futuro” (LEIROZ, SACRAMENTO, 2021, p. 387). De acordo com os autores, a perda de uma rotina de multiplicidade de espaços alterou a forma com a qual a passagem do tempo foi sentida:

A saída do espaço doméstico para uma multiplicidade de outros espaços e formas de vida foi temporariamente suspensa. As marcas temporais, vinculadas a um cotidiano que preenchia espaços, condensaram-se. Nossa capacidade de estruturar, gerenciar e manipular nossa experiência do tempo transformou-se. (LEIROZ, SACRAMENTO, 2021, p. 386)

Nesse cenário, embora a televisão venha perdendo o status de primeira tela, diante do consumo disperso de conteúdos noticiosos nas redes, a grande tela teve seu protagonismo como fonte de informação para a população brasileira. Em 2020, pesquisas de audiência indicam que

⁵ Recorremos a página do Colégio Notarial do Brasil <https://www.notariado.org.br/?s=divorcios+dados> que mostra que o ano de 2021, o segundo da pandemia do novo Coronavírus, foi marcado pela realização de 80.573 divórcios no Brasil, número recorde da série histórica iniciada em 2007.

a cobertura telejornalística alcançou 82% da população⁶. Também foram os noticiários a ocupar o “segundo lugar no ranking de produtos audiovisuais que mais motivaram conversas nas redes sociais⁷, depois dos reality shows” (BECKER, THOMÉ, 2022, p.7). De acordo com o Ibope Media, o consumo médio de televisão no Brasil aumentou em 37 minutos, passando a 7 horas e 9 minutos em 2020. Além disso, 38 das 50 maiores audiências registradas pela televisão ocorreram neste mesmo ano⁸, superando anteriores que contaram com coberturas de grandes eventos como Copa do Mundo (2018), greve dos caminhoneiros (2017) e jogos Olímpicos (2016).

A pandemia de Covid-19 colocou em evidência o trabalho do jornalismo profissional e também chamou atenção para a importância das emissoras de televisão, sobretudo as TVs abertas. Isso pode ser explicado por alguns fatores. Primeiramente, a imposição do isolamento social, que levou à adaptação de rotinas e de formas de consumo. Considerando que no Brasil cerca de 33,9 milhões de pessoas não têm acesso à internet e outras 86,6 milhões não conseguem se conectar todos os dias⁹, as TVs abertas, ao lado do rádio, se destacaram como veículos midiáticos mais acessíveis nesse momento¹⁰.

Outro aspecto relevante é que, embora o fenômeno da desinformação não seja inédito, a disseminação de informações falsas é cada vez mais facilitada pelos ambientes social e tecnológico atuais. De acordo com D’Andrea e Henn, os rápidos avanços nas tecnologias da informação - particularmente através da utilização dos mecanismos de inteligência artificial (IA) – alteram as maneiras pelas quais as informações dos mecanismos (juntamente a processos de desinformação) podem ser produzidas e disseminadas (D’ANDREA, HENN, 2021, p.3).

O aplicativo de mensagens *WhatsApp*, por exemplo, passou a ser utilizado em uma intrincada rede tecnológica de manipulação do usuário, vinculada, inclusive, à interesses políticos.

⁶https://www.kantaribopemedia.com/wp-content/uploads/2021/03/Inside-Video_A-Redescoberta.pdf Acesso 16 de junho 2024

⁷Autora se baseou na página <https://player.r7.com/video/i/605b9d45416eb9ef9200032e>. Acesso em: 15 jan. 2022.

⁸ Ver referência 6

⁹ Recorremos ao levantamento feito pelo Instituto Locomotivas e da empresa de consultoria PwC divulgado em 21 de abril de 2021 – Disponível em: <https://ilocomotiva.com.br/clipping/labs-news-34-milhoes-de-brasileiros-nao-tem-acesso-a-servicos-bancarios>. Acesso em: 05 de jun. 2022

¹⁰ A título de análise, solicitamos à diretoria da Rede Minas, por diversas vezes, os dados de audiência do Jornal Minas um ano antes, durante, e um ano depois do período de pandemia. A direção da emissora repassou a demanda, nos colocando em cópia, para o Ibope Media. Todas as tratativas estão documentadas em emails. A demanda circulou por diversos setores do Ibope Media, com a resposta de que o pedido “passaria por uma análise de número de licenças e solicitação especial”. No dia 28 de maio, depois de nova provocação sobre retorno definitivo quanto a demanda que havia sido paralisada em outro setor da empresa, recebemos a resposta final “peço desculpas por não termos retornado o e-mail anteriormente. Não será possível disponibilizar os dados do período solicitado-ver anexo1

Não por coincidência, aliás, mensagens do “zap” estão frequentemente associadas a links de vídeos da plataforma de vídeos da Google. (...) para fortalecer a credibilidade de mensagens enviadas ao WhatsApp, são seletivamente convocadas algumas “fontes de legitimidade” (profissionais de saúde, bulas e receitas médicas, instituições, centros de pesquisa e universidades) que reforçam os argumentos de interesse dos bolsonaristas. (D’ANDREA, HENN, 2021, p.7)

Ademais, nos dias atuais é significativa a tendência de não cremos mais em relatos cujos fatos não nos convém. A pós-verdade, definida no dicionário como “algo que denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência na opinião pública do que o apelo à emoção ou às crenças pessoais” (LATGÉ, 2016) tem forte ligação com o ambiente criado pelas redes sociais e seus algoritmos, como pontua Mariana Conde:

Nada mais propício ao apelo emotivo e a nossas crenças que a “bolha” do facebook que nos prende. Basicamente, o algoritmo responsável pelo conteúdo do feed de notícias nos previne de sermos confrontados com opiniões diferentes das nossas, mostrando apenas aquilo de que vamos gostar. As mídias sociais e suas lógicas, o público participativo, os recursos de interatividade proporcionados pela internet e a abundância de informações circulando nesses meios propiciam um ambiente não só para a distribuição de notícias falsas, mas, principalmente, para seu espalhamento. (CONDE, 2018, p. 276)

Com isso, o papel reivindicado pelo jornalismo profissional de ser o agente autorizado a falar do mundo para o mundo, é cada vez mais desafiado pela perda do monopólio discursivo para as novas tecnologias, que podem tanto pluralizar as vozes quanto favorecer “enclaves discursivos fechados em si” colocando em xeque o “jornalismo como um sistema perito” (MIGUEL, 2022).

Nesse sentido, embora ainda detendo grande poder de agenda, o jornalismo realizado em veículos tradicionais, convive agora com o crescente “relativismo radicalizado”, definido por Miguel como a impossibilidade de algo ser aprovado para além de qualquer dúvida. Ademais, em um contexto em que os relatos são todos igualados como “narrativas”, informações produzidas por profissionais treinados e experientes dentro de redações, passam a ter o mesmo valor de verdade daqueles espalhados por qualquer outro agente por meio das novas tecnologias. Assim, o questionamento sobre a escolha das fontes de informação de uma matéria, a desconfiança sobre a veracidade de dados divulgados - até então tidos como irrefutáveis já que vindos de órgãos de pesquisa legítimos - podem ser incluídos nos fenômenos que compõem a era da pós-verdade, na qual ocorre a equalização de todos os discursos como opiniões de valor simétrico, segundo Miguel (2022).

Por isso, durante a pandemia, o jornalismo *mainstream* empreendeu novos esforços para reiterar a credibilidade de suas práticas. Nesse aspecto, veículos de imprensa e institutos de

pesquisa se empenharam na geração de dados e informações que pudessem respaldar os conteúdos jornalísticos e dimensionar a crise sanitária. Em fevereiro de 2022, por exemplo, o reconhecido Instituto Butantan criou a cartilha “Além da Covid-19, enfrentamos outra epidemia: a de *fake news*; saiba como se proteger desse ‘vírus’”- um esforço do mundo científico em alertar o cidadão.

As emissoras de televisão também passaram a dedicar mais tempo de suas programações ao jornalismo. Tal medida se justifica pelo padrão de confiança estabelecido pelo consumidor de informação no Brasil, como mostra o “Relatório de Notícias Digitais 2021” do Reuters Institute realizado com mais de 92 mil consumidores de notícias online, em 46 mercados, incluindo o Brasil - e ressaltamos, durante o período mais letal da pandemia no país. Nele, foi analisado o impacto do coronavírus no consumo de notícias, a confiança e a desinformação nas coberturas. O estudo constatou que, mesmo que 34% dos brasileiros ouvidos tenham dito confiar completamente nas notícias presentes nas redes sociais, “a incerteza trazida pela crise da saúde aparentemente fortaleceu o apetite das pessoas por informações confiáveis”¹¹. O mesmo levantamento mostrou que, de acordo com os entrevistados brasileiros, as emissoras de TV tendem a ser os meios informativos mais confiáveis, junto com os jornais locais e regionais.

Somando esforços para a valorização da ciência e em busca de dados mais confiáveis, que fundamentassem as matérias jornalísticas, alguns veículos de imprensa se reuniram por meio da criação do Consórcio de Veículos de Imprensa, que apurava junto às Secretarias Estaduais de Saúde as informações relativas ao número de casos e vítimas fatais do coronavírus. Tal esforço foi necessário diante da omissão de informações por parte do Ministério da Saúde, sobre a evolução da pandemia. Para se ter uma ideia, no início da pandemia - gestão do Ministro da Saúde Henrique Mandetta - os boletins eram diários e divulgados sempre às 17h. Com a saída de Mandetta e a chegada do ministro Nelson Teich, os dados passaram a ser liberados às 19h, horário em que muitos veículos de imprensa já precisavam estar com suas edições fechadas. Em seguida, nova mudança e com militar Eduardo Pazuello à frente do Ministério da Saúde, a divulgação ocorria às 22h, de forma descontinuada e sem a totalidade dos estados computados.

Assim, se por um lado as notícias falsas se multiplicam e exigem uma apuração mais cuidadosa, por outro elas também evidenciam a importância do trabalho jornalístico, já que “os

¹¹Recorremos ao levantamento feito pelo Instituto Locomotivas e da empresa de consultoria PwC divulgado em 21 de abril de 2021 – Disponível em: <https://ilocomotiva.com.br/clipping/labs-news-34-milhoes-de-brasileiros-nao-tem-acesso-a-servicos-bancarios>. Acesso em: 05 de jun. 2022

relatos jornalísticos perdem relevância na construção da verdade dos fatos na atualidade, mas as *fake news* deflagram, contraditoriamente, a relevância do bom jornalismo” (BECKER, THOMÉ, 2022 p.2).

Diante de todo o exposto, pode-se dizer que a TV Brasileira, que completou 70 anos de existência durante a pandemia de Covid-19 e veiculou esse acontecimento trágico, não foi a mesma com a qual a população estava habituada nos últimos anos. A necessidade de se interromper a gravação de novelas inéditas em andamento, a suspensão dos campeonatos esportivos e consequente transmissão televisiva, e a dificuldade de dar sequência ao entretenimento com programas de auditórios, por exemplo, obrigaram os canais a reinventarem suas grades de programação. A Rede Globo de Televisão, principal emissora corporativa do país, no domingo de páscoa do dia 12 de abril de 2020, reprisou a final da Copa do Mundo de futebol 2002, entre Brasil e Alemanha. A mesma emissora, reconhecidamente dotada de amplos recursos tecnológicos e financeiros, de veiculação nacional, passou a exibir edições compactas de novelas já veiculadas e aumentou o tempo do jornalismo na programação, criando o programa “Combate ao Coronavírus”, focado na pandemia.

Assim, redações esvaziadas de pessoal, matérias com entrevistas inteiramente remotas e repórteres usando máscaras foram apenas algumas das alterações mais evidentes implementadas na rotina do fazer jornalístico na tentativa de se evitar a disseminação do coronavírus (NEGRINI, DALMÁSIO, 2020; BECKER, 2021; SIFUENTES, RIBAS, ALMEIDA, GUILHERMANO, 2021). Em várias emissoras, se via o próprio entrevistado segurando o microfone, o que acaba por transferir em parte, no âmbito do processo jornalístico de produção, o domínio do ritmo da entrevista para a fonte, que passa a controlar seu tempo de resposta, uma vez que fica dificultada a interrupção de sua fala por parte do repórter. Ainda nesse aspecto, o entrevistado, em variadas vezes, ganhou mais visibilidade também pelo espaço que passava a ocupar na tela, uma vez que a maioria dos enquadramentos feitos nessas circunstâncias deixava de incluir a presença do repórter, de maneira a assegurar o distanciamento previsto pelas orientações sanitárias.

Da mesma forma, o uso mais recorrente de imagens com planos fechados, que evidenciassem a expressão nos olhos das fontes – devido ao uso de máscara -, a repetição de imagens de dezenas de covas abertas, as cenas com familiares emocionados por sequer poderem se despedir de entes queridos, também se tornaram mais recorrentes nos noticiários. Além disso, a realização de reportagens com características mais didáticas, que passaram a explicar desde a forma correta de se lavar as mãos, até o poder de mutação de um vírus; a repetição quase diária de entrevistas com especialistas da área da saúde – destaque para a grande presença

de médicos infectologistas, intensivistas e imunologistas - a demonstração e interpretação diária de gráficos que demonstravam a disseminação da Covid-19, com número de infectados, recuperados e vítimas fatais da doença; o uso recorrente de entrevistas realizadas de forma remota ou de forma amadora por smartphones; passaram a fazer parte dos noticiários e foram aos poucos sendo normalizados entre os veículos jornalísticos.

Tudo isso destacou aspectos da carga emocional a qual o mundo foi submetido e alcançou os noticiários porque entendemos que, no compartilhamento de informações e significados, as narrativas também se orientam por sensações e sentimentos, que não podem ser dissociados das textualidades.

A criação de vínculos emocionais com os noticiários não começou na pandemia (BECKER; GÓES, 2020), mas se tornou mais recorrente no Brasil diante do negacionismo do governo federal, dos ataques do presidente Bolsonaro e de seus apoiadores às instituições democráticas, à imprensa e à ciência, e do crescente número de óbitos pela Covid-19, que ultrapassou a trágica marca de 600 mil mortes no país a partir do dia 8 de outubro de 2021. Assim, desafiados pelo contexto político polarizado, pelas mudanças nos hábitos de consumo de mídias e pelo serviço de streaming no Brasil, a televisão e o telejornalismo investiram em novas formas narrativas da experiência cotidiana para se aproximarem das audiências, permeadas pela subjetivação. (THOMÉ, BECKER, 2022, p.7)

Nesse sentido, as vivências dos jornalistas também ganharam mais espaço nos conteúdos telejornalísticos. Não raro, suas casas se transformaram em redações improvisadas que ganharam visibilidade em matérias que descreviam o “novo normal” desses profissionais. Também se tornaram comuns os depoimentos de jornalistas sobre como estavam superando a própria contaminação pelo vírus, ou falas que mais soavam como desabafos.

O uso da primeira pessoa, o testemunho de apresentadores e repórteres, as enunciações mais informais e a emoção têm se tornado cada vez mais presentes em telejornais de diferentes emissoras brasileiras em coberturas jornalísticas de acontecimentos de grande repercussão. (THOMÉ, BECKER, 2022, p.7)

Assim, observamos que a presença do repórter como mediador ou como uma figura que se destaca pela apuração dos fatos, quando diante um acontecimento de grande repercussão pode assumir uma postura mais testemunhal. Repórteres passam a ser não apenas “contadores de histórias, mas “atores do acontecimento”, conferindo um “efeito de vida real” ao relato, como classificam Ana Paula Ribeiro e Igor Sacramento (2019), ao refletirem sobre as coberturas jornalísticas do atentado terrorista ao jornal Charlie Hebdo, em 7 de janeiro de 2015, acontecimento trágico de repercussão internacional. Ainda segundo os autores, mesmo quando

o repórter se torna personagem, participando da encenação do acontecimento, ele mantém seu lugar de mediador, reforçando o efeito de verdade por outro valor que não é do registro distanciando, mas privilegiando a sua presença e experiência no evento.

Diante do exposto, os ideais de jornalismo como “instrumento de investigação objetiva e desapaixonada” (PANTTI, 2010, p.169) não se sustentam quando passamos a compreendê-lo inserido em uma dinâmica mais ampla, apresentada por estudos que problematizam a objetividade e a neutralidade jornalísticas (JÁCOME, 2013; LEAL, 2014; PINTO, 2014).

No jornalismo, menos do que relatos de ‘fatos acabados’, o que encontramos são narrativas, articulações na linguagem de elementos que são capazes de tornar uma realidade cognoscível. Realidade essa que já não pode ser considerada como pura, fixa, mas sim como uma produção de discursos, sujeita às contradições, às relações de poder e aos campos de sentido existentes numa determinada sociedade e época. (JÁCOME, 2013, p.24).

Dessa maneira, a fórmula assentada no paradigma informacional, na qual um emissor envia mensagens, por meio de um canal, para um receptor, que a decodifica e reage a ela, é muito simplista e empobrecida para descrever um processo comunicacional, de natureza interacional e que possui ambientações, intenções, subjetividades e interpretações, que também reverberam nas experiências próprias dos sujeitos envolvidos.

Nesse sentido, Leal (2014) ressalta que os termos “objetividade” e “jornalismo espelho”, por exemplo, que receberam diferentes significados ao longo da história de acordo com o “entendimento acerca do que é o jornalismo e os valores que o cercam” (p.119), são fortemente questionados por estudos atuais, que não mais ignoram as “múltiplas dimensões” do fazer jornalístico.

Assim, uma visada mais atenta acerca dessas (e de outras) metáforas recorrentes no jornalismo nos permite refletir sobre as contradições e as ambiguidades que marcam esse fenômeno histórico-social. Afinal, em que pese muitas simplificações, o jornalismo tem muitas caras, múltiplas dimensões, abriga uma diversidade de relações em seus processos internos e nos seus diálogos com as demais instituições e agentes sociais, apresentando ora grandes, ora sutis mas sempre significativas variações ao longo do tempo e das diferentes realidades econômico-culturais. (LEAL, 2014, p.120)

Sendo assim, principalmente em um contexto de pandemia, consideramos a emocionalização das notícias como um reflexo da transformação da própria sociedade e da cultura, ou seja, a maior manifestação sentimental por parte das fontes noticiosas, desde políticos, aos cidadãos comuns, contribuiu para a maior presença das emoções nos noticiários tidos como de qualidade.

Além disso, a emoção pode ser vista como facilitadora da inteligibilidade de uma notícia, à medida em que, se identificando com o que é relatado na reportagem pelos entrevistados, sobretudo os personagens, os espectadores tendem a se conectar e compartilhar informações, sentimentos e experiências sobre o assunto ou evento noticiado.

Ainda considerando as emoções, as ocorrências de eventos trágicos vêm sendo apontadas como “aceleradores” da mudança de mentalidade quanto ao aparecimento das emoções no jornalismo de “qualidade”, conforme Pantti (2015, p.169, tradução nossa).

Na cultura midiática contemporânea, o apelo emocional está tipicamente ligado à gêneros de entretenimento, como talk shows e reality shows. No entanto, também foi afirmado que a emoção ganhou mais espaço nas reportagens, a ponto de se tornar um ‘valor-notícia’ (Allern, 2002; Meyer, 2003:12). Eventos recentes como o 11 de Setembro têm sido vistos como aceleradores de uma tendência de abraçar a emoção como uma parte legítima da cultura jornalística (PANTTI, 2015).¹²

Dessa maneira, a expectativa dominante de que os jornalistas sejam sempre objetivos, observadores imparciais dos acontecimentos experimentados pelos outros, enquanto subjuga as suas próprias emoções, pode ser colocada em jogo de forma mais evidente em um cenário de crise, conforme consideram as autoras Pantti e Jorgensen (2021):

Nos estudos de jornalismo, o contexto de gestão de emoções mais estudado é o jornalismo de crise – reportando situações extremas como genocídios, guerras, desastres e grandes acidentes. Esse também é o contexto em que a ideia de distanciamento profissional é talvez o mais difícil de se realizar e em que os impactos emocionais são mais palpáveis no trabalho (PANTI; JORGENSEN, 2021, p.1568 - tradução nossa) (...)¹³

O jornalismo aciona como estratégias sensíveis os “jogos de vinculação dos atos discursivos às relações de localização e afetação dos sujeitos no interior da linguagem” (SODRÉ, 2006, p.10). Isso significa que o texto jornalístico não fica imune às subjetividades do cenário comovente, ao mesmo tempo em que também passa a imprimir na retratação desse contexto marcas e afetações. Como pontua Pinto, “do ponto de vista de quem produz notícia (jornalistas, editores e empresários) (...) é preciso ter em mente que o ato de informar é inseparável do ato de emocionar” (PINTO, 2014, p.166).

¹²Texto original: In contemporary media culture, emotionalism is typically linked with entertainment genres, such as talk shows and reality TV. However, it has also been claimed that emotion has gained more ground in news reporting, to the extent of becoming a new ‘news value’ (Allern, 2002; Meyer, 2003: 12). Recent events such as 9/11 have been seen to accelerate a trend towards embracing emotion as a legitimate part of the journalistic culture.

¹³Texto original: In journalism studies, the most studied context of emotion management is crisis journalism—reporting on extreme situations such as genocides, wars, disasters and major accidents. This is also the context where the professional idea of detachment is perhaps most difficult to perform and the impacts of emotional labor are the most tangible (...).

Ademais, alguns pesquisadores apontam o “estado emocional das fontes” e a presença de “imagens envolventes” como elementos que possuem grande potencial para acionar emoções (PANTTI, 2010, p.174). Dessa forma, é possível entender que as subjetividades também podem ser objetivadas, ou seja, podem ser acionadas com a intenção de invocar mais ou menos afetos, a depender das escolhas feitas pelos profissionais envolvidos em suas construções. Isso ocorre já que as diferentes camadas de observação permitem empreender ainda posições subjetivas e simbólicas, na medida em que, parafraseando Abril (2012, p.8), o “texto visual” presente no texto televisivo comporta “o exercício de olhar, imaginar e ver (ou não ver)”, sendo capaz de convocar, como o “texto geral”, toda uma rede de sentidos.

Nesse aspecto, as coberturas jornalísticas da pandemia de Covid-19, exploraram imagens comoventes, típicas desse acontecimento trágico, mas também, de forma geral, construíram um enredo com a presença de heróis, vítimas e vilões. Houve um “processo de melodramatização da pandemia de Covid-19 colocando a China como responsável por ela, como vilã da história, como a criadora e propagadora de um mal global”, (SACRAMENTO, 2020, p.122), principalmente ao se considerar discursos políticos, amplamente divulgados pela mídia. Ao enquadrar os países capitalistas dentro de uma moral liberal-conservadora, na qual Estados Unidos e Brasil poderiam ser representados pelas qualidades das virtudes e bondade implícita aos ideais de democracia, os discursos direcionavam para a China - personificação do mal e de valores antidemocráticos - a raiva social que se costuma manifestar perante um vilão.

Apoiados também nesse modo de narrativa da cultura popular que emprega as emoções para distinguir o bom e o mau, profissionais de saúde e pessoas que superaram à Covid-19 também foram representadas como heróis. Ao mesmo tempo em que, a partir de certo momento, o negacionismo e o movimento antivacina passaram a ser apresentados no jornalismo como outros vilões que dificultavam a vitória da humanidade sob o vírus inimigo e mortal.

Diante do exposto, é possível identificar uma gramática da comoção na cobertura da pandemia de Covid-19 que pode oferecer pistas sobre como esse acontecimento se fez sentir por meio das coberturas jornalísticas e o que diz de nossa sociedade. A cobertura da pandemia de Covid-19 sinaliza uma reorientação dos discursos jornalísticos, na qual a exploração das emoções se faz mais evidente. Conforme pontuamos anteriormente, o uso da primeira pessoa, comentários e testemunhos de apresentadores e repórteres, a elaboração de enunciados mais informais buscando maior proximidade com o público, se tornam mais comuns nas coberturas de acontecimentos de grande repercussão, o que convoca uma breve observação sobre estudos que reflitam sobre a exploração da subjetividade nas narrativas telejornalísticas brasileiras nesse contexto.

De acordo com Becker (2020), um mapeamento dos estudos sobre telejornalismo no Brasil de 2010 a 2020, constatou que somente 10 dos 699 estudos focalizaram o testemunho, a emoção e a subjetividade como recursos narrativos utilizados para estabelecer os vínculos das emissoras com a audiência. Isso requer, de acordo com a autora, novos estudos e investigações capazes de aprofundar conhecimentos sobre os vínculos e as motivações que os cidadãos têm estabelecido com as notícias. Dessa forma, entendemos a importância de voltarmos nosso olhar para os aspectos emocionais da cobertura jornalística da pandemia.

Acreditamos que compreender esses elementos potencializadores de emoções e suas formas de significação, identificando convergências e divergências entre enunciado e enunciação pode ser o início da investigação das relações estabelecidas entre o texto jornalístico e seus afetos nesse cenário trágico. Tudo isso, também considerando que esse processo passa pela atenção ao trabalho dos jornalistas enquanto profissionais que imprimem intencionalidade ao tentar provocar emoções em seu público, quando “constroem e gerenciam a resposta emocional coletiva, concentrando-se em emoções socialmente aceitáveis (...) como tristeza e compaixão”, como realçam Pantti e Jorgensen (2021). Tal atuação em um contexto de crise pode inclusive ser acentuada, se tornando um “compromisso de provocar uma resposta que incite o público à ação”. (2021, p.1569, tradução nossa)¹⁴

Desse modo, entendemos que a pandemia de Covid-19 realçou uma tendência de aproximação dos modos de se fazer jornalismo e das práticas profissionais com o fato narrado por meio do compartilhamento de emoções que emergem do texto com múltiplas intencionalidades. Afinal, “cada vez mais em nossa cultura — o telejornalismo faz parte disso — a verdade vem sendo colocada como da ordem do agenciamento emocional. Ter o narrado reconhecido como verdadeiro também é, em nossos tempos, narrar de modo emocionado e emocionante” (LEIROZ, SACRAMENTO, 2021, p.401).

1.3. Práticas jornalísticas e emoções

A relação entre as emoções e o jornalismo tido como “de referência” é historicamente problemática. Isso se explica porque os ideais de jornalismo ligados aos modelos clássicos se referem ao jornalismo como um relato verdadeiro e fiel do fato, muitas vezes pautado na “honestidade do jornalista e do veículo de comunicação em que ele atua”, conforme comenta

¹⁴ Texto original: Journalists both construct and á collective emotional response, for instance by focusing on socially acceptable, unifying or “calming” emotions (such as grief and compassion) rather than on disruptive emotions (such as anger). Moreover, in the context of crisis journalism, journalistic witnessing involves a commitment to elicit an emotional response that incites the audience

Jacome (2014) ao se referir ao Manual do Telejornalismo, de Barbeiro e Lima (1998). De acordo com essa perspectiva, explica Jacome, o uso de “metáforas, ironias, adjetivação devem ser encaradas como um erro e um desvio ético que comprometeriam a veracidade dos relatos” (p.172). Dessa forma, se o uso desses recursos linguísticos era relacionado ao comprometimento da “qualidade do jornalismo”, que dirá o acionamento de emoções. Assim, também a emotividade no discurso jornalístico era vista como um desvio do papel social do próprio jornalismo, que deveria se restringir a informar e educar por meio da razão. Distanciar-se, então, desse objetivo era tido como a realização de um jornalismo de menor qualidade, como aponta Pantti (2015, p.169, tradução nossa):

Nos estudos de jornalismo, a ‘emocionalização’ tem sido tipicamente discutida no contexto da comercialização ou tabloidização do jornalismo (Franklin, 1997; McNair, 1999; Sparks, 1998) e de forma correspondente, a emoção tem sido associada ao aumento dos ‘valores de entretenimento’ ou sensacionalismo. Tanto na pesquisa acadêmica quanto no debate público, a emotividade normalmente representa um declínio nos padrões nos padrões do jornalismo e um desvio do papel social próprio do jornalismo (...) ¹⁵

Tal pensamento contribui, conforme sinalizam Jukes, Fowler-Watt, Rees (2020), para a relativa escassez de pesquisas nesse campo já que, vinculado a um modelo de democracia liberal e ideal associado de objetividade, falar de emoção no jornalismo era praticamente um tabu. De acordo com os autores, “é apenas no passado recente que ocorreu uma ‘virada emocional’ nos estudos de jornalismo desenvolvidos junto com as mudanças tecnológicas, impulsionadas pelas mídias sociais, que (...) inauguraram um papel maior para a emoção no jornalismo”¹⁶ (JUKES; FOWLER-WATT; REES, 2020, p.4, tradução nossa)

Além disso, estudos recentes apontam que “a relação intrínseca entre acontecimento e fato jornalístico não os torna fenômenos equivalentes” e que o acontecimento funcionaria como uma “referência inicial que demanda a construção de uma interpretação de sua transformação em “acontecimentos jornalísticos” (ANTUNES, 2014, p.142). Ademais, se observado de forma mais cuidadosa, o próprio jornalismo sempre foi emocional na tentativa de atrair o público,

¹⁵ Texto Original: “In journalism studies, then, ‘emotionalization’ has been typically discussed in the context of commercialization or tabloidization of journalism (Franklin, 1997; McNair, 1999; Sparks, 1998) and, correspondingly, emotion has been associated with increased ‘entertainment values’ or ‘sensationalism. Both in academic research and public debate, emotionality typically represents a decline in the standards of journalism and a deviance from journalism’s proper social role(...)”

¹⁶ Texto original: “It is only in the recent past that what has been posited as an ‘emotional turn’ in journalism studies has developed alongside the technological changes driven by social media, which, in turn, have ushered in a greater role for emotion in journalism”.

buscando construir uma “experiência de envolvimento” por meio de narrativas que comumente apresentam “heróis e vilões” (KOIVUNEN et al., 2021)

Assim, a presença das emoções no jornalismo também nos evidencia como todas as nossas ações envolvem “apreciações, julgamentos” (AHMED, 2014). Mesmo que experiente nas técnicas jornalísticas e fundamentado em princípios éticos, o contato do jornalista com um “objeto” – que dentre outras coisas implica contato também com os acontecimentos - gera sentimentos, emoções e sensações que, conforme comenta Ahmed, não podem ser facilmente separados, já que é por meio das emoções ou de como reagimos aos “objetos” e aos outros que o “eu” e o “nós” são moldados.

No meu modelo de sociabilidade das emoções, sugiro que as emoções criam o próprio efeito das superfícies e limites que nos permitem distinguir um interior e um exterior em primeiro lugar. Assim, as emoções não são simplesmente algo que 'eu' ou 'nós' temos. Em vez disso, é através das emoções, ou como reagimos aos objetos e aos outros, que as superfícies ou limites são feitos: o 'eu' e o 'nós' são moldados e até assumem a forma do contato com os outros (AHMED, 2014, p.10, tradução nossa)¹⁷.

Dessa maneira, as emoções, de acordo com autora, não estão “dentro” nem do individual, nem do social, mas produzem as próprias superfícies e limites que permitem que o individual e o social sejam delineados. Como locais de tensão pessoal e social, os “objetos” colocam as emoções em circulação, permitindo constatar que “todas as ações são reações” (AHMED, 2014, p. 4, tradução nossa), no sentido de que o que fazemos é moldado pelo contato que temos com o outro. Assim, as emoções envolvem processos de afetar e ser afetado.

Entendendo assim “as emoções como relacionais” (Ahmed, 2015, p. 30, tradução nossa), capazes de estabelecerem relações de aproximação ou distanciamento entre os sujeitos e os objetos, acreditamos que o relato de um acontecimento coloca em maior ou menor grau a emotividade em movimento, gerando efeitos ao mesmo tempo em que também os assimila.

Também é necessário considerar que o texto é uma construção de linguagem associada à uma ocorrência comunicativa, que ganha significado à medida em que a informação é decifrada pelo interpretante. Dessa maneira, quando o texto, visto como signo, que pode ser definido como qualquer objeto que assuma a substituição de outro objeto (PEIRCE apud SANTAELLA, 2004) é conduzido da denotação para a conotação, ele também sofre a mudança

¹⁷ Texto original: Feelings become a form of social presence rather than self-presence. In my model of sociality of emotions, I suggest that emotions create the very effect of the surfaces and boundaries that allow us to distinguish an inside and an outside in the first place. So emotions are not simply something 'I' or 'we' have. Rather, it is through emotions, or how we respond to objects and others, that surfaces or boundaries are made: the 'I' and the 'we' are shaped by, and even take the shape of, contact with others.

da significação, ampliando sua subjetividade. Ocorrendo o contrário quando ele é mera denotação, o que implica em ter “apagadas as suas mediações” (LEAL,2022, pg.78).

1.4. Emocionalização na crise

Relatar acontecimentos repentinos, imprevisíveis e desafiadores faz parte da rotina de muitos jornalistas, de forma mais ou menos frequente. O correspondente de guerra, por exemplo, se encontra mais fortemente imerso a uma atmosfera de crise do que o jornalista que fez a cobertura do atentado terrorista ao jornal Charlie Hebdo, em 7 de janeiro de 2015. Isso porque a duração e abrangência do acontecimento exercem impactos na amplitude da crise, assim como a proximidade ou distanciamento do jornalista com os eventos.

Nesse sentido, a cobertura da pandemia de Covid-19 não ofereceu escolhas. Não era preciso viajar para um local específico para se deparar com os seus efeitos. Da mesma forma, não era possível estimar a duração dessa crise global, ou supor que as manchetes sobre esse trágico acontecimento desapareceriam após um ciclo de notícias de rotina. “(...) esta (a pandemia) não é uma guerra distante em que jornalistas saltam de paraquedas para relatar a ação por algumas semanas e depois voar para casa. É à nossa porta”. (JUKES, FOWLER-WATT, REES, 2020 p.2, tradução nossa).

Assim, entrelaçada às narrativas, a vida de cada jornalista passou a fazer parte da história que se constituía no tempo e nas próprias matérias jornalísticas, permeadas mais fortemente pela dor, pela perda e pelo desconhecido que passaram a fazer parte de nossas rotinas.

Dessa maneira, mergulhado no choque desse acontecimento, passamos a compreender que o jornalismo também se movimenta de maneira a acionar “tecnologias culturais de comoção”¹⁸ por meio de técnicas que exploram dois tipos de sensibilidade que coexistem na estrutura do humano. A primeira seria da ordem da “sensibilidade física”, ligada à disposição individual para experimentar *sensações*; uma sensibilidade que se manifestava no funcionamento do corpo como fremente receptor de estímulos, propenso à palpitação nervosa e à excitação fisiológica. A segunda, “a sensibilidade moral”, vinculada ao sentimento que “conecta nossas afeições às de outras criaturas”¹⁹.

Nesse aspecto, a palavra *comoção*, que provém do latim *commotion*, tendo sido introduzida em nosso idioma no início do século XVII, como substantivo derivado de

¹⁸Recorremos às anotações disponíveis ao Plano de aula para disciplina eletiva dos cursos de Mestrado e Doutorado da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação – Linha: Mídia e Mediações Socioculturais – professor João Freire Filho.

¹⁹ Ver nota 18

commovere - cujo significado estrito era pôr alguém em movimento ou agitar alguma coisa - possui íntima relação com o significado de *emoção*, quando o último termo se desloca para o campo dos abalos afetivos e morais mais violentos como mostra João Freire Filho:

No século XIX há uma nova taxonomia dos fenômenos sensíveis que estabelece uma distinção que estamos mais familiarizados. De um lado as emoções, movimentos mais suaves do espírito; de outro as comoções como uma subespécie de emoção, uma emoção violenta²⁰.

Dessa maneira, é possível entender a *comoção* como uma “emoção violenta” advinda de uma mudança de estado ou abalo externo, que também é capaz de movimentar-se de dentro para fora, enquanto fenômeno sensível, acionando estruturas psicológicas. Nesse sentido, entende-se que a comoção também realiza um percurso semelhante ao da emoção, conforme pontua Sodré (2006):

“Emotus” significa abalado, sacudido, posto em movimento. Esse movimento pode ser também descrito como uma “moção”, a exemplo de Hobbes que, para explicar a origem da paixão, recorre à idéia de um percurso, cuja primeira etapa, a da apreensão sensível do objeto, consiste na moção cerebral provocada pela “concepção” ou aparência do objeto. Na segunda etapa, a moção é suscetível de transformar-se no coração em dor ou prazer. (SODRÉ, 2006, p.29).

Direcionando um segundo olhar para a comoção, João Freire Filho (2022, p.7) também destaca seu caráter coletivo, ao realçar um trecho do livro “Povo em lágrimas, povo em armas” (2021), do filósofo e crítico de arte da École de Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris, Georges Didi-Huberman:

A comoção seria a emoção quando ela olha, não o eu, mas o nós da comunidade. Para isso, é preciso que cada um se sinta tocado, emocionado, acionado. (...) lágrimas sobre um único rosto —tornar-se-ia problema de todos, ou, na melhor das hipóteses, a causa política de todo um povo. (apud FILHO, 2022 p.7).

Ao analisar o potencial das celebridades para despertar a comoção e a indignação públicas em torno dos acontecimentos, Simões (2022) também diferencia as dimensões privada e pública da comoção. A primeira, definida quando o acontecimento afeta apenas aqueles diretamente envolvidos na situação, e a segunda quando o acontecimento é capaz de afetar indiretamente os envolvidos, sendo dessa segunda forma que, por exemplo, “a morte de uma celebridade, a perda (ou a vitória) em uma eleição ou um acidente de avião podem tocar e

²⁰Recorremos à aula inaugural "Genealogia das Comoções Públicas: Choque, Mobilização e Dessensibilização", proferida pelo professor João Freire Filho, em 9 de agosto de 2021, para o PPGCom UFOP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HZ0kJBDeIw>. Acesso em: ago. 2022.

sensibilizar grupos ampliados de pessoas que se veem afetados por acontecimentos como esses” (SIMÕES, 2022, p.78).

Ademais, diante de um acontecimento de grande comoção pública, como foi a pandemia de Covid-19, permeado pela morte, desemprego e fome²¹, que evidenciou ainda mais as desigualdades sociais do nosso país, além do cenário de desinformação, o jornalismo não só relatou a dor de suas fontes, mas também retratou a dor sentida por seus profissionais por meio de testemunhos pessoais, entradas ao vivo e editoriais. Nesse contexto, equilibrar a experiência emocional se configurou como um desafio.

Crucialmente, quando se trata de jornalistas, a exposição indireta, como por exemplo, a exposição repetida a testemunhar e relatar eventos traumáticos, é reconhecida na literatura médica como potencial vetor de danos²² (JUKES, FOWLER-WATT, REES, 2020, p.4 – tradução nossa).

Um estudo realizado pelo *Reuters Institute for the Study of Journalism* em Toronto, no ano de 2020, sobre o estado de bem-estar emocional dos jornalistas, revelou que um número significativo dos profissionais que reportam sobre o Covid-19 mostra sinais de ansiedade e depressão. De forma mais detalhada, a pesquisa constatou que dos 73 jornalistas entrevistados, 70% relatou sofrerem algum nível de sofrimento psicológico. As respostas também sugeriram que 26% têm ansiedade clinicamente significativa compatível com o diagnóstico de Transtorno de Ansiedade Generalizada, que inclui sintomas de preocupação, sensação de nervosismo, insônia, falta de concentração e fadiga²³. Estados emocionais que terão reflexos na prática da profissão e, conseqüentemente, poderão alcançar dimensões do texto jornalístico na comoção.

Conforme pontuam Koivunen et al (2021) ao estudarem a afetividade como uma característica fundamental do jornalismo, “notícia, opinião e emoção no contexto de crise política se tornam inseparáveis umas das outras.” (2021, p.1191 – tradução nossa). Contudo, os jornalistas podem, ao enquadrarem o relato, “fazerem uma notícia de crise” de forma a

²¹ Em 2022, o Segundo Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia de Covid-19 no Brasil apontou que 33,1 milhões de pessoas não têm garantido o que comer — o que representa 14 milhões de novos brasileiros em situação de fome. Conforme o estudo, mais da metade (58,7%) da população brasileira convive com a insegurança alimentar em algum grau: leve, moderado ou grave. <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2022/10/retorno-do-brasil-ao-mapa-da-fome-da-onu-preocupa-senadores-e-estudiosos> Acesso 06.08.2023

²² Texto Original: Crucially, when it comes to journalists, indirect exposure, for example, repeated exposure to witnessing and reporting on traumatic events, is recognised in the medical literature as a potential vector for harm.

²³ Pesquisa completa: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/news/covid-19-hurting-journalists-mental-health-news-outlets-should-help-them-now>. Acesso 06.08.2023.

“transformar os eventos, filtrando e refletindo imagens da realidade (...) o que pode “provocar um aumento das tensões e criar pânico” (KOTISOVÁ, 2017, p.244), a depender de sua percepção profissional e seu estado emocional.

Entretanto, além do cenário de morte e dor, outros fatores podem ser apontados como potencializadores das emoções durante o acontecimento da pandemia de Covid-19. Nesse aspecto, sobressai o conceito de dano moral, apontado por Jukes, Fowler-watt, Rees, (2020, p. 5) como o dano que pode surgir quando “pessoas testemunham situações que transgridem suas expectativas de uma sociedade justa e moralmente ordenada”²⁴. De acordo com os autores, o conceito ganhou força na pandemia pelo significado particular da natureza do jornalismo. Ao contrário do que ocorre com outras profissões que se confrontam com situações traumáticas, há certas convenções de que nada se espera de intervenção jornalística no fato. Assim, o dilema se forma em torno de se acreditar que moralmente se deve fornecer ajuda, versus o entendimento de que se deve permanecer objetivo.

A precariedade também foi apontada em um estudo realizado pelos autores Jukes, Fowler-watt, Rees, (2020, p.20), por meio da realização de entrevistas narrativas com jornalistas do Reino Unido que cobriam a pandemia para transmissão na mídia impressa e digital. Nesse aspecto, ela se destacou de duas maneiras: a precariedade do trabalho jornalístico, que passou a contar com redações esvaziadas e trabalho remoto; e a precariedade enfrentada pelos profissionais, que informam sobre a pandemia diante dos riscos da infecção.

A tensão oferecida pelo cenário de desinformação também pode ser considerada um agravante. O grande volume de informações a serem apuradas para então serem desmentidas disputava espaço com as informações advindas de fontes oficiais e institutos de pesquisas. Não raro, o momento de descanso dos jornalistas também era permeado pelo recebimento de vídeos no WhatsApp de familiares e amigos, que buscavam o profissional como forma de verificar a veracidade do conteúdo que circulava nas redes sociais.

Para se protegerem emocionalmente, diferentes caminhos foram adotados por esses profissionais durante a pandemia. Segundo Jukes, Fowler-watt, Rees, (2020), alguns jornalistas optaram pela estratégia engajamento/desengajamento, no qual o profissional desligava seus dispositivos, quando não estava tecnicamente no turno de trabalho (p.21). Outra forma de tentarem vivenciar o acontecimento, darem conta da rotina de trabalho e manter a saúde mental foi se manterem focados no senso de importância do jornalismo e de reponsabilidade social do jornalista, já que as notícias jornalísticas divulgavam informações vitais.

²⁴ Texto original: The concept of moral injury is also important. It denotes the harm that may arise when people witness things that transgress their expectations of a just and morally ordered society.

Também como mecanismo de defesa e gestão das emoções, estudos mostram que o cinismo pode ser um mecanismo de distanciamento utilizado por profissionais, de forma consciente ou inconsciente. Ao entrevistar jornalistas que cobrem a “crise dos refugiados” e que noticiaram os ataques terroristas em novembro de 2015 em Paris, Kotisová (2017) se deparou com relatos que mostravam uma certa estratégia de dessensibilização por parte desses jornalistas, como demonstrado abaixo:

(...) suspender a reação emocional e distanciar-se da experiência perturbadora de testemunhar um sofrimento próximo ou distante resulta, visto de uma perspectiva de longo alcance, em cinismo: “acho que deslocamos as emoções para um lugar, e deve parecer a você que somos um bando de sujeitos irônicos. Mas acho que sem esse atributo não daria para trabalhar aqui [...] ...é terrivelmente cínico, mas é assim mesmo. Acho que as pessoas ganham experiência e ficam mais duras” (Relato da Jornalista Marie, p.250 – tradução nossa)²⁵

Dessa forma, é inegável que as emoções ou o esforço para sufocá-las já se tornou parte importante da dinâmica da produção de notícia. Se antes a emoção era apenas “terceirizada entre aspas” (Kotisová, 2017, p.252- tradução nossa), sob a pretensa objetividade, que defendia o apagamento das marcas da enunciação, agora ela aparece de formas diversas, seja na “emoção editorializada”, no “testemunho roteirizado” e na “emoção e testemunhos permitidos, sem roteiro” (THOMÉ, REIS, 2022). Problematizar a questão não significa defender a ideia de que o jornalismo e o jornalista devem dar vazão a todos os seus sentimentos. Ao contrário, o equilíbrio emocional ainda deve ser defendido como característica de um bom jornalista. Entretanto, não se pode mais ignorar que a atuação jornalística carrega consigo atitudes de um ser pensante, que ri e chora, que se envolve e interpreta as realidades partindo de suas próprias vivências e que um cenário de crise, como o acontecimento da pandemia de Covid-19, por todas as características já citadas, eleva as sensibilidades. Ademais, conforme pontua Kotisová, (2017, p.252), revisitando Bernard, (2008); Castra, (2004); Molinier, (2009), “ser um bom jornalista requer uma combinação equilibrada de manter-se distante e deixar as emoções saírem, apegando-se aos fatos, mas estando imerso”.

²⁵ Texto original: (...) suspending the emotional reaction and distancing oneself from the emotionally disturbing experience of witnessing close or distant suffering result, seen from a long-range perspective, in cynicism: “I think that one displaces the emotions somewhere, and it must seem to you that we are a bunch of ironical fellows. But I think that without such an attribute one couldn’t work here. [...] ... It is terribly cynical, but that’s the way it is. I think that people gain experience and get tough. (Marie)”

2. Os textos no contexto do telejornalismo e de uma TV pública

Para compreendermos o contexto organizacional e de prática jornalística em que se dá a produção realizada na TV Minas durante a pandemia, é importante recuperarmos alguns elementos históricos do surgimento da TV do Brasil. A ideia aqui não é realizar uma análise sociológica de sua produção em termos dos estudos de *newsmaking*, mas proporcionar um olhar mais abrangente que favoreça a percepção dos caminhos adotados na pesquisa.

Cabe ressaltar que, ao longo da história, o telejornalismo realizado em uma TV pública passou por uma série de restrições pela própria forma como esse tipo de comunicação se institucionalizou no Brasil, tantas vezes confundida com comunicação política ou de governo, sem delimitação clara de seu papel, enquanto de interesse público. Tudo isso, inclusive, se reflete nos estudos da história da televisão no Brasil, que se pautaram sobretudo no percurso das TVs comerciais, conforme evidencia Mattos (1990), Torres (2009) e Diniz (2013). Isso se justifica pelo caráter de empreendimento comercial que norteou o desenvolvimento da televisão na década de 1950 com a inauguração da TV Tupi, emissora do Diário dos Associados, pertencente ao jornalista e empresário Assis Chateaubriand.

Na busca pela rentabilidade, a TV comercial se especializou na oferta de entretenimento, conteúdos de maior apelo, deixando em segundo plano os conteúdos educacionais. Até mesmo os programas informativos não escaparam ao sensacionalismo, visando ampliar a atratividade.

Somente de 18 anos depois, ocorreu o surgimento da TV pública, que ainda hoje não consegue desfrutar do mesmo prestígio das emissoras comerciais, ao contrário do que ocorre em locais como Grã-Bretanha, Estados Unidos, Canadá e Japão, onde as emissoras não comerciais são especialmente valorizadas.

Assim, em 1968, quando a televisão Brasileira já havia se consolidado como pauta de agendas e usufruía de variadas estratégias de captação publicitária, germinava a ideia de criação de emissoras fundamentadas em um projeto cultural não vinculado à aspectos comerciais, que teve como pioneiro o antropólogo Edgard Roquette Pinto. A TV Universitária de Recife, ligada à Universidade Federal de Pernambuco, foi a primeira emissora educativa do país. Nesta mesma década surgiram outras emissoras não comerciais, como a TV Cultura de São Paulo, a TVE Amazonas, TVE Ceará, TVE do Espírito Santo, TVE do Maranhão, TVE do Rio de Janeiro, TVU do Rio Grande do Norte, TVE do Rio Grande do Sul. Bem mais à frente, em

2007, juntamente com a assinatura da inauguração do Sistema Brasileiro de Televisão Digital, foi criada a TV Brasil, por meio da Medida Provisória 398²⁶.

Longe de pretendermos uma recuperação histórica detalhada da trajetória da TV Brasileira, a contextualização de seu advento nos ajuda a refletir sobre os rumos tomados pela TV não comercial no país e os motivos dessas emissoras, mesmo depois de décadas, ainda não terem conquistado destaque da audiência, como aponta Diniz:

As televisões não comerciais atendem, no Brasil, por nomes diversos a exemplo de TVs Educativas, TVs Culturais, TVs Comunitárias, TVs Universitárias, TVs Institucionais e TVs Legislativas (Câmara, Senado e Assembleias Legislativas) e TVs Públicas. Em comum, guardam a baixa audiência e recursos insuficientes para viabilizar uma programação adequada. As TVs Legislativas são exceções nesse quadro, na medida em que o poder ao qual estão vinculadas lhes destina orçamento razoável. (DINIZ, 2013, p.17)

Dessa forma, a escassez de recursos desse formato de televisão, que enxerga seu telespectador como cidadão e não apenas como consumidor, abre espaço para o investimento estatal que traz consigo a tentativa de domínio político das emissoras públicas.

Nesse aspecto, é histórica a confusão em torno dos conceitos de TV Pública e TV Estatal. Em linhas gerais, conforme elucida Diniz (2013), a existência da TV Estatal é muito comum em países socialistas. Nesses locais, as emissoras estatais estão vinculadas à titularidade exclusiva e controle do Estado sobre a sua programação. Elas também podem estar presentes em países capitalistas, sendo reconhecidas por veicularem pontos de vista do governo ou do partido político que ocupa o poder. Já o modelo de TV Pública é financiado por recursos orçamentários ou pelo público, sendo controlado pelo público, por meio de conselhos curadores que incluem representantes da sociedade civil. Dessa maneira, como pressuposto, as TVs públicas teriam mais condições de atenderem ao que é proposto na formulação do “jornalismo público” (GARCIA, 2011, p.112), prezando mais pela qualidade dos conteúdos do que pela quantidade de audiência.

Entretanto, o modelo a ser adotado pela TV Pública brasileira nunca alcançou unanimidade. Foi nesse contexto que foi proposto, durante o governo de Luiz Inácio Lula da Silva (2007), o modelo institucional do que viria a ser a Empresa Brasileira de Comunicação, a EBC, que abarca tanto a TV Brasil quanto a TV NBR. Enquanto a primeira se caracterizaria

²⁶ BRASIL. Medida provisória n. 398, de 10 de outubro de 2007. Institui os princípios e objetivos dos serviços de radiodifusão pública explorados pelo Poder Executivo ou outorgados a entidades de sua administração indireta, autoriza o Poder Executivo a constituir a Empresa Brasil de Comunicação – EBC, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Mpv/398impresao.htm> Acesso em: 02 Jul. 2023.

como uma TV pública - pelo menos em sua concepção – a segunda seria a emissora responsável pela transmissão de atos e matérias do governo federal. Separação de atribuições e linhas editoriais não tem nítida clareza na prática, diante de sucessivas tentativas, explícitas ou não, de utilização da TV Brasil como veículo político. Como exemplo, citamos a fala do ex-presidente Jair Bolsonaro durante sabatina realizada pela imprensa na ocasião de sua candidatura à reeleição, quando classificou a EBC como “TV Minha”²⁷. Vale destacar que em 2018, Bolsonaro em sua campanha eleitoral prometeu fechar ou privatizar a EBC, o que não ocorreu. Mais recentemente, a transmissão de uma *live* realizada pela primeira dama Rosângela da Silva, a Janja, por perfis na internet da TV Brasil, também gerou repercussão quanto ao caráter público da emissora²⁸.

Assim, mesmo embasada no Art. 223 da Constituição Federal (BRASIL, 1988), que garante à comunicação pública no Brasil ter diretrizes ligadas ao comprometimento com os valores culturais e a cidadania, o reconhecimento de suas funções nem sempre é destituído de tensões, como evidencia Sifuentes et al (2021):

Se a lei for tomada literalmente, o sistema público constitui-se como espaço livre da pressão estatal, por um lado, e econômica, por outro. A garantia constitucional, contudo, não significa o reconhecimento imediato e destituído de tensões. A radiodifusão pública brasileira, historicamente, tem sido objeto de disputas, sendo constantes as pressões governamentais e de grupos econômicos que se organizam politicamente para interferir na programação. (SIFUENTES ET AL 2021, p. 132)

Isso ocorre, segundo Lopes (2015), muito em função do modelo de financiamento ser um dos pontos mais críticos quando se trata da radiodifusão pública. Quem defende o financiamento com recursos públicos tenta evitar o controle de mercado sobre a programação, mas acaba deixando a emissora completamente dependente do Estado. Já quem argumenta a favor do financiamento privado, defende a autonomia em relação ao Estado e a gestão mais eficiente, mas não esclarece a questão das pressões comerciais, tantas vezes opostas ao interesse público. Na América Latina, de acordo com a autora, a prevalência é por um modelo de “financiamento misto, que admite fontes diversas de financiamento, inclusive a publicidade para certos gêneros, desde que exista regulamentação e limite de tempo para a inserção” (p.35). Tal escolha acaba por oferecer “pouca margem a experimentações e limita a busca pela diversidade” (LOPES, 2015, p.40).

²⁷Matéria destaca fala do ex-presidente Jair Bolsonaro que classifica EBC como sendo de sua propriedade. <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/21/jair-bolsonaro-sabatina-ebc.htm>

²⁸Matéria repercute transmissão de live realizada por Janja nas redes sociais da TV Brasil. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/03/janja-tera-lives-periodicas-e-agendas-proprias-em-viagens-de-lula.shtml>.

Vale ressaltar que no Brasil, a televisão não comercial foi proibida de realizar inserções publicitárias – Decreto-Lei nº236/1967, que criou a TV educativa - no entanto, três atos governamentais posteriores, nas décadas de 1980 e 1990 flexibilizaram a regra. A conhecida como Lei Sarney (Lei nº 7,3505/1986)²⁹ permitiu que atividades culturais recebessem incentivo mediante patrocínio, assim como a Lei Rouanet 8.313/1991³⁰ autorizou que emissoras educativas não comerciais recebessem incentivos. Por fim, a Lei nº9.637/1998³¹ favoreceu a captação de recursos mediante veiculação de publicidade institucional de entidades de direito público ou privado, inseridas como apoio cultural. Mesmo diante das flexibilizações, continua vedada a veiculação remunerada de anúncios que configurem comercialização de produtos ou serviços na interprogramação das emissoras públicas.

Longe de querer esgotar a discussão em torno dos desafios vivenciados pela TV pública no Brasil, Bucci (2010) aponta três pré-requisitos para a consolidação da mesma, sendo eles: a “natureza jurídica da instituição”, que não pode ser de propriedade particular, precisando ser regidas como fundações (regidas pelo direito privado), Oscips (Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público) ou ONGs (Organizações Não Governamentais); “financiamento de caráter público” – desvinculados de pressões governamentais ou de mercado; e “gestão independente”, na qual “a gestão administrativa, financeira e editorial deve se dar segundo critérios e parâmetros autônomos” (BUCCI, 2010, p.11). O problema é que a falta de marcos regulatórios democráticos, apontada pelo autor, acaba por fragilizar esse modelo de televisão.

Outra questão que contribui para o enfraquecimento institucional da TV Pública no Brasil, se relaciona ao conceito equivocado de independência, como muitas vezes é entendido e praticado por quem faz esse tipo de televisão. De acordo com Bucci (2010), é importante adotar uma conduta crítica não só em relação à interferência estatal e do poder econômico na emissora, mas também ao se pensar a programação da TV pública, não confundindo independência com “arrogância”:

“Independência’ não deve ser entendido, no entanto, como ‘arrogância’(...) Independência, portanto, não é isolamento, mas autonomia de critérios de decisão e de procedimentos. E o distanciamento crítico em relação ao poder político ou estatal e em relação ao mercado. De modo algum implica uma postura de autossuficiência ética, cultural e jornalística”. (BUCCI, 2010, p.6)

²⁹ Dispõe sobre benefícios fiscais na área do imposto de renda concedidos a operações de caráter cultural ou artístico. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7505.htm

³⁰ Lei Rouanet 8.313/1991 dispõe sobre benefícios fiscais na área do imposto de renda concedidos a operações de caráter cultural ou artístico. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7505.htm

³¹ Lei 9.637/1998 Dispõe sobre a qualificação de entidades como organizações sociais, a criação do Programa Nacional de Publicização, a extinção dos órgãos e entidades que menciona e a absorção de suas atividades por organizações sociais. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19637.htm

Ademais, sem receber a devida importância e visibilidade, desde a sua criação, a televisão pública no Brasil foi desenvolvida sem a sociedade “saber de fato o seu real significado, consequência deste processo, é que muitos brasileiros desconhecem sua existência no Brasil, um dos motivos de sua baixa audiência” (CARVALHO, 2013, p.142). Soma-se a isso, o deficiente conhecimento dos próprios profissionais de comunicação, uma vez que “disciplinas sobre produção, programação e jornalismo em emissoras públicas de televisão inexistem nos departamentos e nas faculdades de Comunicação brasileiras” (DINIZ, 2013, p.13).

Dessa forma, fatores como financiamento; manutenção de linha editorial pautada em conteúdos culturais e educativos; independência; visibilidade e conquista de audiência; e atuação de profissionais que entendam a fundo suas diretrizes são alguns dos desafios enfrentados pela TV pública ainda hoje no Brasil. Tudo isso, em um contexto social e político em que se torna ainda mais necessária a atuação de veículos de comunicação que estimulem a cidadania, e a reafirmação de valores democráticos.

2.1. Rede Minas

A criação da Fundação TV Minas Cultural e Educativa aconteceu em dezembro de 1984³², por Tancredo Neves. Nesta época, o sinal da emissora abarcava Belo Horizonte e Região Metropolitana, retransmitindo a programação da TVE do Rio de Janeiro, uma vez não possuir programação própria, inicialmente. Mais tarde, com conteúdos autorais, a TV Minas adquiriu a marca Rede Minas, usada quando se referia à TV Minas e as demais emissoras afiliadas, no interior do estado, que passaram a retransmitir sua programação.

Financiada pelo governo do estado, a emissora desde sua fundação enfrentou problemas com relação a criação de uma programação independente. A título de exemplo, conforme relatado por Diniz (2013), a emissora chegou a veicular em um sábado à noite, em um dos seus principais programas da TV, a cobertura completa do baile de debutante da filha do publicitário José Aurélio Redig, um dos dirigentes da emissora durante o governo de Newton Cardoso (1987-1991). As vinculações da emissora às secretarias de governo também exerceram influência em sua programação, como observa-se a seguir:

No governo Itamar Franco, a Fundação TV Minas Cultural e Educativa integrava o sistema operacional da Secretaria de Estado de Governo. Em outras palavras, mais “chapa branca”, impossível. Uma primeira conquista do secretário de Estado da

³² Decreto nº 23.807, de 14/8/1984-https://www.almg.gov.br/legislacao_mineira/texto/LEI/11179/1993/?cons=1

Cultura de Aécio, o ex-ministro Luís Roberto do Nascimento Silva, foi ter conseguido que a emissora voltasse a integrar o sistema operacional da Cultura. Essa, aliás, foi uma das condições que colocou para aceitar o cargo (DINIZ, 2013, p.238).

Vale destacar que em 2023, a Rede Minas deixou de estar vinculada à Secretaria de Estado de Cultura e Turismo e foi incluída na recém-criada Secretaria de Estado de Comunicação Social, por meio da Lei nº 24.313 de 28 de abril de 2023³³.

Ocupando nos primeiros dez anos de existência uma casa localizada na Avenida Assis Chateaubriand, no bairro Floresta, em Belo Horizonte – que homenageia o empresário e jornalista que trouxe a TV comercial para o país - a emissora pública foi transferida, em 1995, para um prédio de onze andares, denominado Guimarães Rosa, na Avenida Nossa Senhora do Carmo, no Sion, região centro-sul da capital. Mais tarde, em 2017, a emissora, juntamente a Rádio Inconfidência, passou a ocupar um prédio no Centro Cultural Presidente Itamar Franco, no Barro Preto, também na região centro-sul de Belo Horizonte.

Dos 30 funcionários que empregava inicialmente na primeira sede, a Rede Minas chegou a marca de 400 profissionais atuando em suas dependências, contratados através de duas cooperativas de trabalho, em desrespeito ao que determinava o Estatuto da emissora, que exigia que todos fossem concursados, o que levou o Ministério Público a exigir a realização de um concurso público.

A maioria dos funcionários da TV Minas era contrária à realização do concurso. De um total de 400, menos de 30 eram efetivos. Os demais já haviam experimentado todo tipo de vínculo – de terceirizações a contratos administrativos – e não acreditavam que pudessem ser aprovados. Nessa situação estavam tanto “colaboradores” com 15 anos de casa e que trabalhavam duro até os apadrinhados políticos que iam lá de vez em quando (DINIZ, 2013, p. 244).

Em 2013, um edital de concurso disponibilizou 203 vagas, sendo, 89 para Analista de TV - nível superior - e 114 vagas para Técnico de TV³⁴ – nível médio. Realizado em 2014, o concurso público renovou parte do quadro de funcionários, uma vez que grande parte dos profissionais que já atuavam na emissora foi aprovada. No ano de 2016 foi criada, por meio da Lei nº 22.294, a Empresa Mineira de Comunicação, que alterou o nome da Rádio Inconfidência Ltda. para a EMC e solicitou a extinção da Fundação TV Minas Cultural e Educativa³⁵,

³³Lei publicada no Jornal Minas Gerais em 29/04/2023.

<https://www.jornalminasgerais.mg.gov.br/?dataJornal=2023-04-29&pagina=1&caderno=caderno1>

³⁴ Edital do concurso da Rede Minas <https://arquivos.qconcursos.com/regulamento/arquivo/2361/rede-minas-2013-edital.pdf>

³⁵ A Fundação TV Minas só será extinta efetivamente quando a outorga for transferida oficialmente para a Empresa Mineira de Comunicação. Este processo, sem prazo definido para sua conclusão, é de responsabilidade do

iniciando o processo da integração da Rádio Inconfidência com a Rede Minas, responsáveis pela comunicação pública do estado de Minas Gerais. Atualmente, de acordo com o setor de Recursos Humanos da Emissora, atuam na TV Minas 127 servidores, sendo que 111 permanecem na fundação, 12 foram transferidos para a Empresa Mineira de Comunicação e três estão realocados em outras secretarias e prefeituras³⁶.

Hoje, terceira maior emissora pública do país, ficando atrás apenas da TV Brasil e da TV Cultura de São Paulo, a emissora pública do estado de Minas Gerais é transmitida via satélite em cadeia aberta estando presente em 383 municípios mineiros, além de também ter sua programação, ao vivo, transmitida em sua página na internet³⁷. Cabe registrar que a ampliação de sinal da emissora ocorreu sobretudo durante a pandemia, quando a Rede Minas passou a transmitir o programa “Se Liga na Educação”, que consiste no ensino remoto promovido pela Secretaria de Estado de Educação.

Fazendo parte da Associação Brasileira das Emissoras Públicas, Educativas e Culturais ABEPEC, o decreto que rege o funcionamento da Rede Minas coloca entre seus objetivos “produzir e difundir programas educativos, culturais e artísticos, que objetivem também o processo de integração informativa, cultural, educativa, econômica, social e administrativa do Estado (Art.6º, II- Decreto nº 23.807, de 14/8/1984) e deixa claro, no Art.7º, que “é vedado à Fundação utilizar, sob qualquer forma, transmissão de televisão cultural ou educativa para fins político-partidários, divulgação de idéias que incentivem preconceitos de raça, classe, ou religião, e, ainda, fazer publicidade com finalidade comercial”.

Assim, constituída de um conselho curador³⁸ criado em 2014, que se renova a cada três anos e inclui membros do governo de Minas; de instituição do ensino superior com sede em Minas Gerais, com curso regular de Jornalismo; da classe empresarial do Estado; do Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Radiodifusão e Televisão do Estado de Minas Gerais e de um cidadão de ilibada reputação e de destacada atuação na área cultural- conforme especifica decreto-, a TV Minas tem sua programação dividida em quatro eixos: entretenimento (16

Ministério das Telecomunicações. Quando se concretizar, todos os servidores da Fundação TV Minas passam a ser lotados na Secretaria de Estado de Comunicação Social. Durante esse período de transição os servidores continuam a responder aos gestores da Fundação TV Minas.

³⁶ Dados apurados em 03/07/2023

³⁷ redeminas.tv Acesso em 03/07/2023

³⁸ Conselho curador é estabelecido pelo Art. 5º do Decreto nº 46.540 de 11 de junho de 2014

programas)³⁹; Jornalismo (3 programas)⁴⁰, esporte (2 programas)⁴¹ e infantil (1 programa)⁴². Além disso, a Rede Minas em 20 de maio de 2020 passou a transmitir o programa da Secretaria de Estado de Educação, “Se Liga na Educação”⁴³, com teleaulas para o ensino médio.

2.2. O telejornal

Direcionando nosso olhar para a programação jornalística percebemos que a TV Minas reproduz muitos formatos já utilizados na televisão brasileira, como programa de entrevista composto por um apresentador e um entrevistado – programa Opinião Minas – e programa de entrevista que convida um jornalista de outro programa da própria emissora ou de demais emissoras para participar da entrevista de uma personalidade – programa Palavra Cruzada.

Já o Jornal Minas, criado em 1988, se divide em duas edições diárias de 30 minutos cada, sendo a primeira veiculada às 13h - JM1 - e a segunda às 19h30 - JM2. A produção de conteúdo ocupa cerca de 27 minutos distribuídos em três blocos, com cerca de um minuto de intervalo entre eles. Em 2010, o cenário do jornal passou por uma modernização, o que se repetiu em 2017, quando sua apresentação foi integrada à própria redação, com o formato *newsroom*.

Desde de sua criação, o Jornal Minas teve diversos quadros como “Direito do Cidadão” - que tirava dúvidas de consumidores - “Emprego e Renda” - que divulgava oportunidades no mercado de trabalho - e “Partiu Uai” – que as sextas-feiras dava dicas de viagens por Minas. Durante a pandemia, o quadro “Gente do Bem” se destacou para dar visibilidade a ações de solidariedade, assim como o “Fique por Dentro”, que buscava, por meio de reportagens especiais, esclarecer fatos importantes envolvendo a Covid-19.

Para a elaboração de cada edição⁴⁴, é realizada, diariamente, uma reunião de pauta, sendo a do JM1 às 8h30 e a do JM2 às 14h30, com suas respectivas equipes, que repassam providências e avisos entre si, por meio de relatórios elaborados por suas chefias de reportagem. A dinâmica da reunião segue uma ordem de fala. Na reunião de pauta do JM2 – objeto de nosso

³⁹Programas de Entretenimento: Agenda, Alto-Falante, Brasil das Gerais, Cinematógrafo, Coletânea, Estações, Faixa de cinema, Conversações, Mais Gerais, Harmonia, Hypershow, Minas da Gente, Noturno, Mulhere-se, Retratos da Dança, Sabor e Afeto.

⁴⁰Programas Jornalísticos: Jornal Minas (1° e 2° edição); Palavra Cruzada e Opinião Minas

⁴¹Programas Esportivos: Meio de Campo e Primeiras Esportivas

⁴²Programa Infantil: Dango Balango – se mantém no ar apenas com reprises.

⁴³<https://sremontesclaros.educacao.mg.gov.br/index.php/home/institucional/artigos/9-noticias/188-se-liga-na-educacao-completa-quatro-anos-e-se-consolida-como-importante-ferramenta-de-aprendizagem>

⁴⁴Os detalhes da organização da produção jornalísticas foram obtidos pela observação do cotidiano de trabalho, na condição de profissional da emissora.

estudo - o coordenador de pauta, que acumula o cargo de chefe de reportagem, repassa as matérias que estão sendo feitas para o dia de forma presencial ou remota – o que se manteve do planejamento do dia anterior e no que as equipes de reportagem do JM1 investiram. Em seguida, o próprio coordenador de pauta repassa o relatório de apuração, com as principais ocorrências e notícias do dia. Vale registrar que a equipe da manhã – JM1 – dispõe de um profissional na apuração. O mesmo não ocorre à tarde, que conta com o esforço de estagiários de produção, editores de texto e do próprio coordenador de pauta na função de apurar. Assim, em seguida, discute-se quais dos assuntos iniciados pela manhã merecem acompanhamento à tarde e em quais outras ocorrências se deve investir, seja para fechamento de “VTs de redação”, seja para modificação de direcionamento de pauta de algum repórter. Pensa-se também se haverá alguma entrada ou entrevista ao vivo. Em seguida, são avaliadas as matérias de rede que chegaram ainda se mantendo atuais e as matérias que estão “prometidas” para o dia. Vale salientar que o JM2 também não conta com a presença de um profissional dedicado à Rede. Muitos dos materiais utilizados das afiliadas são selecionados em seus canais de *youtube*, quando atualizados, pela editora-chefe ou pela supervisora de jornalismo, ou por algum estagiário designado e então o contato com a emissora parceira é feito para solicitação de envio da matéria sem crédito. A partir daí a matéria é prevista no script do jornal e será veiculada, se as condições de internet da afiliada favorecerem o envio e o recebimento do material em tempo hábil. Logo após, o colunista de esporte também se manifesta sobre os destaques do dia e de qual tempo precisará para noticiá-los. Por fim, estabelece-se as pautas que serão produzidas de forma presencial e remota para as equipes do dia seguinte. Todo o planejamento realizado na reunião de pauta para o dia vigente e/ou dia seguinte podem sofrer alteração até o fechamento da edição.

Atualmente, no site da emissora (redeminas.tv), a proposta do telejornal é caracterizada como “a pluralidade do cotidiano de Minas tratada com objetividade e isenção”⁴⁵. Descrição que indica a intenção de dar conta de retratar o dia a dia do Estado de Minas Gerais – com 853 municípios - e que assume o compromisso com ideias de imparcialidade. Também se observa como diretriz do Jornal Minas a promoção da ideia de “pertencimento”, que vai ao encontro de valor propugnado pela própria emissora, descrito em seu site⁴⁶ e também com o slogan que passou a ser divulgado na ocasião de seus 35 anos, em 2019: “Rede Minas: seu lugar, seu mundo”.

⁴⁵ <http://redeminas.tv/jornalminas/>

⁴⁶ A emissora detalha em sua página oficial possuir os seguintes valores: Além dos valores universais, são especialmente destacados: Família; Pertencimento; Interesse público; Isenção; Transparência; Cidadania; Pluralidade; Diversidade; Cultura mineira.

Assim, declarando também em seu site contar “com a maior rede de emissoras afiliadas do país (59 afiliadas) a Rede Minas, pelo menos em termos de fala institucional, oferece ao Jornal Minas a condição de, em suas edições, veicular uma boa variedade de matérias, sotaques e diversidade cultural. Realidade que, mesmo não sendo observada com a amplitude descrita em sua página, ainda consegue apresentar matérias regionais que dificilmente seriam veiculadas em emissoras de maior porte.

Já se comparado a outros telejornais realizados pela TV Brasileira, é possível identificar semelhanças e distanciamentos. Um exemplo é a visível inspiração do cenário do Jornal Minas no cenário do Jornal Nacional da TV Globo, se configurando um jornal de bancada, com a redação ao fundo (*Newsroom*). Entretanto, a mobilidade de câmeras e a variedade de enquadramentos não ocorre. Esteticamente, o Jornal Minas também se aproxima do Jornal da Tarde da TV Cultura, que conta com um enquadramento que mostra a redação, e com o Jornal da Cultura, que também conta com bancada. Nesse caso, porém, se distanciando da linha editorial interpretativa e opinativa que caracteriza ambos.

Dessa maneira, com equipes reduzidas e edições muito pautadas na capital, o telejornal mantém a proposta de informar e retratar os principais acontecimentos do estado, valorizando seus aspectos regionais. Ir além das fronteiras de Belo Horizonte significa realizar um trabalho diário para conseguir trazer materiais do interior do estado – muitos deles vindos de pequena variedade de praças ou fechados na própria redação do jornal, trazendo a assinatura de repórteres do próprio jornalismo da emissora.

Assim, entendendo que existem diversos telejornalimos realizados no país, conforme formas organizativas das emissoras, seus modelos de financiamento, suas propostas de programação, e os ideais de jornalismo, o telejornalismo praticado na TV Minas conta ainda com condições bem peculiares, que englobam desde o desafio na disponibilização de recursos tecnológicos à escassez de profissionais. Ainda com dificuldade de realizar entradas de equipes de rua ao vivo no jornal, por instabilidade de internet, não são raras as vezes em que o telespectador observa imagens granuladas nas entradas ao vivo, ou até mesmo a queda do sinal de transmissão. Também é possível evidenciar a grande quantidade de notas cobertas com imagens feitas por *smartphones* ou da internet, além de prevalecerem entrevistas realizadas de forma remota, já que a realização das duas edições do telejornal conta apenas com três cinegrafistas, dois trabalhando pela manhã e um no período tarde-noite⁴⁷. Ademais, não há

⁴⁷ Informações comprovadas pelos Mapas de reportagem recebidos por e-mail diariamente, em função do cargo ocupado pela pesquisadora na emissora. Todos os mapas de reportagem também ficam salvos em rede em um sistema interno do jornalismo da emissora.

contratações para cobertura de férias ou licenças médicas. Se um profissional se ausenta, a demanda precisa se adequar, embora a duração e periodicidade do telejornal não sofram mudanças. Abaixo, selecionamos alguns mapas de reportagens, evidenciando a distribuição das equipes e suas dinâmicas de trabalho, uma vez que, com a disponibilidade de três cinegrafistas apenas para as duas edições do jornal, muitos profissionais, mesmo depois da pandemia, permanecem com a elaboração de matérias de forma inteiramente remota (figura 1). Outro ponto a ser observado é que mesmo com o número reduzido de profissionais, as equipes do Jornal Minas também produzem conteúdo para outros programas que fazem parte do núcleo de jornalismo da Rede Minas, como o programa Meio de Campo e Primeiras Esportivas – esse último originário da Rádio Inconfidência e transposto para a TV no segundo semestre de 2023 - (figura 2).

Figura 1: Mapa de reportagem Jornal Minas 1° e 2° edição do dia 03/04/2023

DATA: 03/04/2023 – SEGUNDA-FEIRA				
HORÁRIO	EQUIPES	RETRANCA/PRODUTOR	HORARIO/ MARCAÇÕES	SITUAÇÃO
7h às 13h	EQUIPE 1 MANHÃ Repórter 1 Cinegrafista 1	Atualiza Aeroporto Carlos Prates Produtor 1	8h – Jardim Montanhês 9h30 – Carlos Prates 10h30 – ALMG	JM1 do dia
7h às 13h	EQUIPE 2 MANHÃ Repórter 2 Cinegrafista 2	Vacinação gripe Faixas exclusivas ônibus - Terminar	9h30 – Santo Antônio 11h - Centro	JM1 do dia JM1
14h às 20h	EQUIPE 1 TARDE Repórter 3 Cinegrafista 3	Aniversário João 23 Produtor 2	14h – Santa Efigênia	JM2
14h às 20h	EQUIPE 2 TARDE (REMOTO) (Via Zoom)	Bioimpressão Animais Produtor 3	14h – Rede Minas 16h – Rede Minas	JM2 (Não precisa de carro e nem de equipamento)

OBS 1: fica em teletrabalho.

OBS 2: fica na produção de casa.

OBS 3: PBH confirmou o início da vacinação contra a gripe. Deixei uma pauta com informações no Zewa e sugestão de endereço.

OBS 4: Coletiva da Defesa Civil às 10h. Não iremos, mas tentar recuperar material.

Figura 2: Mapa de reportagem Jornal Minas 1° e 2° edição do dia 10/08/2023

DATA: 10/08/2023 - QUINTA-FEIRA				
HORARIO	EQUIPES	RETRANCA/PRODUTOR	HORARIO MARCAÇÕES	SITUAÇÃO
7h às 13h	EQUIPE 1 MANHÃ Repórter 1 Cinegrafista 1	Paternidade Afetiva Produtor 1	08h30- Lagoinha 10h- Santa Efigênia 11h30- Rede Minas (Zoom)	JM1
8h às 14h	EQUIPE 2 MANHÃ Repórter 2 Cinegrafista 2	Treino Cruzeiro Produtor 2	09h35- Pampulha 12h- Maria Gpreti / São Gabriel	Primeiras e Meio de Campo
13h às 19h	EQUIPE 3 MANHÃ Repórter 3 Cinegrafista 3	Treino Itabirito Produtor 3	14h30- Sapucaia II- Contagem	Primeiras Esportivas
13h às 19h	EQUIPE 2 TARDE (REMOTO) Repórter 4	Agosto Vermelho Produtor 4 Mutirão Licenciamento Produtor 4	14h- Zoom 15h- Zoom	JM2 do dia Não Precisa de Carro, nem Equipamento

Diante do exposto, concordamos com Passos, (2002) sobre a necessidade de o jornalismo público buscar uma identidade, já que “mais do que estabelecer um receituário de regras rígidas, o desafio é encontrar diferenciais capazes de oferecer alternativas às mesmices de linguagem e agenda editorial, que vêm tornando o telejornalismo tão igual em todas as emissoras” (PASSOS, 2002, p.11). Afinal, como adverte Bucci (2010, p.16) “quando a TV Pública insiste em copiar, de modo rebaixado, os modelos privados dominantes, ela ganha aquele ar de atração requentada, de espetáculo de segunda”.

Dessa forma, compreender em que contexto se dá e como o jornalismo é realizado na TV Minas nos favorece refletir sobre os mecanismos atuantes no dia a dia da redação e como os conteúdos são pensados e dinamizados; sob quais restrições estão sujeitos e as circunstâncias materiais, de recursos ou falta deles, e até mesmo institucionais, envolvidas nas tomadas de decisão.

As influências organizacionais e as rotinas de produção foram apresentadas para permitir o entendimento de como os materiais jornalísticos analisados emergiram no quadro da pandemia. Os textos jornalísticos traziam novidades, no quadro conjuntural da pandemia, mas também continuidades com um modo de fazer já existente na emissora. Ou seja, os textos se constituem em meio a certas práticas organizacionais, pressões políticas e rotinas de produção que são parâmetros estruturantes da maneira como o jornalismo visou a cobertura do acontecimento pandemia.

2.3. Os impactos da pandemia na produção jornalística da TV Minas

Para muitos autores, a pandemia de Covid-19 serviu como elemento acelerador de mudanças na rotina jornalística (THOMÉ E REIS, 2020; SIQUEIRA E DIAS, 2021; COUTINHO, MELO E FINGER, 2021). Tanto o que já era tendência, como por exemplo o uso de imagens enviadas por telespectadores, quanto o que um dia foi considerado inadmissível, como a entrega pelo repórter do microfone à fonte, se consolidaram como novas práticas profissionais durante a pandemia, não só impostas pelos protocolos sanitários, mas também favorecidas pelos avanços tecnológicos e pela própria reconfiguração do jornalismo atual, que passa pela precarização da profissão e também por seu poder de renovação.

Adaptado aos protocolos sanitários e transpondo os desafios do distanciamento social, o telejornalismo se mostrou como meio informativo decisivo na cobertura sobre a Covid-19. No momento em que as emissoras de TV sofreram com a interrupção temporária dos jogos de futebol e das gravações de telenovelas, com a substituição dessas teledramaturgias por reprises

editadas, o telejornal garantiu o papel hegemônico do meio por levar ao ar um dos poucos produtos televisivos “quentes”, marcado por intervenções ao vivo, em plena quarentena. (THOMÉ E REIS, 2020, p.13)

Se por um lado iniciou-se um “processo intenso de pedagogização na construção do noticiário” (THOMÉ E REIS, 2020) com reportagens explicativas sobre contágios e formas de prevenção da doença, por outro, houve um processo intenso de orientação das fontes, exigindo um grande trabalho dos jornalistas na orientação dos entrevistados, que se consolidaram como produtores de conteúdos.

As marcas de subjetivação no noticiário também se intensificaram com a pandemia de Covid-19, com a maior valorização dos testemunhos, sinalizando “uma transposição significativa de um realismo da representação para um realismo de base testemunhal”, conforme apontam Thomé e Reis (2022), comentando Figueiredo (2010). Ou seja, o realismo predominante passou a valorizar o envolvimento do narrador com o fato narrado, diminuindo o seu distanciamento e intensificando a “intimidade da abordagem, que é tomada como prova de sinceridade - o que permite ao leitor aproximar-se das verdades particulares, parciais”, de acordo com Thomé e Reis (2022, p.5, apud FIGUEIREDO, 2010, p. 74).

Dessa maneira, o apagamento das marcas da enunciação dá espaço a maior subjetivação na atual sociedade, caracterizada por Thomé e Reis (2022) como “Sociedade 5.0”, que “traz o humano como preocupação”. Tal reorganização discursiva do jornalismo fica ainda mais evidente em um cenário trágico como o da pandemia de Covid-19, que não ofereceu escolhas ao envolvimento dos profissionais. Enquanto, em condições normais, o jornalismo imersivo oferece ao repórter a possibilidade de vivenciar voluntariamente uma experiência ou optar por se tornar correspondente de guerra, por exemplo, com a Covid-19, não houve a escolha de não se afetar, ou de se dedicar a uma editoria que não se relacionasse à doença. Ademais, além de fazer parte da rotina de trabalho dos jornalistas, por meio de uma longa cobertura, a pandemia de Covid-19 também invadia os lares, se tornando onipresente e pautando assuntos dentro e fora da mídia.

Assim, se o telejornalismo já vinha buscando estratégias para construir uma relação mais próxima com a audiência, tal processo de alguma forma se acentuou com a vivência do isolamento social e o risco de morte, o que favoreceu a “personalização e a emocionalização das notícias” (BECKER, 2021) como forma de gerar empatia e identificação com o sofrimento do outro.

Nesse sentido, marcado por maior informalidade e improviso, o período da cobertura da pandemia pelo telejornalismo brasileiro, serviu como catalisador de mudanças que acabaram

sendo traduzidas em novas rotinas de produção jornalística, cuja duração perdura em muitas emissoras, como no caso da Rede Minas.

Muito embora, boa parte da equipe do Jornal Minas 2º edição (JM2), tenha optado pelo teletrabalho, fato observado pela aparição frequente de repórteres gravando em cenário doméstico, é preciso se considerar a inviabilidade de todo o trabalho de elaboração de um jornal ser feito de forma remota. Assim, um pequeno grupo de jornalistas decidiram se manter em trabalho presencial ao longo de toda a pandemia – o que também se comprova por meio da observação das matérias.

Ademais, a falta ou não adoção de um protocolo formal imediato de condução dos trabalhos por parte do Estado levou a Rede Minas a se adaptar internamente na execução das atividades, já que as diretrizes direcionadas aos servidores do executivo, nem sempre correspondiam às necessidades da rotina de uma emissora de TV, considerada como serviço essencial pelo próprio Estado.

Assim, deu-se início, então, a uma série de adaptações na realização das matérias jornalísticas, que se pautavam nas orientações do Comitê de Enfrentamento da Covid-19 em Belo Horizonte e da Organização das Nações Unidas. A realização da reunião de pauta, por exemplo, antes feita em uma sala específica de reuniões, passou a ser executada na própria redação, em um círculo espaçoso que pudesse oferecer a distância recomendada pelos protocolos sanitários. Da mesma forma, cada estação de trabalho passou a contar com apenas um integrante, com o mesmo objetivo, evitando que pessoas trabalhassem em computadores muito próximos.

Observou-se também que demais profissionais de programas não jornalísticos foram para suas casas, sem previsão de retorno e, ainda, sem um plano de manutenção de seus programas inéditos. Já os produtores, repórteres e editores do Jornal Minas, impulsionados pelo receio do contágio, foram estabelecendo entre si uma organização interna, para manutenção das duas edições no ar.

Nesse sentido, nos baseando em 130 edições selecionadas do Jornal Minas segunda edição, podemos observar diversas mudanças na forma como o jornalismo da Rede Minas se conduziu. Diante do material recolhido, foi possível identificar mudança em cinco eixos principais da rotina de trabalho dos jornalistas envolvidos na elaboração do telejornal, que são evidenciados nos conteúdos exibidos:

- Mecanismo de cobertura de imagens,
- Formas de realização de entrevistas e envolvimento das fontes,
- Composição da equipe,

- Pedagogização da notícia,
- Movimento humanizador.

2.4. Notas metodológicas

Com base nesse quadro anteriormente descrito, para realização da pesquisa e recorte do corpus, inicialmente, traçamos uma linha do tempo da evolução da pandemia no Brasil, com as datas nacionais e regionais de maior impacto nas questões sanitárias, como por exemplo as quatro ondas da doença; as medidas de maior importância adotadas pelo Comitê de Enfrentamento à Covid-19 do governo do Estado de Minas Gerais – Plano Minas Consciente – e da capital, que repercutiram nas implementações de *lockdown*; no início e evolução da vacinação, etc.

Destacamos, ainda, que a linha do tempo traçada foi usada apenas como orientação para a seleção de conteúdos, não aprisionando nosso olhar na linearidade cronológica, uma vez que a emocionalização também se relaciona com os atravessamentos temporais. Além disso, uma mesma matéria é capaz de mobilizar aspectos temporais diversos, como no caso de uma reportagem que se valeu da ocorrência da pandemia de 1918, de H1N1, para explicar aspectos da pandemia de Covid-19.

Dessa forma, nos orientando a partir da linha do tempo construída, selecionamos 130 edições do Jornal Minas 2ª edição, entre os dias 26 de fevereiro de 2020 - ocasião da confirmação do primeiro caso de Covid-19 no Brasil - até o dia 06 de junho de 2022, quando se trata da quarta onda da doença. Com duração de cerca de 27 minutos de produção, cada edição selecionada foi assistida e teve os conteúdos jornalísticos, entre notas secas e cobertas, matérias factuais, reportagens especiais, editoriais, *loc offs*, entrevistas gravadas e ao vivo, além de encerramentos, mapeados e analisados. Foram examinadas 59 edições em 2020, 51 em 2021 e 20 em 2022, em um total de 130 edições.

Nesse aspecto, entendemos que o número ampliado de edições nos ajudaria a perceber de forma mais abrangente as ondas emocionais delineadas durante a cobertura jornalística da pandemia e, posteriormente, nos daria mais clareza na seleção de conteúdo de cada onda emocional a ser analisado de forma mais detalhada. No primeiro contato com o material, visando a reunião de conteúdo e contabilização das edições selecionadas, criamos uma planilha com a data da edição, link para acesso do conteúdo e espaço para observações que variavam desde o assunto identificado como o destaque da edição, até algum breve comentário sobre algo que nos chamou atenção nesse primeiro contato com o material (ANEXO 2).

Para ter acesso ao acervo inicial foi utilizada uma combinação de estratégias que incluem pesquisas no software utilizado pela emissora para armazenamento de scripts – *Zews* – assim como a seleção das íntegras das edições armazenadas nas redes sociais do Jornal Minas, especificamente no *Facebook* e no *Youtube*. Vale destacar que, como servidora pública efetiva atuante na Rede Minas, passei a desfrutar de acesso autorizado às redes sociais da emissora, mesmo durante a completa desativação das mesmas, como ocorreu, no período eleitoral do segundo semestre de 2022. Após as eleições, as redes sociais foram reativadas, mas nem todas as matérias voltaram a ficar disponíveis para acesso público.

Gostaríamos de destacar que, como a pesquisa exigiu um levantamento prévio desses conteúdos, finalizado antes do período eleitoral, em 20/06/2022, e diante da autorização de acesso às redes da emissora, foi possível identificar os links colocados como “ocultos”⁴⁸. Nesse contexto, entendemos que a decisão de “ocultar” os conteúdos, impedindo que eles retornassem às redes sociais, compromete a memória da emissora pública, cuja história também se relaciona às coberturas jornalísticas que realiza.

Ademais, devido a não renovação da licença do software – responsável pelo armazenamento dos scripts do jornal, as laudas das reportagens, pautas e agenda com contato de fontes - houve uma perda de 17 meses desse material. Assim, do dia 26/02/2020 a 28/07/2021, devido a inexistência de scripts, laudas etc., foi necessário assistir às matérias analisadas, transcrevendo cabeças e trechos de offs manualmente.

Mais à frente, para padronizar nossa coleta de dados e explorar melhor detalhes que poderiam ser usados em um levantamento posterior de rede de palavras, decidimos pela utilização de *software* que permitia baixar os vídeos, convertendo cada uma das edições selecionadas no *youtube* em arquivos de áudio para que, então, esses novos arquivos fossem transcritos. Em março de 2023 submetemos as transcrições em programas do tipo *wordcounter* para obtermos nuvens de palavras relacionadas a cada uma das cinco ondas emocionais identificadas durante a cobertura da pandemia e, com isso, realizarmos uma aproximação quantitativa para a análise dos textos.

⁴⁸ Alguns exemplos de links “ocultos”: 31/03/2020, https://www.youtube.com/watch?v=gz6R46au_70, matéria veiculada denunciava a falta de equipamentos de proteção individual para profissionais da saúde em hospitais no estado; 14/05/2020, <https://www.youtube.com/watch?v=TN9Hs3BbXmg>, conteúdo que trazia entrevista do prefeito de Brumadinho denunciando a empresa Vale por causar aglomeração e decisão de cassar o alvará de atuação da empresa na cidade; 26/05/2020, <https://www.youtube.com/watch?v=-IO5LTESA3o>, matéria relata o surto de coronavírus na escola de catetes de Barbacena pelo não respeito aos protocolos sanitários dentro da escola; 10/09/2020, <https://www.youtube.com/watch?v=SUMqv4hEJAY>, edição trata do desmonte do Hospital de Campanha do estado, sem que este tenha sido utilizado, ouvindo o estado, que avisa que a construção foi feita de forma preventiva.

O posicionamento privilegiado, uma vez que fazíamos parte da equipe de jornalismo da Rede Minas, também nos auxiliou na obtenção de outras informações por meio da observação em campo. Embora nenhuma entrevista tenha sido realizada, perante a intenção de elaboração posterior da pesquisa, anotações foram realizadas após ingresso no mestrado, a partir de análise de documentos como mapas de reportagem e levantamentos de scripts, garantindo nos registros a privacidade e confidencialidade dos sujeitos observados. Dessa forma, por meio da observação, também fizemos ao longo da pesquisa descrições que não caracterizam pessoas, mas que contextualizam situações em que as práticas jornalísticas se deram durante a pandemia de Covid-19 na Rede Minas. Ademais, não só analisamos como também vivenciamos as mudanças pelas quais passou a redação durante a pandemia de Covid-19, o que nos possibilita compreender com maior riqueza de detalhes as rotinas produtivas da construção de notícias, conforme aponta Lago (2008, p.51), que caracteriza a observação participante, como aquela que possui como objetivo “enfrentar-se de tal forma na vida dos grupos estudados a ponto de poder assimilar de alguma forma sua cultura, que poderá assim ser descrita”⁴⁹.

Assim, nos valem da observação de situações para coleta de dados no intuito de obter uma compreensão detalhada e contextualizada da situação de prática que se estudava. A sua maneira, tratou-se de um tipo de observação participante não estruturada, mais flexível para lidar com situações não previstas. Mesmo ressaltando a proximidade com o “objeto”, imersos na vivência da redação, entendemos como fundamental no papel de pesquisadora termos “um panorama mais abrangente do ambiente a ser estudado, que vai muito além de “nossas próprias percepções” como advertem Siqueira, Dias e Bandeira (2020, p.155).

3. A “supremacia” da informação – um quadro geral das mudanças

A informação está envolta em um processo de representação e interpretação de um signo ou objeto, sendo uma “mensagem significativa que comunica conhecimento novo” e envolve uma referência ao horizonte de conhecimento de algum intérprete (NÖTH E GURICK, 2011, p.7).

⁴⁹ Destacamos que tais procedimentos estão alicerçados nas diretrizes estabelecidas pelo Conselho Nacional de Saúde na Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016, que dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Em seu art. 1, Parágrafo único, informa que “não serão registradas nem avaliadas pelo sistema CEP/CONEP: (...) VII - pesquisa que objetiva o aprofundamento teórico de situações que emergem espontânea e contingencialmente na prática profissional, desde que não revelem dados que possam identificar o sujeito”. Em ofício circular do CONEP, de 05 de julho de 2022, explicita-se que tal inciso “refere-se a situações em que, a partir da prática cotidiana, o/a profissional, identifica uma variável e/ou temática e decide investigá-la cientificamente, sem que, para isso, precise criar nenhuma ação diferente da prática cotidiana que já exerce e sem que a situação permita a identificação dos participantes envolvidos”.

Ampliando esse entendimento, Alzamora et al (2023) pontua que os signos não são neutros uma vez que “carregam sentidos e são construídos com base em visões de mundo de seus criadores”, não tendo necessariamente, “compromisso ou mesmo a capacidade plena de dizer a verdade” (ALZAMORA, et al, 2023, p.12)

Essa característica nos lembra, por exemplo, que a notícia não é o fato, mas um recorte descritivo ou analítico elaborado por um jornalista, da mesma forma que uma fotografia é somente um recorte bidimensional de determinado instante escolhido pelo fotógrafo e capturado pelo aparelho, com ou sem intenção de imprimir uma interpretação visual do fato. No entanto, ambos os signos oferecem preciosos elementos que nos permitem acessar, ainda que parcialmente, características do objeto, estimulando inferências e conclusões que remetem ao objeto representado pelo signo. (ALZAMORA, et al, 2023, p13).

A autora (2003) também explora “a natureza complexa da informação jornalística” segundo a lógica das categorias peirceanas (primeiridade, secundidade e terceiridade) dentro dos gêneros informativo, interpretativo e opinativo.

(...) a interpretação ocuparia o lugar lógico da primeiridade por promover uma tradução subjetiva do fato, conduzindo uma leitura possível do objeto (acontecimento) que lhe serve de referência, de modo análogo, sinestésico ou metafórico. A informação ocuparia o lugar lógico da secundidade por contextualizar o fato através de "provas", referindo-se indicialmente ao acontecimento em pauta. Já a opinião ocuparia o lugar lógico da terceiridade por promover uma representação simbólica do objeto (acontecimento) com o propósito de formar juízos de gosto e valor em torno do signo (fato). (ALZAMORA, 2003)

Em outras palavras, a informação jornalística volta-se para o processo de interpretação de um acontecimento buscando ampliar sua significação dentro da relação comunicativa, aumentando sua conotação, ou seja, seus “predicados atribuídos” (NÖTH E GURICK, 2011, p.8). No nosso caso, ampliando sua representação simbólica, principalmente diante de um contexto de grande comoção, como o da pandemia.

Em tal cenário, observa-se o esforço da mídia, de uma forma geral, e também do Jornal Minas em obter acesso a informações confiáveis, científicas, cuja origem tivesse credibilidade atestada, como institutos de pesquisa, hospitais, fontes especializadas. Entretanto, o próprio desencontro e atualização constante de informações contribuíram para a prática da desinformação, que também é tida como um tipo de informação, já que o “universo semântico da desinformação envolve uma multiplicidade de perspectivas, como informação imprecisa, distorcida, descontextualizada, ressignificada, mal-intencionada, equivocada” (ALZAMORA, et al, 2023, p.3). Isso sem ignorar, como já pontuado anteriormente, o contexto político e ideológico que favoreceram a disseminação de notícias falsas.

Nesse contexto e diante de maiores dificuldades de se realizar gravações presenciais – devido aos protocolos sanitários –, o teor das informações divulgadas na cobertura da pandemia passou a ser mais importante que a qualidade técnica de veiculação. Exemplo disso é a priorização de entrevistas referenciadas por órgãos de pesquisa e universidades, como Instituto Butantan, CT Vacinas da Universidade Federal de Minas Gerais, mesmo que remotas. Afinal, tornava-se importante o “ajustamento da crença por meio de uma fonte considerada confiável” pela “autoridade reguladora que representa” (ALZAMORA, et al, 2023, p.8), mesmo sabendo que a própria ciência foi questionada, por diversas vezes, pela desinformação, já que “uma das estratégias centrais das teorias conspiratórias consiste em desacreditar as autoridades epistêmicas, representadas não somente por suas instituições e especialistas, mas também por seus canais de mediação, como o jornalismo” (ALZAMORA, MENDES, RIBEIRO, 2021, p.216).

Assim, mesmo sabendo que a utilização de vídeos produzidos pelo público na construção do noticiário não é algo recente, a pandemia de Covid-19 fez com que a produção jornalística passasse a depender de forma fundamental do recebimento desse conteúdo, levando os profissionais a solicitá-lo ao invés de simplesmente aguardar seu envio de forma espontânea.

No Jornal Minas segunda edição, sonoras gravadas por dispositivos móveis (figura 3), imagens gravadas de dentro dos UTIs por médicos, evidenciando a superlotação dos sistemas público e privado de saúde, entrevistas realizadas por meio de aplicativos, passaram a predominar nas matérias. Imagens que habitualmente chegavam tremidas, escuras ou estouradas (figura 4), com enquadramentos fora dos padrões da emissora ganhavam destaque pelo conteúdo que traziam, pelas informações que repassavam, deixando em segundo plano o critério de qualidade da imagem.

Figura 3: Frame de sonora gravada em dispositivo móvel



Fonte: /www.facebook.com/jornalminas/videos/644238639700513/

Figura 4: Frame de matéria com enquadramento fora do padrão de qualidade



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=aacSPjjL4I4&ab_channel=JornalMinas⁵⁰

Para tentar contribuir com maior qualidade das imagens feitas pelas próprias fontes e depois do recebimento de muito material de uso inviável, a equipe do JM2 investiu na elaboração de um vídeo tutorial⁵¹, que passou a ser enviado pelos produtores para todos os entrevistados, no momento de produção das matérias. Nele era demonstrado qual melhor local para gravação – silencioso e com boa iluminação – como enquadrar o celular, mesmo que não se tivesse um apoio próprio para o mesmo, a distância ideal entre celular e entrevistado, dentre outras dicas.

Também se tornou bastante comum a “passagem” das matérias, momento em que o repórter entra em cena, ser gravada no formato *selfie*, em celular próprio. Algumas vezes, o motivo era a tentativa de mudança de ambiente, já que repórteres em teletrabalho acabavam por evidenciar muitas vezes os mesmos espaços de suas casas e, para tentar diversificar um pouco a cena, passaram a gravar suas passagens na rua de suas casas. Outras, porque, no início de 2020, alguns jornalistas foram surpreendidos pela pandemia durante o período de férias e, voluntariamente, decidiram enviar matérias relatando a situação dos locais em que se encontravam, como ocorreu com o repórter Pedro Rocha, que se encontrava em Portugal na ocasião da confirmação do primeiro caso de covid-19 no Brasil, e trouxe a situação da pandemia na Europa.

⁵⁰ Embora com qualidade de imagem inferior, a sonora trazia o depoimento de uma mineira que estava em Montreal sobre a situação da Covid-19 no local. Observa-se que a mensagem justificava a baixa qualidade da imagem.

⁵¹ Link vídeo tutorial enviado para fontes: https://drive.google.com/file/d/1daVgsFpT-qF9UsaKi5dRJMM14xSJhQmG/view?usp=drive_link

Figura 5: Frame de passagem gravada em formato *selfie*

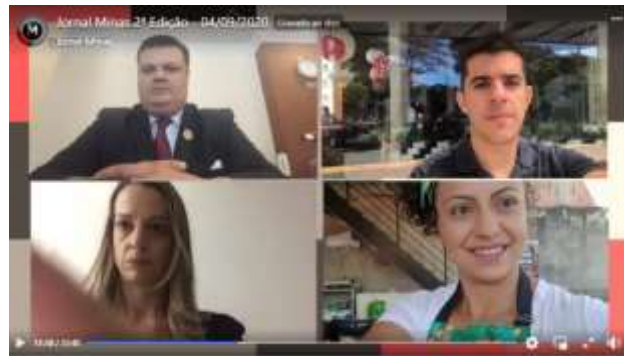


Fonte: /www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=134604407861942

Aproveitando a consolidação do formato *mobile* e diante da impossibilidade de maior proximidade com as fontes, o JM2 também produziu uma série de reportagens especiais intitulada “Essencial é Sobreviver”, quase inteiramente de forma remota, acompanhando por quatro meses três comerciantes e uma empreendedora, na luta pela manutenção de sua saúde e sobrevivência de seus negócios, diante do chamado abre-fecho do comércio em Belo Horizonte, cidade brasileira apontada entre as que manteve de forma mais rigorosa as medidas sanitárias e decretos de lockdown⁵². Na série, os quatro personagens (figura 6) gravaram um total de 105 vídeo celulares – grande parte tremidos ou com problemas no áudio, por excesso de ruídos - com relatos do que ocorriam em seus negócios e vida, além de também enviarem imagens mostrando suas rotinas nas retomadas das atividades. Para essa série que rendeu quatro episódios, exibidos de 01/09/2020 a 04/08/2020, e uma suíte posterior, prevaleceu o formato *mobile* e ampla orientação dos entrevistados para manutenção da qualidade de imagens, inclusive com pedidos múltiplos de regravação.

⁵²Matéria mostra decisão de Alexandre Kalil (PSD), prefeito de Belo Horizonte durante a pandemia, de manter o lockdown mesmo perante críticas <https://www.otempo.com.br/cidades/alexandre-kalil-e-a-maior-quarentena-do-mundo-mas-a-vida-nao-tem-preco-1.2368204>

Figura 6: Frame da série “Essencial é Sobreviver”



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=RUoXjZ8ToY0>⁵³

Entretanto, em nosso levantamento das informações acerca da produção, identificamos que, em relação a matérias mais factuais, nem sempre houve tempo hábil para solicitar o reenvio de materiais ou que as fontes produzissem imagens. É isso que se pode constatar observando reportagens que apresentam *offs* inteiros cobertos com a imagem do próprio entrevistado, durante a entrevista remota, como ocorreu, por exemplo, em uma matéria veiculada no dia 13 de abril de 2020, quando o texto relata: “esse psiquiatra alerta que a exposição dos trabalhadores da saúde à pressão da pandemia e às incertezas trazidas por esse novo vírus, podem afetar psicologicamente esses profissionais” – se referindo aos profissionais da saúde. O relato foi inteiramente coberto inteiramente apenas pela imagem fixa do rosto do psiquiatra.

Ademais, entrevistas em estúdio com especialistas foram substituídas por entrevistas remotas e, para isso, a direção técnica do telejornal passou a usar uma estratégia de divisão da tela – dual (figura 7) - ou um televisor que compunha o cenário do Jornal Minas, anteriormente pouco usado (figura 8).

⁵³ A série de reportagens “Essencial é Sobreviver” mostrou a rotina de quatro personagens: um gerente de hotel que passou a hospedar profissionais da saúde que não queriam correr o risco de contaminar familiares; um dono de restaurante que implantou o delivery, uma dona de loja de vestidos de festa, que fez leilão dos vestidos pela internet e montou uma linha de roupas casuais; e uma motorista de van escolar que transformou a van em um sacolão itinerante. A série foi premiada em 1º lugar no Prêmio Nacional Sebrae de Jornalismo- etapa estadual e em 3º lugar no 9º Prêmio CDL de Jornalismo.

Figura 7: Frame de entrevista ao vivo, remota em dual.



Fonte: https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=394932621767735

Figura 8: Frame de entrevista ao vivo, remota em telão.



Fonte: https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=5243671262360134

Ainda com relação às imagens veiculadas no período da pandemia, observa-se grande uso de material de arquivo da emissora, com muita repetição de imagens, pela dificuldade de renovação de copiões e produção de novas gravações presenciais. Também é perceptível como se tornou muito comum o uso de vídeos de internet, alguns de páginas estrangeiras para a cobertura de matérias falando sobre morte em tempos de pandemia (figura 9) ou o que define uma pandemia (figura 10), além de imagens enviadas por assessorias de imprensa, que passaram a ter um contato bem mais próximo à redação, já realizando a sugestão de pauta com a comprometimento de envio de imagens posterior dos eventos documentados pela própria assessoria (figura 11).

Figura 9: Frame de matéria coberta com imagem da internet



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=oMrzXNmBiVo>

Figura 10: Frame de matéria coberta com imagem de pessoas estrangeiras



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=1FUd-kspQ3s>

Figura 11: Imagens enviadas pela assessoria do Corpo de Bombeiros de MG



Fonte: https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=1596500480517915⁵⁴

⁵⁴ Figura 11: Imagens enviadas pela assessoria do Corpo de Bombeiros de MG, mostrando uma ação realizada pela corporação em frente ao Hospital da Santa Casa em BH- que abrigou muitos pacientes internados com Covid-19- onde foi estendida uma faixa em andaime com o dizer “você nunca estarão sozinhos”.

Diante do exposto, destaca-se um período de produção jornalística, no aspecto tecnológico, que permite indiciar novas formas de captação e formatação de imagens que garantem não só a continuidade do noticiário, mas revelam a supremacia de uma ideia de informação que pode e precisa prescindir de certa qualidade técnica das cenas veiculadas.

3.1. Nunca entregue o microfone ao entrevistado!

A consolidação da fonte como mais um produtor da matéria durante a pandemia exigiu uma série de adaptações. “Nunca entregue o microfone para o entrevistado”, sob risco de perder o “controle” do ritmo e do tom da entrevista (EMERIM, 2012, p. 38). A recomendação das escolas de jornalismo “caiu por terra” diante da necessidade do distanciamento social imposto pela pandemia (figura 12).

Figura 12: Frame de matéria mostra entrevistado segurando o microfone



Fonte: <https://www.facebook.com/jornalminas/videos/240774936986711/>

Assim, seja entregando literalmente o microfone ao entrevistado, ou enviando perguntas pelo WhatsApp para que a fonte grave e envie as respostas por vídeo celular, o tão falado “controle” havia sido delegado. Eram as fontes quem detinham a possibilidade de “ensaiar” a melhor versão de suas repostas, “recortando” o conteúdo de suas falas de forma a não receberem questionamentos ou interrupções e, até mesmo, de decidirem sobre o melhor ângulo para a captação da imagem.

Foram justamente as fontes das reportagens que ganharam destaque nesse processo de construção da notícia (pandemia). A participação do cidadão por meio de materiais audiovisuais produzidos por eles mesmos, já bastante comum nos telejornais, foi bem além do envio espontâneo. (SIQUEIRA E DIAS, 2021. p.159)

Além disso, a nova realidade de gravações de entrevistas por meio de aplicativos rompeu de vez com algumas fronteiras geográficas. Não era mais preciso ter emissoras parceiras, correspondentes – quase inexistentes em TV locais – ou deslocar equipe em viagens, com o gasto de recursos e diárias. Assim, se tornou muito mais frequente as entradas ao vivo com fontes nacionais, se destacando a contribuição quase semanal de pesquisadores da Fiocruz Brasília e da Universidade de São Paulo (USP) e de mineiros que estavam no exterior e contavam a situação vivenciada.

Aproveitando essa renovação da agenda de fontes e o estreitamento do contato com as fontes de fora do estado, nota-se o investimento do JM2 na elaboração de séries de reportagens especiais. Um exemplo é a série “Com(ns)ciência: desafio além da pesquisa”, composta de cinco episódios, que estreou no dia 23/09/2021, ocasião em que Minas Gerais completava um ano do registro da primeira morte por Covid-19. No conteúdo, especialistas do Instituto Butantan, do Projetos Educacionais Questão de Ciência, entre outros, como a biomédica do Instituto de Medicina Tropical da USP e integrante da equipe Halo da ONU, que sequenciou o novo Coronavírus em menos de 48 horas (figura 13), participaram do conteúdo, comentando o momento de popularização da ciência nos noticiários, explicando as pesquisas desenvolvidas por eles, problematizando o desafio que é fazer ciência no Brasil e apresentando perspectivas para a pandemia.

Figura 13: Frame de matéria mostra ampliação da agenda de fontes



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=kQON58IMP7U&t=3s>

3.2. Modificações nas equipes do jornalismo

Com a suspensão da gravação de programas não jornalísticos e campeonatos esportivos, verificou-se que muitos profissionais da Rede Minas seguiram para suas casas por tempo indeterminado, até que a emissora desenvolvesse um plano para que os programas retornassem

em novos formatos, o que ocorreu posteriormente, tendo a casa dos apresentadores como cenário. Aparecendo predominantemente de suas casas, alguns repórteres do Jornal Minas também fizeram a escolha pelo teletrabalho. Nesse sentido, gravações em espaços domésticos, passaram a compor o noticiário em consonância com o que ocorreu também nos telejornais de rede nacional.

Por outro lado, o público pode conferir a atuação de jornalistas de outras editorias e programas, na cobertura do dia a dia das cidades, como foi o caso do apresentador e editor-chefe do programa de futebol, Meio de Campo (figura 14), e colunista de esportes do JM2, que passou a ter constante aparição nas matérias sobre decretos de fechamento de comércio ou reportagens a respeito de protocolos de sanitários contra a Covid-19 (figura 15).

Figura 14: Apresentador do programa Meio de Campo



Fonte: Youtube programa Meio de Campo

Figura 15: Apresentador do Meio de Campo como repórter geral no JM2



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=dwpAJlc0K-M>

Além disso, em dados obtidos a partir a observação da redação nesse período e na avaliação dos mapas de reportagem, é possível perceber que profissionais de funções técnicas nem sempre tiveram a opção de executarem atividades diretamente de seus lares. Assim, o

jornalismo da TV Minas recebeu o reforço de alguns cinegrafistas, vindos dos programas cuja veiculação estava suspensa.

Em análise ampliada dos mapas de reportagem, é possível observar que o período de pandemia foi o que mais manteve farta a disponibilização de cinegrafistas no Jornal Minas. Saindo acompanhados por repórteres ou sozinhos, como “abelhas” – no jargão jornalístico – esses profissionais contribuía com as edições diárias⁵⁵. Se compararmos os mapas de reportagens durante a pandemia e no pós-pandemia, é possível verificar o quanto o período mais crítico de isolamento social disponibilizou mais recursos humanos de atuação técnica para o jornalismo da emissora que em tempos tidos como normais (figuras 16 e 17).

Figura 16: Mapa de reportagem do Jornal Minas 1º e 2º edição do dia 06/08/2020

*Mapa evidencia cinco cinegrafistas à disposição do Jornal Minas

DATA: 06/08/2020 - QUINTA-FEIRA				
HORÁRIO	EQUIPES	RETRANCA/PRODUTOR	HORÁRIO MARCAÇÕES	SITUAÇÃO
7h às 13h	EQUIPE 1 MANHÃ Repórter 1 Cinegrafista 1	Legado leitos hospitalis [REDACTED] Produtor 1	9h30 – Serra Verde	JM1
7h30 às 13h30	EQUIPE 2 MANHÃ Cinegrafista 2 (Abelha)	Imagens Shopping Cidade	11h30 - Centro	JM1 do dia
7h às 13h	EQUIPE 3 MANHÃ Repórter 2 Cinegrafista 3	Reabertura comércio (sem pauta)	9h – Centro 11h - Centro	JM1 do dia
13h às 19h	EQUIPE 1 TARDE Repórter 3 Cinegrafista 4	Reabertura BH ([REDACTED]) Produtor 2	14h30 – Belvedere 16h – Centro 17h - Centro	JM2 do dia
13h às 19h	EQUIPE 2 TARDE (Abelha) Cinegrafista 5	Factual		JM2 do dia

Figura 17: Mapa de Reportagem Jornal Minas 1º e 2º edição do dia 07/08/2023

*Mapa evidencia três cinegrafistas à disposição do Jornal Minas

**Dia 06/08/2023 caiu em um domingo, em que o jornalismo não tem equipe. Por isso, selecionamos a data subsequente

DATA: 07/08/2023 – SEGUNDA-FEIRA				
HORÁRIO	EQUIPES	RETRANCA/PRODUTOR	HORÁRIO/MARCAÇÕES	SITUAÇÃO
7h30 às 13h30	EQUIPE 1 MANHÃ Repórter 1 Cinegrafista 1	Ações Agosto Liás [REDACTED] Produtor 1	08h30 - Vilarinho	JM1 do dia
08h às 14h	EQUIPE 2 MANHÃ Cinegrafista 2 (Videorepórter)	Factual Coletiva Corrupção MG [REDACTED] Produtor 2	8h30 – A definir 11h30 – Cidade Administrativa	JM1 do dia (Sal com câmera do vivo)
13h às 19h	EQUIPE 01 TARDE Repórter 2 Cinegrafista 3	Protocolo Mulheres Bares [REDACTED] Produtor 3	13h30 – Rede Minas 15h – Centro 16h - Savassi	JM2 do dia

OBS 1: [REDACTED] de atestado. [REDACTED] fecha "Doença Autoimune". [REDACTED] termina produção e fecha "Saúde Mental Motoristas Onibus".

OBS 2: Paolo fecha "Câncer de Pele Homem". [REDACTED] na produção.

⁵⁵ Como já exposto, o Jornal Minas possui duas edições diárias- JM1 e JM2- de 30 minutos de duração cada. Durante a pandemia, cinegrafistas de programas suspensos reforçaram as equipes do jornalismo.

O acúmulo de funções no trabalho jornalístico também foi uma tendência durante a pandemia (JUKES, FOWLER-WATT, RESS, 2020). Também nesse aspecto profissional, foi possível identificar essa mesma realidade na Rede Minas, onde observamos supervisores técnicos desempenhando funções no “GC”⁵⁶ do jornal, por exemplo; repórteres que estavam em casa passaram a gravar seus *offs* como áudios em aparelhos celulares e a editar texto, mapeando sonoras gravadas e, às vezes, até experimentando a utilização de programas de edição de imagens. Os telespectadores também puderam notar o esvaziamento da redação, uma vez que o formato *Newsroom* do estúdio evidenciava a redação vazia.

3.3. “Fique por dentro” e “distantes, porém mais próximos”

O investimento em matérias explicativas, de caráter educativo, também foi perceptível na observação da programação do JM2. No dia 13 de março de 2020, foi estreada a coluna “Fique Por Dentro”. Na primeira reportagem especial, destaque para a explicação do que vinha a ser uma pandemia. Posteriormente, assuntos como “achatamento da curva”, “importância da testagem e diferença nos tipos de testes”, “entendendo o que é o apagão dos dados do Ministério da saúde e suas consequências”, “Covid nas prisões”, entre outros, fizeram parte da coluna. Além desse conteúdo especial, matérias mais factuais a partir desse momento também adotaram um caráter mais pedagógico, chegando a ensinar como lavar as mãos de forma correta (figura 18) e como usar a máscara de forma adequada – esse último assunto esteve presente em diversas matérias, sendo atualizado ao longo de toda a pandemia, já que, em um primeiro momento, especialistas recomendavam o uso de máscaras apenas para profissionais da saúde e pessoas infectadas, e posteriormente defenderam a utilização generalizada do acessório feito com material TNT, depois de pano, até chegarmos às máscaras tipo N95 ou cirúrgicas.

Verifica-se, nesse aspecto, que a ação pedagógica das matérias é ampliada durante a pandemia, uma vez que as reportagens realizadas com essa função anteriormente estavam mais relacionadas à assuntos econômicos e até políticos, por exemplo. Até então, explicar sobre ação das vacinas, protocolos sanitários, limpeza de alimentos, dicas para higienização de equipamentos eletrônicos, distanciamento social e até a melhor forma de espirrar, não era comum nas pautas jornalísticas.

⁵⁶ “GC” ou Gerador de Caracteres de um jornal são os créditos que aparecem na tela, como nomes de repórteres, entrevistados, legendas, tarjas. Eles são operados por meio de um software.

Figura 18: Frame de matéria "Se prevenir, sem pânico"



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=1WAIbHUXI8w> (link indisponível)

Além de novos recursos e formatos, o distanciamento social imposto pela pandemia, conforme relatado anteriormente, resultou também em um maior afastamento físico entre repórteres e fontes. Não só os dois metros de distância – do protocolo sanitário - separavam as partes, mas o próprio uso da máscara passou a impedir a manifestação de expressões que muitas vezes contribuem para o estabelecimento de confiança entre ambos. Temas delicados como violência doméstica, cujos casos foram acentuados durante a pandemia, por exemplo, tratados de forma remota, dificultavam a construção de uma relação de maior proximidade e de um ambiente favorável para se ter acesso a depoimentos mais profundos.

Porém, o caráter trágico da pandemia de Covid-19, acontecimento mobilizador de emoções, contribuiu para que jornalistas evidenciassem gestos de maior empatia, com reconhecimento e identificação de emoções de entrevistados, de admissão das situações a partir do ponto de vista das outras pessoas acionadas, e de manifestação de reações emocionais próprias nos processos de interação. Isso fica evidente em muitas matérias em que repórteres se incluem no compartilhamento de percepções e emoções, como por exemplo na reportagem veiculada pelo JM2 no dia 20 de março de 2020, quando o relato do repórter traz questionamentos comuns, principalmente aos profissionais que se mantinham na ativa, como os jornalistas: “Em tempos de crise é difícil decidir entre se proteger do vírus e se arriscar para garantir o sustento da família”. Mais à frente, na edição do dia 2 de abril de 2020, o texto em *off* de outra reportagem, realizada por outro repórter, faz apontamentos semelhantes, permeados de angústia e incertezas: “Vivemos mesmo dias mais tensos, por não sabermos mesmo a dimensão dessa ameaça; quando ela termina, se está mais perto de nós. E o meu trabalho? E meus pais? Será que eu peguei? E se eu pegar, vai ser grave?”

Nesse sentido, o “repórter-testemunha” também ganha espaço e “sua atuação se torna mais flexível”, ocupando “as cenas dos acontecimentos como ‘ator’ e não só como aquele que reporta” (GUTMANN, BÔAS, GOMES, 2019, p.85). Passam a ser comuns matérias em que repórteres aparecem com suas famílias em casa, como na edição de 12 de junho de 2020, ou em que o *off* da reportagem se assemelha a um depoimento – “estamos aprendendo a valorizar coisas que na correria do nosso cotidiano não prestávamos atenção”, como ocorreu na edição de 05 de junho de 2020 –, transpõem o profissional para uma condição de compartilhamento de sua intimidade e opiniões, que mais se assemelha ao posicionamento de personagens. Nesse sentido, as próprias gravações realizadas por repórteres dentro de suas casas também favoreceram essa aproximação com o público, para além de similaridade da condição de afastamento, uma vez que, não raro, a situação de suas famílias, intimidade e desabafos passaram a compor os relatos jornalísticos.

Nesse movimento “humanizador” das matérias, jornalistas compartilham experiências, demonstram empatia, dão testemunho de suas rotinas e dificuldades, comentam se adoeceram, se emocionam. Tudo isso se torna material ainda mais rico de análise, se não desconsiderarmos que faz parte do trabalho desses profissionais imprimir intencionalidade ao tentar também os efeitos das emoções em seu público, quando “constroem e gerenciam a resposta emocional coletiva, concentrando-se em emoções socialmente aceitáveis (...) como tristeza e compaixão”, como realçam Pantti e Jorgensen (2021). Tal atuação em um contexto de crise pode inclusive ser acentuado, se tornando um “compromisso de provocar uma resposta que incite o público à ação” (PANTTI E JORGENSEN, 2021, p.1569, tradução nossa).⁵⁷

4. Quando as emoções tomam conta

Antes de iniciarmos uma análise mais detida da maneira como aspectos emocionais são mobilizados na configuração do texto jornalístico da TV Minas no período da pandemia, de indicarmos, faz-se necessário destacar uma vez mais que o estudo dos afetos se situará sempre no “contexto de uma cultura” (PINTO, 2015, p.74). Sendo assim, “as descrições dos fenômenos afetivos esbarram na variação que as palavras usadas para designá-los (amor, medo, raiva, esperança, etc.) podem apresentar em função das diferentes línguas, culturas e épocas” (PINTO,

⁵⁷ Texto original: Journalists both construct and manage collective emotional response, for instance by focusing on socially acceptable, unifying or “calming” emotions (such as grief and compassion) rather than on disruptive emotions (such as anger). Moreover, in the context of crisis journalism, journalistic witnessing involves a commitment to elicit an emotional response that incites the audience to action.

2015, p.73). Dessa forma, a percepção dos afetos sempre se dará de acordo com um conjunto de valores intrínsecos à época e contexto em que se encontram.

Vale destacar também que terminologias como “afetos” e “emoções” perpassam a bibliografia consultada com diferentes significados. No esforço de precisar o uso desses termos, consideramos “afeto” como o sentido mais abrangente entre eles:

Hoje, termos como afeição ou afecção, provenientes de *affectus* e *affectio*, entendem-se como um conjunto de estados e tendências dentro da função psíquica denominada afetividade, mais especificamente, uma mudança de estado e tendência para um objetivo, provocadas por causa externa. Afeto, por sua vez, com a mesma etimologia, refere-se ao exercício de uma ação no sentido B, em particular sobre a sensibilidade de B, que é um ser necessariamente vivo. A ação de afetar (no latim clássico, podia corresponder a *commuovere*) contém o significado de emoção, ou seja, um fenômeno afetivo que, não sendo tendência para um objetivo, nem uma ação de dentro para fora (a sensação, vale lembrar, é de fora para dentro), define-se por um estado de choque ou de perturbação da consciência. (SODRÉ, 2006, p. 28-29)

A partir dessa perspectiva, é possível observar o acionamento de emoções em como os agentes jornalísticos selecionam e agendam ocorrências e temas, dando-lhes espaço e tempo; os enquadramentos predominantes – “sentidos acionados pelos atores para definir uma situação ou acontecimento e se posicionar naquela interação” (SILVA, 2018, p.87) - ações e atores destacados nas narrativas e as formas como foram representados nos discursos. Acreditamos que assim é possível refletir sobre quais imagens, enquadramentos – vistos também como “produtos de interação” (MENDONÇA E SIMÕES, 2012, p.197) - e atores surgem nesta cobertura. Ademais, quais papéis são assumidos pelas matérias jornalísticas, diante da atuação dos agentes jornalísticos?

Outra questão verificada se relaciona a presença de elementos do melodrama nas formas narrativas, uma vez que esse recurso é comum nos contextos psíquicos do sofrimento e da “tragédia do imprevisto”, se tornando “a forma cultural por excelência para a expressão de traumas sociais” (RIBEIRO ET AL, 2020, p.74). Como base para a construção de um olhar analítico que se propõem a identificar as emoções e também compreender as formas como elas se configuram no texto jornalístico e são por ele configuradas, nos inspiramos inicialmente em Pinto (2015), de forma a olhar para as emoções não só para identificá-las como também para refletir sobre suas configurações e invocações dentro do processo comunicativo jornalístico. O autor dessa forma, se referindo à Micheli (2014) comenta os três modos da “semiotização das emoções”, sendo eles: “emoção dita”, aquela que é explícita, “denotada”, “descrita”, “nomeada”; a “emoção mostrada”, “que pode ser inferida a partir de um conjunto de características do enunciado”, aquela que é conotativa, que representam as expressões de

emoções; e a “emoção sustentada”, quando a própria emoção é objeto do argumento (PINTO, 2015, p. 85).



Fonte: elaboração própria a partir de PINTO (2015) e MICHELLI (2014)

Nesse ponto, traçaremos uma análise da “linguagem emocional” na medida em que ela “envolve não somente processos de autoatribuição, mas também processos de atribuição estendida, durante os quais um falante atribui uma emoção a outros que a si mesmo” (MICHELIN 2014, tradução de CAVALCANTE, OLIVEIRA, FERNANDES, 2022).

A partir desses operadores direcionaremos nosso olhar para o *corpus* desta pesquisa, analisando em primeiro plano a citação explícita das emoções nos conteúdos, como empatia, medo, indignação, tristeza, sofrimento, raiva, etc.; a presença de adjetivos com carga subjetiva mais acentuada – horrível, absurdo, avassalador; também aspectos da rede textual como as escolhas feitas pelo texto visual, a maior presença ou ausência do repórter no conteúdo, variações de tons de voz (grito, choro), gestualidades (movimentos bruscos ou suaves, mãos apontando a algo ou fazendo sinais...) e recursos visuais e sonoros definidos pela edição, levantando razões que fundamentam os julgamentos afetivos.

Em segundo momento, buscaremos analisar a forma como enunciado e enunciação se relacionam. Quais atores se emocionam e o contexto que favorece essas emoções. Por fim, nos dedicaremos a perceber a “argumentatividade das emoções”, no sentido de que a “própria emoção é o objeto do argumento”, como pontua Micheli levando “os falantes” à “legitimação” ou “deslegitimação” de uma emoção, ou até mesmo a ausência dela (2011, p.143).

Nesse sentido, os falantes argumentam a favor ou contra uma emoção: eles fornecem razões para apoiar por que sentem (ou não sentem) essa emoção e por que ela deveria (ou não deveria) ser legitimamente sentida. Nesses casos, o processo argumentativo baseia-se não tanto nas disposições para acreditar ou agir, mas nas disposições para sentir (MICHELI, 2011, p. 158, tradução nossa)⁵⁸.

Ademais, iremos considerar para a análise que os próprios recursos estilísticos utilizados podem despertar sensações e sentimentos morais, seja pelo tom, adjetivação, detalhamento e carga emocional que carregam. Isso porque, consideraremos o texto noticioso como uma complexa narrativa, fruto de uma experimentação de mundo e vinculado a processos de interação, como o diálogo entre o jornalista e suas fontes, a escolha das personagens, e que também sofre a influência da organização e da pressuposição de seus públicos.

Assim, buscando representar a vida humana e os acontecimentos, o jornalismo, conforme pontua Motta “conta histórias de nossos heróis e vilões, nossas batalhas, conquistas e derrotas”, por meio de uma linguagem que pode ser muitas vezes dramática, possuindo “retórica tão ampla e rica quanto a literária” (2005, p.11).

Observe os títulos do jornal ou as chamadas do telejornal de hoje para comprovar essa afirmação. Intencionalmente ou não, geram nos leitores inúmeros efeitos de sentido emocionais. Recursos lingüísticos e extra lingüísticos remetem os receptores a estados de espírito catárticos: surpresa, espanto, perplexidade, medo, compaixão, riso, deboche, ironia, etc. Eles promovem a identificação do leitor com o narrado, humanizam os fatos brutos e promovem a sua compreensão como dramas e tragédias humanas. (MOTTA, 2005, p.11)

Nesse sentido, de acordo com o autor, o jornalismo convocando “efeitos de real” por meio de escolhas léxicas também pode induzir leitores e telespectadores a diversos “graus de comoção” e, acrescentamos, também sofrer impactos de acontecimentos trágicos, como a pandemia de Covid-19, se comovendo, uma vez realizado por agentes – jornalistas – que inseridos em um contexto de comoção não ficam ilesos a ele.

Perante o exposto, torna-se relevante buscar identificar a presença de aspectos emocionais nas matérias jornalísticas a serem analisadas e os meios que as mobilizam, entendendo que o jornalismo para informar se utiliza de estratégias do “fazer sentir”, conforme nos apresenta Charaudeau (2013), podendo provocar emoções na tentativa de afetar sentidos.

⁵⁸ Texto original: En este sentido, los oradores argumentan a favor o en contra de una emoción: proporcionan razones para apoyar el por qué sienten (o no sienten) esta emoción y por qué esto debería (o no debería) ser legítimamente sentido. Em tales casos, el proceso argumentativo se apoya no tanto sobre las disposiciones para creer o actuar sino sobre las disposiciones para sentir.

Para isso, consideraremos como elementos potencializadores de emoções todos os recursos mobilizados nas matérias com a intenção de engajar o telespectador.

4.1. Eixos temáticos

Ao direcionarmos nosso olhar de forma ampliada para o material veiculado pelo Jornal Minas segunda edição, entre os dias 26 de fevereiro de 2020 até 06 de junho de 2022, identificamos o predomínio de conteúdos com seis temáticas centrais, conforme análise qualitativa já citada na introdução.

I) *Valorização da ciência e autoafirmação da importância da mídia*

Em um contexto em que se observa a queda nos níveis de confiança na mídia e na ciência, o aumento da desinformação, além da hostilidade política com serviços públicos, evidencia-se o que Jukes, Fowler-Watt, Rees (2020), chamam de “caráter pastoral da mídia” (p.20, tradução nossa)⁵⁹, em que se configura a necessidade de se reafirmar a responsabilidade social do jornalismo, ao mesmo tempo em que se busca evidenciar o valor das instituições científicas.

A cobertura da pandemia de Covid-19 no JM2 seguiu essa tendência, na preocupação diária de apenas veicular informações baseadas em estudos científicos de instituições já renomadas e confiáveis, além de investir em produções que evidenciavam o apoio da mídia à ciência. A estreia do quadro “Fato ou Fake” em 25 de março de 2020, por exemplo, se baseava no recolhimento das principais informações sobre a Covid-19 veiculadas na internet durante a semana vigente e classificando-as como verdadeiras (fato) ou falsas (fake), de acordo com apuração realizada junto a universidades e institutos de pesquisa. Também foram promovidas entrevistas com médicos de áreas diversas e pesquisadores sobre ineficiência do uso de medicamentos como hidroxicloroquina na prevenção e tratamento da Covid (edições de 14 de maio e 20 de maio de 2020); série especial totalmente direcionada ao desafio da ciência em se manter diante dos ataques sofridos e do corte de recursos (série “Com(ns)ciência: desafio além da pesquisa”), reportagens especiais sobre funcionamento das vacinas e a eficácia da vacinação (edição de 8 de julho e de 2021), além de entrevistas exclusivas com o secretário de estado de saúde e pesquisadores sobre andamento da vacinação e busca de conscientização da população

⁵⁹ Texto original: There is a tension here, between the burden of social responsibility felt by the journalists we interviewed for this paper and the need to hold power to account as central to journalism’s public service remit. This is not to say that difficult questions are not being asked, but there is a notable shift towards a pastoral rather than watchdog role in the context of crisis.

para adesão ao esquema vacinal (edições: 10 de julho, 11 de julho, 22 de dezembro de 2021; 5 e 13 de janeiro 2022).

Nesse sentido, também destacamos comentários em “nota pé” que buscam demonstrar o apoio da mídia à ciência, como na edição de 7 de maio de 2020, em que ao final de uma matéria sobre o evento “Marcha pela Ciência”, promovido de forma online, com participações da Fundação Ezequiel Dias (Funed) e da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a apresentadora manifesta “nem mesmo nesse dia tão especial de mobilização a ciência foi poupada. Hackers invadiram a transmissão virtual de um dos debates promovidos pela marcha aqui em BH. Eles fizeram insultos racistas e de cunho sexual. Segundo participantes da reunião, haviam pelo menos quatro invasores no link e alguns eram estrangeiros. Eles foram removidos pelo administrador e o debate prosseguiu. A ciência sempre segue adiante”⁶⁰

II) *Impactos econômicos da pandemia e reinvenção dos comerciantes*

O impasse entre o abre-fecha do comércio, a sobrevivência das famílias que também passa pela sobrevivência dos negócios e a geração de emprego e renda, motivaram a realização de grande quantidade de matérias jornalísticas, que foram além da comunicação dos simples decretos de *lockdown* ou dos protocolos sanitários obrigatórios para a retomada do comércio.

Reportagens problematizaram de forma mais profunda o impacto da pandemia no mercado financeiro (edição de 17 de março de 2020), na inflação dos alimentos (edição de 7 de maio de 2020); na geração de emprego como na série de reportagens “Efeitos da Pandemia” de 28 de dezembro de 2020; mostraram estratégias desenvolvidas por comerciantes para manterem seus negócios, conforme série de reportagens “Essencial é Sobreviver”, de 1º de setembro de 2020; evidenciaram as dificuldades e força dos pequenos negócios – série de reportagens “Comércio tá on”, que estreou em 18 de fevereiro de 2021, e série de reportagens “*Recall: a virada dos pequenos*” – 1º lugar no 9º Prêmio Sebrae de Jornalismo, etapa estadual, em 2022 – reportagem especial “Redescobrimo o Comercio” de 31 de março de 2021, entre outras. O interesse no assunto se justificava não só pelo evidente impacto da crise sanitária na economia, mas também pela dicotomia estabelecida por autoridades políticas, desde a chegada da Covid-19 no Brasil, entre saúde e economia, como se a crise não pudesse ser controlada perante o equilíbrio na condução de políticas públicas de ambas as pastas.

III) *Impactos da crise sanitária para as populações e segmentos mais vulneráveis*

⁶⁰Link do Jornal Minas 2ª edição do dia 07/05/2020 onde é possível conferir a matéria “Marcha pela Ciência”: https://www.youtube.com/watch?v=i0My22rSrRs&ab_channel=JornalMinas Na ocasião, a apresentadora é a pesquisadora e o comentário em nota pé serviu para complementar a notícia da Marcha pela Ciência, que não abarcou a invasão da transmissão. Consideramos no momento que a informação complementar era relevante, principalmente no contexto em que a ciência sofria tantos ataques.

A cobertura da pandemia de Covid-19 realizada pelo JM2 demonstra, desde o início, a preocupação em retratar as realidades de populações consideradas socialmente mais vulneráveis. Isso pode ser percebido em reportagens realizadas principalmente durante o primeiro ano da pandemia, como “Coronavírus impacta a renda na favela” (edição 2 de abril de 2020); “Drama dos catadores de recicláveis” (edição 11 de maio de 2020); “Isolamento social é mais pesado para mulheres” (edição 14 de maio de 2020), “Autistas na quarentena” (edição 22 de maio de 2020); “Crise dos camelôs na feira de Contagem” (edição 20 de julho de 2020); “Aumenta população de rua” (edição de 12 de novembro de 2020). Também foi realizada uma série de reportagens intitulada “Geração C: marcas de uma pandemia”, estreada em 20 de setembro de 2021, que se baseou em uma pesquisa realizada pela UFMG sobre a percepção da pandemia pelas crianças, e suas consequências psicológicas, familiares e sociais.

Alguns segmentos também receberam atenção especial como o dos trabalhadores da limpeza urbana e os trabalhadores de serviços de entrega. Além desses, atletas – matérias “Sonho Olímpico adiado”, de 10 de agosto de 2020, e “Atletas pedem bolsa esporte”, de 21 de outubro de 2020 –, músicos – “Fenômeno das *lives*”, edição de 5 de junho de 2020 –, e artistas circenses – “situação do circo na pandemia”, edição de 2 de maio de 2020 – também foram categorias que receberam destaque na cobertura.

IV) Deficiências e desigualdades educacionais

A suspensão das aulas e a posterior adoção de aulas remotas também foram temas de muitas reportagens veiculadas no JM2. Além dos conteúdos factuais, que envolviam decretos de proibição/autorização de aulas presenciais nas redes pública e privada de ensino, houve grande investimento em entrevistas, ao vivo, com especialistas, principalmente da organização “Todos pela Educação” e da Fundação Getúlio Vargas. Ocorreu, inclusive, a repetição de fontes de fora do estado de Minas Gerais, como o caso da diretora do Centro de Excelência e Inovação em Políticas Educacionais da Fundação Getúlio Vargas, professora Cláudia Costin, que participou de três edições ao vivo do jornal (dias 24 de junho e 16 de outubro, de 2020 e 20 de janeiro de 2021), com duração de cerca de 7 minutos por entrada, além de ter contribuído com matérias gravadas. Nos conteúdos se destacaram a preocupação com a desigualdade nos processos educacionais, falta de internet/condições para que todos os alunos pudessem acessar às aulas remotas, preparo dos professores, e futuro da educação, além de assuntos relacionados às escolas, como falta da merenda escolar, muitas vezes considerada a principal refeição de crianças mais carentes.

Ainda investindo em conteúdos especiais, que além de mostrar os desafios da educação também buscasse trazer perspectivas de futuro para a área, com os impactos da pandemia, o

Jornal Minas segunda edição produziu a série de reportagens “Nova escola: o X da Questão”, que em três episódios (“questão de aprendizado”, “questão de mercado”, “questão de futuro”), problematizou os impactos do déficit educacional e da evasão escolar no mercado de trabalho e no futuro social e econômico do país. A série recebeu Menção Honrosa no 38º Prêmio Direitos Humanos de Jornalismo 2021, promovido pela ONG “Movimento de Justiça e Direitos Humanos”.

Outro fator que influenciou a frequente retomada de assuntos educacionais no JM2 foi a criação do “Se liga na Educação”, projeto do governo do estado que passou a oferecer aulas remotas a alunos do ensino médio em 18 de maio de 2020. Além da relevância do programa, por ele ser uma parceria entre a Secretaria de Estado de Educação e a Rede Minas, uma vez o uso das dependências da emissora, o “Se Liga na Educação” passou a ser pauta mais frequente.

V) *Valorização dos profissionais da saúde*

Embora já tenhamos tratado da valorização da ciência, referenciada por profissionais pesquisadores e médicos que atuaram como fontes especialistas, é importante destacar, na cobertura jornalística em análise, o movimento de valorização dos profissionais da saúde que atuaram na “linha de frente”.

Nesse sentido, esses profissionais aparecem ao longo de toda a cobertura como um tema transversal, caracterizados, na maioria das vezes como personagens, procurando demonstrar seu lado humano em depoimentos que relatam jornadas de trabalho exaustivas (edições de 13 de janeiro de 2021 e 24 de janeiro de 2022), que se emocionam, lamentam as aglomerações e fazem apelos à população (edição 2 de março de 2021).

A valorização desses profissionais da saúde seguiu a tendência das coberturas realizadas por emissoras nacionais, quando tais agentes passam a ser referenciados como “heróis”. Ademais, eles também fizeram parte de matérias de teor mais investigativo e de denúncia, como no dia 31 de março de 2020 em que seus depoimentos evidenciavam a falta de equipamentos de proteção individual para utilização durante atendimento à pacientes com Covid-19. A saúde mental desses profissionais também foi problematizada (edição 13 de abril de 2020), assim como suas rotinas e preocupações para não contaminarem familiares. Também apareceram em vídeos enviados por assessores de comunicação, sendo aqueles que aplaudem a alta de pacientes que venceram a Covid-19 (edições 26 de agosto de 2020 e 25 de fevereiro de 2021), e que são aplaudidos e homenageados (edição 17 de abril de 2020).

VI) *Iniciativas de solidariedade e esperança*

Geralmente presentes no último bloco do jornal, matérias que divulgavam projetos que estavam precisando de doações passaram a compor o noticiário do JM2 com frequência. A

maior parte delas se constituíam de um vídeo celular enviado pela fonte com pedido de doações. Também se tornou frequente dar visibilidade a pessoas ou iniciativas que poderiam ser tomadas como “exemplo” no auxílio ao próximo, como o caso de um professor de futebol que passou a arrecadar computadores usados e com defeitos, para consertá-los e doá-los a alunos carentes no ensino remoto (edição 26 de agosto de 2020); ou um projeto realizado por mulheres do bairro Lourdes em BH para doação de cestas básicas às famílias em vulnerabilidade (edição 29 de março de 2021). Dando mais destaque a esse espaço de divulgação de boas atitudes e pedidos de ajuda, a partir de 10 de dezembro de 2020, esse tipo de conteúdo passou a ser divulgado dentro do quadro “Gente do Bem: histórias de solidariedade para inspirar”, ganhando vinheta e identidade visual (figura 19).

Figura 19: Identidade Visual do Quadro "Gente do Bem"



Fonte: <https://www.facebook.com/jornalminas/videos/1291860797842991/>

4.2. As ondas emocionais

Durante toda a cobertura da pandemia de Covid-19 realizada pelo Jornal Minas segunda edição, destacaram-se mobilizadores emocionais negativos como *Medo*, *Ansiedade*, *Tristeza*, *Tensão*, *Preocupação*, *Perplexidade*, *Desespero*, *Indignação*. Por outro lado, também foram convocados elementos emocionais positivos relativos ao *Amor*, a *Compaixão* e a *Esperança*. *Descaso* e *Tédio* também puderam ser notados.

Em um olhar mais cuidadoso, foi possível dividir o conteúdo veiculado no JM2 de acordo com o predomínio das emoções convocadas pelo material audiovisual analisado. Decidimos chamar de “ondas emocionais” esse movimento que ora evidencia o predomínio de uma emoção ou uma combinação delas, ora convoca outra (as), admitindo que em nenhum momento uma emoção desaparece por completo, apenas se movimenta entre cristas e vales, configurando-se como ondas. Assim, para efeitos didáticos dessa análise, dividimos as 130

edições analisadas em cinco grandes ondas emocionais, admitindo que em cada uma delas se movimentam várias outras ondas de menor porte, mas nem por isso menos importantes. Para aprofundarmos nossa análise dos aspectos emocionais na cobertura da tragédia da Covid-19 realizada pelo Jornal Minas segunda edição da Rede Minas, selecionamos um conteúdo de cada onda emocional delimitada, de forma a bem ilustrar a prevalência de cada movimento. Dessa forma, foi escolhida uma matéria mais representativa de cada onda, que se destaca do todo por convocar a maior parte das emoções destacadas. Assim, para contribuir com uma visão geral das ondas emocionais, identificando as emoções predominantes em cada uma delas, o comportamento jornalístico que se destaca e o período que delimita cada uma dessas ondas, criamos para fins didáticos o quadro abaixo:

ONDAS	EMOÇÕES	TIPOS DE JORNALISMO	PERÍODO
1ª ONDA Entre conter o pânico e prever o caos	Medo, insegurança, ansiedade e preocupação	Atordoado	26/02/2020 a junho de 2020
2ª ONDA As indignações e a dessensibilização	Revolta, indignação, apatia e esperança	Fiscal	julho de 2020 a novembro de 2020
3ª ONDA entre o luto e a esperança	Luto, tristeza, ansiedade e esperança	Enlutado	dezembro de 2020 a Fevereiro de 2021
4ª ONDA terror e revolta	Desespero, agonia e revolta	Espanto	março de 2021 a julho de 2021
5ª ONDA cautela e alívio	Ansiedade, cautela e alívio	Retomada da Normalidade	agosto de 2021 a junho de 2022

Fonte: elaboração própria.

Cabe ressaltar que não prendemos nosso olhar apenas no texto jornalístico no formato de reportagens, mas também editoriais, notas cobertas, *loc off*, notas secas, entradas ao vivo, *stand up*, entrevistas em estúdio ou remotas e boletins. Assim, as análises são aplicadas em formatos diversos de conteúdos jornalísticos, partindo da transcrição dos mesmos, para então a realização da reflexão em torno da “emoção dita”, “emoção mostrada” e “emoção sustentada”, conforme já especificadas como sendo nossos operadores analíticos.

4.2.1. Primeira onda: entre conter o pânico e prever o caos

“Nem o medo pode parar quem corre para salvar vidas.”⁶¹

A primeira grande onda emocional identificada nos conteúdos analisados se estende do início da cobertura, em 26 de fevereiro de 2020 – ocasião da confirmação do primeiro caso de Covid-19 no Brasil – até o mês de junho de 2020, nas proximidades de registro do primeiro pico da doença no país, no qual havia o predomínio da variante Alfa. Marcada pela preocupação dos repórteres em não promoverem o pânico social, ao mesmo tempo em que anunciam a possibilidade de grande número de contaminados e de mortes previstas para os próximos meses, com a disseminação da doença, essa primeira onda emocional é permeada pelo medo, a insegurança, a ansiedade e a preocupação. Também se observa o início de uma onda de compaixão. Ademais, em detrimento do ineditismo do acontecimento, muitas emoções são promovidas também pelo desencontro de informações.

Em matéria veiculada no dia 26 de fevereiro de 2020, por exemplo, o texto do repórter acaba por se contradizer, quando ao início da matéria relata: “A secretaria está acompanhando pessoas que chegam de países com a epidemia, mesmo as que não apresentam sintomas. Para essa patologista clínica, não é o caso de pânico”. Já ao final da matéria afirma: “A Organização mundial da saúde mostrou preocupação. O mundo não está preparado para enfrentar a epidemia de coronavírus!”

O momento também é marcado pela insegurança sobre a eficiência de protocolos de prevenção. Os próprios especialistas, inicialmente, admitem não terem certeza sobre as recomendações que estão dando e há a escolha de deixar essa incerteza registrada nas sonoras veiculadas, como na edição do dia 31 de março de 2020, em que uma enfermeira do Hospital Antônio Dias, de Patos de Minas, que gravou com a equipe via *zoom* e preferiu não se identificar, diz que não passou por nenhum treinamento para enfrentamento do vírus e que se baseia nas informações veiculadas na mídia⁶². Ora, não se esperaria o caminho inverso, sendo a mídia informada por esses profissionais?

Observa-se assim que, enquanto ocorre uma construção coletiva do conhecimento sobre a doença, o desencontro de informações e a insegurança prevalecem. Em uma matéria que tinha

⁶¹ Trecho de off da matéria “Trabalhadores na ativa”, veiculada na edição do JM2 do dia 01/05/2020.

⁶² Transcrição da sonora da enfermeira: “Não nos foi disponibilizado, até o momento, nenhum tipo de treinamento de como a gente deve enfrentar esse vírus. O que a gente sabe é o que a gente tem visto nos noticiários e informações da Organização Mundial da saúde que a gente ‘tá’ tendo acesso pela internet. É isso que a gente ‘tá’ levando com a gente na bagagem pra essa luta”. Edição: 31/02/2020 – Jornal Minas segunda edição.

como objetivo ensinar a população sobre o uso adequados das máscaras, edição de 2 de abril de 2020, o infectologista entrevistado, que mais tarde virá a compor o Comitê de Enfrentamento à Covid-19 em BH, admite que não há estudos que comprovem a eficiência das máscaras caseiras.⁶³

No mesmo sentido, a informação de que o coronavírus não se adaptaria ao Brasil por ser esse um país tropical precisou ser corrigida por uma entrevista em estúdio veiculada no dia 17 de março de 2020. A mesma edição trouxe matéria que enumerava, por meio de sonora de uma nutricionista, alimentos capazes de aumentar a imunidade e dificultar a infecção pelo coronavírus – outra informação controversa.

Nesta mesma onda emocional, o medo do que estava por vir e o acompanhamento do cenário já devastador em outros países levaram ao início da personificação do coronavírus. A melodramatização das matérias se tornou mais comum. Em trecho final de uma matéria sobre protocolos sanitários, veiculada no dia 2 de abril de 2020, o *off* final do repórter traz a observação: “o importante é todos saberem que as principais armas contra o coronavírus é água e sabão, álcool em gel e bom senso!” Assim, considerado um inimigo, o coronavírus passou a acionar vocabulários como “arma”, “combate”, “guerra” e “luta” de forma frequente tanto no texto das “cabeças jornalísticas” quanto nas próprias matérias. Nesse mesmo período, observa-se o esforço dos jornalistas para desvincularem a imagem da China e dos Chineses como inimiga/inimigos mundiais. Na edição do JM2 de 25 de março de 2020, uma matéria afirmava em texto de *off*: “Os chineses não criaram o coronavírus”.

Em março de 2020, o conteúdo “Mineiros no Exterior” passou a ser veiculado. Tratava-se da exibição de um depoimento, gravado por vídeo-celular pela própria fonte, que relatava o que estava vivenciando no país em que morava. Nos relatos, é possível perceber uma realidade muito mais grave se comparada à que estava vigente no Brasil, conforme relato de uma mineira que morava há oito anos em Montreal, no Canadá, exibido em 20 de março de 2020: “começou a esgotar coisas no supermercado, arroz, comidas congeladas, óleo, papel higiênico. No sábado e domingo passado parecia filme de apocalipse”. Vale ressaltar que embora o conteúdo não fizesse uso de trilha sonora, parte do depoimento da fonte era coberto por imagens feitas por ela mesmo, que comprovavam o que estava sendo dito, o que oferecia maior impacto ao conteúdo, já que era possível ver exatamente a realidade narrada. Ao final dos depoimentos do

⁶³ Transcrição de trecho de sonora do médico infectologista ouvido na matéria: “Fazer as máscaras caseiras acho que pode trazer algum benefício sim, agora quão protetor vai ser a gente não sabe.” – Edição 02/04/2020 Jornal Minas Segunda edição.

quadro, um ponto em comum: as personagens comumente direcionavam palavras de afeto aos brasileiros: “um abraço muito grande. Que vocês aí no Brasil fiquem bem!”

Figura 20 – Frames do quadro “Mineiros no Exterior”



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=aacSPjjL4I4>

Dessa forma, expressões de desejos e sentimentos das fontes também passaram a ser mais frequentes. Mas, maior parte das vezes, as emoções dos entrevistados também se mantinham na expectativa ou insegurança do que estaria por vir. Na edição de 8 de maio de 2020, em uma matéria em que se problematizava a possibilidade de o SUS recorrer a leitos de hospitais da rede privada de saúde para dar conta do volume de internações, uma fala do governador de Minas Gerais, Romeu Zema, embora use a palavra “rezo”, mostra mais preocupação que devoção: “Eu espero e rezo para que essa situação permaneça, mas se o pior vier, como já ocorreu em outros estados, nós estaremos preparados aqui para poder atender o povo mineiro”.

A ansiedade provocada pela situação desconhecida levou ao trabalho de se buscar no passado referências para compreender o que se vivia no presente. Em matérias didáticas, assuntos como o enfrentamento da pandemia de peste Bubônica no século XIV, que causou a morte de 50 milhões de pessoas na Europa, e da pandemia de influenza em 1918 – veiculada em 30 de março de 2020 – e das histórias dos vírus – edição de 6 de Junho de 2020 – tentavam apontar possíveis direções para o momento vivenciado como forma de evidenciar que pandemias anteriores haviam sido vencidas. Entretanto, as imagens das matérias, em preto e

branco, buscadas em acervos históricos digitais ilustravam, sobretudo, enorme número de contaminados e mortos (figura 20)

Figura 21-Frame da matéria “A História que ensina”



Fonte: <https://encurtador.com.br/gptDW>

Assim, as atitudes de incertezas e dúvidas quanto à maneira como a pandemia iria se configurar no Brasil, sua duração e letalidade, além das formas eficazes de se proteger, conformaram por um lado a primeira onda emocional da pandemia pelo medo, insegurança e ansiedade. Por outro, também se inicia um movimento de compaixão, movido por atitudes de solidariedade e empatia que passaram a ser retratadas nas matérias por meio de pedidos de ajuda financeira e doações, principalmente de alimentos, a pessoas em vulnerabilidade social, como ocorre em 29 de abril de 2020 direcionando pedidos de doações para a Central Única das Favelas – CUFA/BH.

Dessa forma, o que se observa nessa primeira onda emocional é uma espécie de jornalismo atordoado, confuso, que deveria supostamente orientar a população, mas que também se encontra desorientado frente às novidades impostas pela pandemia. Percebe-se nas matérias o esforço de acionamento de fontes oficiais e especialistas, na expectativa de obtenção de informações confiáveis, ao mesmo tempo em que se admite as incertezas das próprias fontes, diante de um conhecimento que ainda se encontra em construção. Assim, se de forma geral, se “o trabalho do jornal está situado no fim de uma longa cadeia de transformações que lhe entregam (...) um real já domesticado” (MEDITSCH, 2013, pg.20), no jornalismo realizado frente a essa tragédia, o “real” se torna menos “domesticado”, sendo revisto, transformado e, por vezes, até contradito, em uma mesma edição jornalística, conforme já demonstramos. Nesse aspecto, como pontua Meditsch, “a sobreposição de *frames* do texto e do contexto não se dá apenas por somatório, mas também por um processo dialético de articulação, acomodação e

adequação” (p.25), o que no período retratado não ocorre com facilidade diante de um contexto que, sem ser compreendido, não permite que esses “frames” encontrem pacificamente um ponto de acomodação.

Outro aspecto que salta aos olhos é a preocupação nas matérias em não instituir o pânico social, premissa muitas vezes atribuída a um compromisso ético do jornalismo. Ora, já diante dos alarmantes números internacionais de infecção e o descaso que estaria por vir quanto a gravidade do coronavírus, teria o jornalismo acertado em tantas vezes passar a impressão de que situação de pânico já não era mesmo vivenciada? Será que mais alarmada, maior parte da população não teria aderido aos protocolos sanitários, e à posterior vacinação? Não se pretende aqui alcançar conclusões definitivas, mas levantar a reflexão de até que ponto a mídia em geral, tão adepta ao sensacionalismo como forma de atrair audiência, pode ter errado, inicialmente, ao caracterizar o vírus que faria 15 milhões de vítimas fatais pelo mundo, até o final de 2021, de acordo com a Organização Mundial de Saúde⁶⁴.

Com o objetivo de orientar jornalistas na cobertura da pandemia, o departamento de jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina produziu o “Guia de Cobertura Ética da Covid-19”. No capítulo “cuide da informação” encontramos recomendações relacionadas a como encontrar o “tom” certo para as matérias, conforme abaixo:

“Busque equilíbrio. Um dos maiores desafios na cobertura da Covid-19 é encontrar o tom certo para o momento. Por isso, não dissemine pânico sem motivos, mas também não subestime uma situação grave. Seja proporcional, exaustivo e criterioso. Troque ideias com outros repórteres e editores para buscar a forma mais adequada para a situação”. (CHISTOFOLETTI, 2020, p.8)

Ademais, ao submetermos a transcrição das matérias selecionadas nesta onda emocional ao programa que traça nuvem de palavras, tivemos acesso a vocábulos que poderiam servir de mobilizadores de emoções⁶⁵. Conforme podemos observar (figura 22), as palavras “morte”; “risco”; “quarentena”; “confirmado”, “Causa” e “crise” se destacaram, caracterizando um cenário em que a “morte” ainda era tida como “risco”, diante do número de casos confirmados que apenas começava a crescer como causa da disseminação do Coronavírus. Nesse sentido, embora Minas Gerais estivesse sob decreto de calamidade pública devido ao Coronavírus e com mais de 4 mil casos confirmados, até meados do mês de março, não haviam óbitos atribuídos

⁶⁴ <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2022/05/05/covid-19-oms-mortes.ghtml> Acesso em 13/05/2024

⁶⁵ Com relação à nuvem de palavras, nos ativemos em fazer o mapeamento das palavras, não realizando uma triagem mais aprofundada, no sentido se estabelecer relações entre vocábulos ou construções interpretativas em cada momento.

ao vírus no estado. Assim, a morte mobilizava emoções em direção ao medo, mas ainda não em direção a tristeza, ou ao terror, como veremos à frente, por ser uma possibilidade ainda encarada com certa distância pela população. Tal ideia se confirma quando, em uma matéria do dia 20 de março, o texto do repórter pontua: “São dias sob a sombra de uma doença nova, que se espalha rápido e tem feito milhares de vítimas fatais pelo mundo”, ainda situando para além das fronteiras nacionais, os estragos feitos pela doença.



Figura 22- Nuvem de palavras 1º onda emocional





Também é possível verificar a grande incidência da palavra “fim”, sendo muitas vezes citada nas matérias por fontes e repórteres que acreditavam que, se todos contribuíssem, logo a pandemia acabaria. Nesse sentido, destaca-se a fala do presidente do Sindhorb – Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares de BH e Região Metropolitana – em matéria veiculada na edição de 20 de março de 2020, na circunstância do primeiro fechamento do serviço não essencial na capital, que mesmo sem usar a palavra “fim” demonstrava bastante otimismo – ou seria desconhecimento? – sobre a evolução da pandemia: “a expectativa nossa é que no máximo trinta ou sessenta dias essa epidemia já foi embora”.


Dessa forma, o jornalismo atordoado que se sobressai nessa onda emocional é resultado de um atordoamento dos jornalistas e da escassez de conhecimento científico do cenário que se desenrola, ao mesmo tempo em que uma enxurrada de informações, em sua maior parte advinda das redes sociais, invade a vida cotidiana, ditando medidas e propagando ideias que esbarram em limitações de checagem, já que fontes oficiais e especialistas também não conseguem orientar com exatidão. Assim, se o capital cultural do jornalismo é a credibilidade, essa premissa entra em confronto consigo mesmo, muitas vezes ficando obscurecida diante um contexto em que predominam as incertezas. A seguir, teremos o detalhamento da matéria correspondente a esta onda emocional.

Quadro 1: O drama da saúde

REPORTAGEM O DRAMA DA SAÚDE: falta de equipamentos de proteção colocam em risco profissionais	
CABEÇA	<p>O dinheiro que vai reforçar o caixa do governo estadual terá muita utilidade para o setor da saúde. Os profissionais que estão na linha de frente no combate ao Coronavírus têm se deparado com múltiplas dificuldades, entre elas a falta de equipamentos básicos de proteção como as máscaras. E a contaminação de trabalhadores dessa área reduz ainda mais a capacidade do sistema de saúde atender a população. Nas redes sociais crescem as campanhas para arrecadar recursos e ajudar esses profissionais.</p>
OFF 1 Cobertura: imagens da fachada de hospitais de FEMIG e interior de hospitais. Algumas imagens estão desfocadas de forma intencional, para preservar pacientes e profissionais. Duração: 0'06''	<p>Nos hospitais da FEMIG, a principal reclamação dos trabalhadores é a falta de equipamentos de proteção e estrutura para atender os pacientes.</p>
SONORA 1 Fonte: Neuza Freitas Diretora Sind-Saúde Duração: 0'23''	<p>A nossa maior preocupação hoje é a proteção dos trabalhadores, onde o principal são os EPIS, que são os equipamentos de proteção individual. E nós estamos com muita dificuldade. Os trabalhadores estão com dificuldade de ter acesso porque está escasso o fornecimento, principalmente de máscaras luvas, papel toalha, álcool gel, aventais.</p>
SONORA 2 Fonte é identificada como Funcionária do Hospital Eduardo de Menezes, apenas. (Nome da fonte não é revelado) Aplicação de efeito na voz Cobertura: cartela estática Duração: 0'11''	<p>Nós não 'tamo' conseguindo trocar capote a cada procedimento. Os banhos são dados nos pacientes usando o mesmo capote. Então, usamos o mesmo capote pra dois pacientes.</p> 
SONORA 3 Fonte é identificada como Funcionária do Hospital Júlia Kubitschek, apenas. (Nome da fonte não é revelado) Aplicação de efeito na voz Cobertura: cartela estática Duração: 0'24''	<p>Tem setores falando que as pessoas 'vai' ter que ir com os seus EPIS. Máscara N95 só vai ser liberada em meio de aerossóis. Só que tem um problema se a pessoa der uma parada no meio do seu plantão? Você larga o paciente na parada e vai buscar sua máscara?</p> 
OFF 2 Cobertura: fachada de hospital do interior e imagem de	<p>No interior a situação também é crítica. A falta de informação e os equipamentos distribuídos são questionados pelos funcionários.</p>

<p>enfermeira de máscara colocando soro em paciente.</p> <p>Duração: 0'07''</p>	
<p>SONORA 4</p> <p>Fonte: Lenir Romani Técnica em enfermagem Hospital João Penido</p> <p>Cobertura: demonstração da qualidade do capote</p> <p>Duração: 0'57''</p>	<p>Eu vou mostrar para vocês aqui.. este aqui é o fornecedor que a FEMIG compra o capote. Tá dizendo aqui que a textura é 40, tá bom? Esse é o capote. Vou pegar aqui um papel. Tá sequinho, oh! Vou colocar aqui embaixo do capote, isso aqui, os técnicos e enfermeiros vão utilizar junto com o paciente contaminado. A água, tá? Secreção... vamos dizer que isso é a secreção. Ai você esbarra na cama, numa porta, ou o capote grudou em você. Passou, tá legal! Então o capote não é impermeável!</p> 
<p>SONORA 5</p> <p>Fonte é identificada como Funcionária do Hospital Antônio Dias, apenas.</p> <p>(Nome da fonte não é revelado) Aplicação de efeito na voz</p> <p>Cobertura: cartela estática</p> <p>Duração: 0'31''</p>	<p>Não nos foi disponibilizado, até o momento, nenhum tipo de treinamento, de como a gente deve enfrentar esse vírus. O que a gente sabe é o que tem visto nos noticiários e informações da Organização Mundial da saúde que a gente tá tendo acesso pela na internet. É isso que a gente tá levando na bagagem pra essa luta.</p> 
<p>OFF 3</p> <p>Cobertura: imagem animada da nota.</p> <p>Duração 1 (apenas da nota, em itálico): 0'13'' Duração 2: 0'04'' Duração total off: 0'17''</p>	<p><i>Em nota, a FHME disse que as equipes estão recebendo orientações, tanto por meio impressos, quanto em videoconferências, e que todas as medidas de isolamento previstas nos protocolos clínicos estão sendo cumpridos em todos os centros de saúde. Na rede municipal, os profissionais espalhados por todo o estado também reclamam da situação.</i></p>
<p>SONORA 6</p> <p>Fonte: Lionete Santos pires - Diretora Executiva Sind-Saúde/técnica de enfermagem</p> <p>Cobertura: sem cobertura</p> <p>Duração: 0'26''</p>	<p>Os agentes de saúde e endemias têm sido orientados para ir para a rua e fazer visita de rotina, o que não é recomendado. A situação das UPAS, hospitais, postos de saúde é tão grave quanto a situação desses trabalhadores. Falta luva, falta gorro, falta sabonete, falta máscara, falta trabalhadores.</p>
<p>SONORA 7</p>	<p>Estamos com muito medo desse vírus. Estamos com dificuldades de entrar nas casas. A população não nos recebe com medo de contaminação</p>

<p>Fonte é identificada como agente de endemias, apenas.</p> <p>(Nome da fonte não é revelado) Aplicação de efeito na voz</p> <p>Cobertura: cartela estática</p> <p>Duração: 0'18''</p>	<p>também. E estamos trabalhando com poucos ou nenhum EPIs necessários, como álcool em gel e máscaras.</p> 
<p>PASSAGEM</p> <p>Repórter: Clóvis Ribeiro</p> <p>Local: em frente a portaria da emissora e sem uso de máscara</p> <p>Duração: 0'18''</p>	<p>A orientação oficial publicada em nota informativa pelo Ministério da Saúde, no último 26 de março, é de que os agentes não devem fazer visitas dentro das casas e caso o funcionário apresente sintomas, ele deve ser afastado e ficar isolado. Mas a nota não faz nenhuma menção ao uso ou distribuição de equipamentos de proteção individual.</p>
<p>OFF 4</p> <p>Cobertura: imagens do secretário na coletiva e do próprio cenário da coletiva, que ocorria sem a presença da imprensa, mas com perguntas enviadas pelos veículos com antecedência.</p> <p>Duração: 0'05''</p>	<p>O secretário de saúde de Minas disse em coletiva, que o governo está repassando valores para a compra dos EPIs.</p> 
<p>SONORA 8</p> <p>Fonte: Carlos Eduardo Amaral-Secretário de Estado de Saúde de Minas Gerais *Sonora fornecida em coletiva que era transmitida pela Rede Minas.</p> <p>Cobertura: sem cobertura</p> <p>Duração: 0'22''</p>	<p>Nós estamos agora, nesta semana, fazendo transferência de valores, tanto para as instituições de saúde que prestam serviço para o SUS, quanto para os municípios, com o objetivo que eles se preparem com a compra de equipamentos de proteção individual, de forma que toda a malha esteja pronta para o enfrentamento do corona.</p>
<p>OFF 5</p> <p>Cobertura: vídeos gravados por celular, divulgados em redes sociais, mostrando pacientes nas dependências do hospital, muito próximos uns dos outros.</p> <p>Duração 1 (apenas nota prefeitura, em itálico): 0'15'' Duração 2 (restante do off): 0'21'' Duração total off: 0'36''</p>	<p>Em Betim, vídeos que circulam na internet mostram a situação precária das instalações do Hospital Regional. Desde a estrutura para os funcionários, até os leitos, que não respeitam o espaço mínimo de um metro, estipulado pelo Ministério da Saúde. <i>Em nota a prefeitura da cidade disse que as denúncias publicadas em vídeos não procedem. A prefeitura também afirmou que a diretoria do Hospital Regional vem planejando e implementando ações para impedir e controlar a disseminação do vírus nas dependências do hospital.</i> O Conselho Regional de Enfermagem entrou com uma denúncia no Ministério Público pedindo que providências legais sejam tomadas para garantir as condições seguras de trabalho dos profissionais.</p>

	
<p>SONORA 9</p> <p>Fonte: Carla Prado Presidente Conselho Regional de Enfermagem</p> <p>Cobertura: sem cobertura</p> <p>Duração: 0'19''</p>	<p>Nós estamos adquirindo máscaras para distribuição no estado e junto com os sindicatos, nós temos atuado junto ao Ministério Público do Trabalho, encaminhando as denúncias que chegam todos os dias que chegam por meio de todos os nossos canais, onde os profissionais relatam não só a falta de equipamento, mas a falta de estrutura para o desenvolvimento de seu trabalho.</p>
<p>Duração total do Conteúdo</p>	<p>5'40''</p>

Fonte: <https://www.facebook.com/jornalminas/videos/644238639700513/>

Numa primeira visão é possível perceber que o medo dos profissionais de saúde de se contaminarem dá a tônica da matéria. Inclusive, aspectos emocionais como “medo” e “preocupação” são explicitamente invocados por meio dos testemunhos. Também fica evidente que os profissionais de saúde se sentem, além de desprotegidos, despreparados para lidar com a crise sanitária que ainda se esboçava. Isso fica claro quando a funcionária do Hospital Antônio Dias, afirma: “Não nos foi disponibilizado, até o momento, nenhum tipo de treinamento, de como a gente deve enfrentar esse vírus”.

Mas o medo não está circunscrito a possibilidade de contágio pelo vírus. Ao observarmos a exigência dos profissionais de saúde em concederem entrevistas sob a condição de terem suas identidades resguardadas e vozes modificadas, fica também subentendido o receio que essas fontes têm de sofrerem qualquer represália por seus depoimentos, cujo teor é de denúncia. Ao mostrarem os bastidores do atendimento de saúde, com a falta de equipamentos de proteção individual e/ou a baixa qualidade dos mesmos e os gargalos das administrações hospitalares – que também estão buscando encontrar caminhos na condução da crise – elas expõem realidades que não seriam facilmente observadas por leigos ou pela própria mídia. Afinal, quem saberia que o mesmo capote estaria sendo usado para dar banho em mais de um paciente ou que o EPI que um técnico de enfermagem estaria usando teria sido adquirido por ele próprio ao invés de fornecido pelo hospital? Vale ressaltar que o pedido de não identificação das fontes faz sentido, já que em sua maior parte, o quadro de funcionários da rede hospitalar

pública é composto por servidores públicos que não usufruem totalmente de estabilidade, podendo também sofrerem penalidades administrativas e até perda de seus cargos.

Entretanto, na contramão do anonimato, uma técnica de enfermagem do Hospital João Penido se destaca, em tom de voz bastante revoltado, demonstrando em detalhes a baixa qualidade do material de proteção fornecido. Entendemos que o tom alterado da fala se deve a uma combinação de emoções que se relaciona mais intimamente com o medo exacerbado, podendo ser interpretado até como pânico da contaminação, mas também se apoia em um entendimento de que a instituição que deveria protegê-los, os estaria submetendo a uma falsa sensação de segurança, de proteção, ou mesmo, ao risco. A técnica de enfermagem toma para si a necessidade de demonstrar como a categoria dela estava sendo enganada, já que a especificação do capote mostrava uma referência de proteção e a realidade mostrava outra situação, com a fácil penetração de água – secreção – no material do item de segurança. O uso de palavras como “luta” e “dificuldade” por parte dos profissionais da saúde também contribui para a dramaticidade e mobilizam emoções negativas,

Por outro lado, notas oficiais emitidas pelas instituições de saúde e a fala do secretário estadual de saúde tentam tranquilizar os profissionais quanto a assistência que vêm prestando ao setor, ao mesmo tempo em que fornecem uma espécie de satisfação para a mídia quanto ao cumprimento de responsabilidades inerentes as funções e papéis assumidos.

Os recursos visuais também favorecem o tom dramático da reportagem. Em primeiro plano, a tarja da matéria já tenta conduzir as emoções do telespectador para o cenário de sofrimento vivenciado pelos profissionais de saúde ao trazer a frase “O Drama da Saúde – falta de equipamentos de proteção coloca em risco profissionais”. Além disso, imagens de corredores de hospitais e, principalmente, o uso de vídeos celulares mostrando a proximidade das macas e até parte do corpo de um paciente, que estava tendo os batimentos cardíacos monitorados (cobertura do off5) apelam para o recurso do “flagrante”, oferecendo a sensação de verdade.

Embora não tenha utilizado trilha sonora ou explorado recurso sonoro ambiente, ao examinarmos a parte sonora da reportagem, notamos que o efeito de voz distorcida, durante depoimento de algumas fontes, também favorece o tom de denúncia e prendem atenção, já que estamos condicionados a verificar o uso desse recurso apenas quando o que vai ser falado, já foi um dia sigilo e pode ser alvo de represálias.

Direcionando agora nosso olhar para a forma como enunciado e enunciação se relacionam, percebemos que a reportagem, aparentemente, busca manter uma posição de neutralidade, uma vez que o enunciador não aponta qualquer juízo de valor, evita uso de adjetivos ou expressões que possam permitir a evidenciação de seu posicionamento perante os

fatos narrados. Entretanto, a construção da reportagem, se analisada de forma mais profunda, coloca em jogo diversos valores e sentidos.

Primeiramente, ocorre uma oposição entre os relatos das fontes e as falas da FHEMG, Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais – “todas as medidas de isolamento previstas nos protocolos clínicos estão sendo cumpridos em todos os centros de saúde”. Ora, se a reportagem tivesse trazido apenas uma fonte ou fontes de um único hospital denunciando a falta de EPIs, o problema poderia ser pontual e vinculado a administração de uma unidade hospitalar. Mas, ao mostrar testemunhos de profissionais relacionados a quatro hospitais da rede, sendo dois da capital e dois do interior – Juiz de Fora e Patos de Minas – a reportagem não deixa dúvidas de que há um problema geral instalado. Situação semelhante ocorre quando se referindo as redes municipais de saúde, a matéria mostra um agente de endemias e a situação do Hospital Regional de Betim que vão de encontro com protocolos anunciados por órgãos de saúde e falas institucionais – a não entrada de agentes nas casas e a afirmação da prefeitura de Betim de que os “vídeos não procedem”. No último caso, cobrir a nota da prefeitura de Betim com imagens dos próprios vídeos que ela quer desacreditar, surte efeito contrário. Afinal, a grande oposição entre texto e imagem, nesse ponto da reportagem, abre um tensionamento em que, a nosso ver, é vencido pela imagem, soberana em um veículo audiovisual.

Outro ponto interessante é que a matéria não se limitou a veicular apenas as falas das duas representantes do sindicato (Sind-Saúde) e da presidente do Conselho Regional de Enfermagem, que poderiam bastar por já estar implícito que sindicatos e conselhos falam por uma categoria inteira. A escolha foi por uma construção que trouxesse a fala oficial do sindicato/conselho, mas também a exemplificação por meio das demais personagens da realidade enfrentada pelos profissionais que compõem ambas as instituições. Estaria aí implícita a intenção de se resguardar em um contexto político-social que desacreditava essas instituições?

Quanto a presença do repórter, observa-se a tentativa de uma construção equilibrada de *off*, sem muita adjetivação. Com exceção da parte em que o texto verbal descreve a situação do Hospital Regional de Betim como “precária”, corroborando com as imagens mostradas. Já a passagem, gravada em local neutro, na porta da emissora, situa-se em espaço desconectado com a temática da matéria. Nesse aspecto apontamos duas possíveis razões para tal: as limitações próprias impostas pela pandemia, com a falta de acesso à hospitais, e a preocupação da reportagem em se manter “neutra”, até porque abordava assunto sensível ao estado – lembramos que a Rede Minas é uma emissora pública e como tal, muitas vezes confundida com emissora estatal.

Em terceiro aspecto, percebemos que as estratégias discursivas foram construídas de forma a sustentar valores relacionados ao chamado jornalismo de referência, sobre o qual já citamos neste estudo e que, conforme reafirma PINTO (2015), “tende a buscar efeitos de isenção e neutralidade em relação aos acontecimentos do mundo” (p118). Entretanto, se o JM2, nesta matéria, escolhe um discurso aparentemente mais neutro, o jornal não deixa de construir uma intriga entre os relatos das personagens e as notas e sonoras de instituições governamentais. Dessa forma, a emoção do enunciado do jornal não é tão evidente no texto do *off*, mas na construção jornalística realizada, principalmente na edição, pela escolha, por exemplo, da utilização de sete das nove sonoras sendo depoimentos de forte apelo emocional realizados pelas fontes. Percebemos que o predomínio de sonoras coladas umas às outras contribuem para o efeito de busca de isenção, minimizando *offs*, que poderiam ser considerados interferências na matéria, entretanto, nesse aspecto é nítida a terceirização da emoção, já que o jornal mesmo ambicionando se posicionar apenas como mediador, também escolhe um lado da história.

Nesse sentido, ao reconstruir o pânico vivenciado pela saúde, o JM2, mesmo sobre a pretensa imparcialidade, toma posição a favor dos profissionais de saúde. É possível chegar a tal constatação, inclusive, pelo espaço consagrado à denúncia, que é bem superior ao destinado aos posicionamentos defensivos das instituições. Sendo constituída de nove sonoras, apenas uma – a do secretário de estado de saúde – é destinada a contradizer as denúncias. As demais instituições citadas se posicionam por meio de notas, que passam a ocupar pequeno espaço na reportagem. Dos cinco minutos e 40 segundos de matéria, apenas 50 segundos é destinado a fala do secretário somada ao tempo atribuído às notas da FEMIG e da Prefeitura de Betim.

É possível também perceber a problematização indireta das políticas públicas. Inferese delas uma certa imagem de descaso dos órgãos públicos para com esses profissionais, que indiretamente respinga em toda a população. Ora, se os profissionais de saúde não se sentem orientados e preparados para agirem, o que será de nós possíveis pacientes? Assim, a eficiência das políticas públicas também é colocada em jogo, indiretamente.

Diante do exposto, as emoções articuladas pelos profissionais de saúde, principalmente relacionadas ao medo exacerbado diante das condições de trabalho, é horizonte da notícia. São as emoções que moldam o discurso e colocam valores em xeque, articulando sentidos por meio de relatos emocionados que buscam mobilizar opiniões em favor dos profissionais de saúde, afinal, como a cabeça – jargão jornalístico – da matéria enuncia, “a contaminação de trabalhadores dessa área reduz ainda mais a capacidade do sistema de saúde atender a população”.

4.2.2. Segunda onda emocional: as indignações e a dessensibilização

Erramos com nossos compatriotas e fomos ao mesmo tempo vítimas de um sistema político e econômico que nos nega e tem negado direitos. Inclusive direito à vida, soberana e que devia estar acima de tudo. A única homenagem possível é virar o curso dessa história. O mínimo que podemos fazer é parar de aceitar o que é inaceitável⁶⁶.

A segunda grande onda emocional pode ser observada nas matérias veiculadas no JM2 entre julho de 2020 – ocasião do primeiro pico da Covid-19 no país – e o mês de novembro de 2020, com a chegada das primeiras doses da vacina CoronaVac ao Instituto Butantan, em São Paulo. Permeada por um lado por revolta, indignação, mas também esperança e por outro por apatia, essa onda apresenta extremos emocionais.

O mês de julho começa com a repercussão da infecção por Covid-19 pelo presidente Jair Bolsonaro. Em matéria veiculada no dia 7 de Julho de 2020, a fala de Bolsonaro sobre o uso de hidroxicloroquina no tratamento da doença⁶⁷ voltou a acalorar o esforço da mídia em informar que a substância não tinha eficácia para tal finalidade conforme estudos científicos: “Os medicamentos citados pelo presidente já foram descartados pela Organização Mundial da Saúde como eficazes no tratamento da doença” — trecho de *off* seguinte ao pronunciamento de Bolsonaro, na matéria veiculada. Ademais, a contaminação de Bolsonaro reavivou sua fala sobre a doença não passar de uma “gripezinha” – pronunciamento realizado pela primeira vez em 30 de março de 2020 – que, confrontado com os relatos de aumento de mortes, deram o tom da indignação em diversos conteúdos veiculados.

O período também coincide com a reabertura do comércio não essencial, os flagrantes de aglomerações e o retorno das partidas de futebol. Tudo isso contribui para a maior ênfase dos jornalistas e das fontes especialistas quanto à necessidade de se manter os protocolos, aos contínuos apelos à formação de consciência da população sobre o comportamento das pessoas, como se observa na edição de 14 de agosto de 2020 em trecho de *off*: “seja nos hotéis ou nas ruas, as pessoas precisam respeitar as orientações das organizações da saúde. Aglomerações, máscaras usadas de forma incorreta. O que se viu no centro da capital nos últimos dias acendeu o alerta dos especialistas em saúde que afirmam: a pandemia ainda não acabou!”

No dia 04 de setembro mais flagrantes de pessoas aglomeradas em bares da capital (figura 23). No dia 19 de novembro, a coluna de esporte do JM2 denunciou a falta de respeito

⁶⁶ Trecho de *off* de matéria veiculada no Jornal Minas segunda edição a no dia veiculada no dia 10 de Agosto de 2020

⁶⁷ Trecho de matéria do JM2 veiculada em 07/07/2020 trouxe um com sobe som do pronunciamento de Jair Bolsonaro: “Eu confesso a vocês, se eu não tivesse feito o exame e não tivesse tomado a hidroxicloroquina como prevenção, obviamente poderia estar contagiando mais gente. Essa foi minha preocupação de buscar fazer um exame na própria segunda feira para evitar contágio de terceiros”.

dos clubes aos protocolos sanitários, relatando o contágio de mais de vinte jogadores do Atlético com Covid-19 após festa com membros da comissão técnica. Também veiculou um vídeo em que o treinador do time do América e a torcida do time comemoram vitória em aglomeração e sem máscara (figura 24).

Figura 23 - Frame Matéria Abertura dos Bares



Fonte: Youtube Jornal Minas (link foi colocado como privado)

Figura 24: frame da coluna de esporte



Fonte: <https://www.facebook.com/jornalminas/videos/192594572368457/>

Nesse aspecto, o jornalismo assume um papel de fiscal da sociedade, e passa a “delatar” inúmeros flagrantes de aglomerações e desrespeito aos protocolos sanitários, na tentativa de estabelecer valores que presidirão a apreciação da realidade construída. Observa-se um esforço para mobilizar e “conscientizar” a população quanto ao risco das aglomerações, e para isso associa-se as ideias de “falta de bom senso”, “egoísmo” e “falta de empatia” aos comportamentos que infringem as regras estabelecidas pelas autoridades em saúde. Assim, os apelos para o bom senso da população e o esforço para se mostrar os efeitos devastadores da pandemia partem de jornalistas, que assumem papel de vigorosos vigias da vida cotidiana.

Nesse ponto, o comportamento fiscal do jornalismo não é uma novidade. De acordo com Pinto (2015), comentando Coronel, (2009), o “esforço de monitoramento” do jornalismo seria

fizeram evidentes e buscaram estabelecer reciprocidade de emoções e valores entre o jornalismo e cidadão.

Entretanto, conforme pontua Miguel (1999), mesmo o jornalismo sendo visto como um sistema perito, “cuja efetividade repousa na confiança depositada por seus consumidores” (p.197), é impossível que ele exerça controle absoluto na construção de valores:

É evidente que o jornalismo e mesmo a mídia como um todo não possuem um controle absoluto sobre a construção da agenda, da realidade e dos valores – conforme mostra a ocorrência de mobilizações políticas de grande envergadura feitas contra os meios de comunicação mais importantes. (MIGUEL, 1999, p. 201)

Outro movimento pode ser observado nesta onda emocional: o de dessensibilização, evidenciado na busca das razões pelas quais as pessoas parecem estar insensíveis à pandemia, repetindo comportamentos desaconselhados pelas equipes de saúde.

Nesse sentido, a indignação se relaciona ao negacionismo e à apatia. Na edição de 14 de agosto de 2020, se destaca a opção por veicular a seguinte fala de uma psicóloga, que tenta analisar o comportamento social diante da pandemia: “Nós temos basicamente duas opções. A primeira, a de a gente se paralisar. Essa é a tendência, já que muitas vezes não tendo meios de se adaptar a essas situações, se tenta caminhar para os excessos, os extremos: ou o extremo da ‘fazeção’ e um nível de insatisfação muito grande ou de ter uma sedação da movimentação”.

Em movimento semelhante, observando a apatia social, na edição do dia 10 de agosto, em que o Brasil registrou cem mil mortes pela Covid-19, o texto da cabeça da reportagem sobre o assunto dizia: “Há muitas semanas somos informados que o Brasil registra mais de mil mortes pela Covid, dia a pós dia. Amortizados pela repetição diária, os números passam a fazer parte do cotidiano e parecem não impactar mais. Mas se imaginarmos que todas as mais de cem mil mortes pela Covid-19 no país se concentrassem em seus municípios menos populosos, 68 cidades inteiras teriam desaparecido ao mesmo tempo. Esse é o tamanho da nossa tragédia”. Em seguida o texto do repórter seguia no esforço de dimensionar o estrago da pandemia até ali:

A Itália tem hoje 35 mil mortes. A China teve 4 mil e 600. Nós chegamos a uma inacreditável marca. Perdemos 100 mil vidas! É como se as piores tragédias nacionais se repetissem várias vezes, desde fevereiro. Como se tivessem caído 505 aeronaves como a da TAM no que foi o maior desastre aéreo do país. Como se por 387 vezes só neste ano, a manchete fosse: as 270 vítimas de Brumadinho.

Percebe-se aqui mais uma tentativa de contornar a dessensibilização diante da dor do outro, na intenção de ir contra a banalização dos números da tragédia, por mais que se entenda que ao “fornecer narrativas povoadas de mortos e agonizantes, continuada e reiteradamente a

imprensa nos fornece material com o qual podemos proteger nosso próprio lugar (...) eles são sempre os outros, não eu, leitor” (VAZ, 2021, p.46).

Ademais as mortes coletivas, tendo um “evento gerador”, no caso, a pandemia, e sendo relatadas diariamente, adquirem aspectos de “desdobramentos”, “acontecimento derivado, desdobrado, mas sem singularidade” (ANTUNES, 2012, p.61), principalmente pela impossibilidade de se dar rosto a cada uma delas. Também é preciso considerar que “é a estratégia narrativa que transforma o número em elemento descritor da realidade, mas esta é uma construção socialmente negociada”, conforme comenta Leal (2012, p.98).

(...) aquilo que se apresenta como índice do real é parte de um processo interpretativo que visa estabilizar os sentidos dos acontecimentos, tanto por parte daqueles que os ‘percebem’ (as fontes) quando por aqueles que os enunciam (o jornal, a notícia) com vistas a uma relação de visibilidade, crença e certeza de um destinatário (LEAL, 2012, p. 98).

Em outras palavras, a percepção dos dados do real se relaciona com as intenções e enquadramentos propostos pelo enunciador, seus “interesses político-ideológicos e também comunicativos” (LEAL, 2012, p.98) e a forma como são interpretados.

Outro momento importante desta onda foi a chegada das primeiras doses da vacina produzida pela China, CoronaVac, ao Instituto Butantan, em São Paulo, que trouxe um novo tom aos conteúdos. Entrevistas em estúdio buscavam respostas para: “a imagem da chegada das vacinas dá um ânimo novo, mas o que essa chegada realmente representa, doutora?” – edição de 10 de novembro de 2020.




Agora, contagiados pela esperança de obtenção breve de uma vacina, as edições do JM2 também valorizaram o relato de casos de superação da doença. Imagens de pessoas recebendo alta em hospitais, depois de longo período de internação. A melodramatização passou a dar aos “heróis” – médicos e sobreviventes – mais atenção que ao “vilão”, o coronavírus, ou a China. Um esboço de esperança, mas ainda em tom de receio, caracteriza o final desta segunda onda emocional, conforme bem expressa o texto final da reportagem do dia 10 de agosto de 2020:




Infelizmente não se pode dizer se o pior já passou, mas temos certeza de que se chegamos até aqui, em honra de quem não veio, vamos manter a esperança, nas boas notícias e em dias melhores, combinada com a ação coletiva, já que nas lutas e no afeto quanto mais gente na contagem mais vida existe.

A título de aprofundamento em nossas análises, escolhemos a reportagem “RIBEIRÃO DAS NEVES: casos de Covid-19 aumentam em 500% no município, só no mês de junho”, para apreciação mais detalhada, conforme se observa abaixo:

Quadro 2: Ribeirão das Neves

REPORTAGEM RIBEIRÃO DAS NEVES: casos de Covid-19 aumentam em 500% no município, só no mês de junho	
CABEÇA	<p>Ribeirão das Neves, na grande BH, registrou um aumento de 500% no número de casos de covid-19 só no mês de junho. O índice espantoso fez com que a prefeitura da cidade recuasse no processo de flexibilização. O problema é que, mesmo com todo o esforço das autoridades e de líderes comunitários, nem todos colaboram.</p>
<p>OFF 1 Cobertura: imagens mais aceleradas, gravadas com a câmera posicionada da janela do carro de reportagem, enquanto o carro percorre uma grande rua da cidade. Vale destacar que há efeito de edição simulando passagem de espaço e tempo, por meio de fusão de imagens.</p> <p>Duração: 0'23''</p>	<p>Desde o dia 30 de junho, apenas serviços essenciais estão liberados em Ribeirão das Neves. Isso no decreto. Fora dele, o cenário é diferente. Na rua 28, na região de Justinópolis, as regras são outras. Muitas lojas estão de portas abertas, inclusive de roupas. Também tem muita gente na rua, em filas, nas paradas.</p> 
<p>SOBE SOM</p> <p>Cobertura: imagens gravadas por celular mostrando pequena manifestação dos comerciantes contra fechamento do comércio. Um deles, usa um megafone para justificar o ato e conseguir adeptos. A cena também mostra indícios de desentendimento entre quem passa e quem manifesta.</p> <p>Duração: 0'14''</p>	<p>Porta fechada não enche barriga. Queremos trabalhar! Não conseguimos mais ficar com essa porta fechada, o comércio fechado. O empregador, 90% do comércio em geral, regional, paga aluguel.</p>  
<p>PASSAGEM</p> <p>Repórter: Renato Franco</p> <p>Local: passagem estática em rua, em frente a carros</p>	<p>Esse grande movimento que registramos nas ruas e no comércio é um risco. Isso porque Ribeirão das Neves teve o aumento de 489% no número de casos de covid-19 no mês de junho. O primeiro boletim registra 79 casos e 10 mortes. O último no dia 30, quando a prefeitura publicou o decreto restringindo as atividades e permitindo apenas as essenciais na cidade, o número de casos registrados pela Secretaria da saúde saltou para 466 e 10</p>

<p>Duração: 0'47''</p>	<p>mortes. Ribeirão das Neves, cidade da região metropolitana de Belo Horizonte, tem 400 mil habitantes e não tem sequer um leito de UTI.</p> 
<p>OFF 2</p> <p>Cobertura: imagens das ruas cheias de pessoas andando sem máscara e lojas abertas.</p> <p>Duração: 0'18''</p>	<p>A cidade conta apenas com 36 leitos semi-intensivos com respiradores que foram comprados recentemente. O prefeito diz que criou 100 leitos de enfermaria desde o início da pandemia e colocou 200 fiscais nas ruas. Ele pede que a população colabore.</p>
<p>SONORA 1</p> <p>Fonte: Junynho Martins - Prefeito de Ribeirão das Neves</p> <p>Cobertura: sem cobertura, mas a partir de um ponto da sonora, o enquadramento é aproximado.</p> <p>Duração: 0'25''</p>	<p>O nosso governo tem trabalhado com prioridade à vida das pessoas, tomando todas as medidas necessárias. Tô trabalhando pra implantar leitos de UTI e fazendo todos os protocolos pra garantia a qualidade de vida das pessoas. Eu sei o que significa o comércio pra cidade, para as pessoas, mas infelizmente, agora é acreditar que isso vai passar. É uma fase ruim que temos tempo ai de data limitado, então o mais importante é que as pessoas passem por isso, sadias, forte, me ajudem. A reerguer a cidade.</p>  
<p>OFF 3</p> <p>Cobertura: material de divulgação da própria ONG e imagens de corte de participantes da ONG</p>	<p>Além do risco à saúde, há impacto social. Nesse front, os mais carentes contam com essa turma de valentes. Eles lideram coletivos e ONGs que atuam nas comunidades que eles identificam como territórios. Juntos, levantaram R\$ 20 mil reais e compraram cestas básicas, kits de higiene e limpeza, gás de cozinha e distribuíram para 135 famílias. O projeto abriu uma vaquinha online para alcançar mais pessoas. A meta é arrecadar R\$ 34.800 reais.</p>

<p>juntamente ao repórter, em roda de conversa.</p> <p>Duração: 0'32''</p>	
<p>SONORA 2</p> <p>Fonte: Ana Paula Azevedo Coletivo Casa do Livro</p> <p>Cobertura: imagens de divulgação da ONG e da comunidade. Observa-se a presença de trilha instrumental ao final da matéria favorecendo tom mais alegre para final da matéria.</p> <p>Duração: 0'58''</p>	<p>Uma vez que a gente já tem esse acesso a essas mulheres, que em sua maioria, né? nos territórios, são mulheres, e elas têm esse diálogo muito aberto com todos nós do Ribeirão em Defesa da vida, isso facilitou todo o processo. O processo de mapeamento, o processo de entender quem são essas mulheres e quais eram as necessidades de cada uma delas. O estado, perde por não beber da fonte do conhecimento e, principalmente, do conhecimento local. É porque a nossa cidade, ela é rica, nossa cidade é riquíssima. Às vezes o nosso cenário ele aparece como um cenário triste, como um cenário pobre. Mas o que há de saber em cada um desses locais é de muita riqueza e o estado perde por não acessar toda essa cultura que tá dentro dessas vielas, desses becos, desses casebres, que é Ribeira das Neves.</p> 
<p>SOBE SOM FINAL</p> <p>Cobertura: imagens divulgação da ONG</p> <p>Trilha: música instrumental com ritmo mais animado</p> <p>Duração: 0'02''</p>	<p>Clip de imagens com trilha sonora</p> 
<p>Duração total:</p>	<p>3'43''</p>
<p>NOTA PÉ</p>	<p>Quem quiser conhecer melhor o trabalho dos coletivos e colaborar com eles, pode acessar a página benfeitoria.com barra Ribeirão em defesa da vida.</p>

Fonte: <https://www.facebook.com/jornalminas/videos/644238639700513/>

Logo no texto que chama a matéria, o motivo para se indignar está posto: o índice de aumento da disseminação da Covid é “espantoso” em Ribeirão das Neves, mesmo assim “nem todos colaboram”. O uso do adjetivo “espantoso”, já sinaliza ao telespectador que ele estará diante de um cenário que foge, em muito, da normalidade e de comportamentos que vão transgredir o esperado, a coerência, o bom senso. Tal insinuação se confirma logo no primeiro *off* da matéria que contextualiza a situação no município, com comércio não essencial aberto e gente nas ruas – “em filas”, sinalizando a grande quantidade de pessoas insensíveis a realidade de sofrimento instaurada pela pandemia. Isso porque, se por um lado, a busca pelo sustento não poderia ser adiada por muitos, por outro, a irresponsabilidade também contribuía para ruas lotadas de pessoas, mesmo diante os relatos diários de mortes feitos pela mídia. É como se, ao colocar os “receptores de todas as mídias contemporâneas” em contato “íntimo e constante com a morte” (VAZ, 2021, p.22), eles acabassem por se afastar dela.

Mas se há a indignação pelo funcionamento do comércio não essencial, mesmo diante da proibição, há também a indignação dos comerciantes que querem trabalhar, afinal “porta fechada não enche barriga” – diz o sobe som da manifestação. Tal dicotomia é exposta logo no início da matéria, que depois volta a recriminar a atitude desobediente dos comerciantes, a começar pela passagem do repórter que classifica o comportamento dos que infringem a lei como “risco” e que acaba por evidenciar novo problema no município: a falta de leitos de UTI, enfaticamente relatado – “não tem sequer um leito de UTI”. Dessa forma, nova indignação é convocada: afinal, como uma cidade tão populosa não tem ao menos um leito de UTI? Nesse ponto, as pausas enfáticas do jornalista complementam o tom indignado.

Embora as indignações se sobressaíam, outras emoções podem ser percebidas na reportagem. A fala do prefeito da cidade, por exemplo, embora defenda o fechamento do comércio, demonstra empatia aos comerciantes ao admitir conhecimento sobre os prejuízos provocados. Nesse ponto da matéria, é interessante perceber que, logo ao iniciar a frase “Eu sei o que significa o comércio pra cidade (...)”, ocorre uma aproximação do enquadramento da imagem da autoridade municipal, que passa a ter a expressão mais evidenciada nessa mudança quadro, contribuindo para efeitos de “proximidade” e “empatia”. Um olhar técnico é capaz de perceber que tal mudança de quadro indica uma estratégia de suavizar o corte da fala do entrevistado, entretanto, a exata escolha desse recurso e específico estabeleceu uma relação bastante coerente e intensificadora do sentido do depoimento, momento em que seu maior apelo está por vir. A partir desse ponto, o texto do *off* seguinte (*off* 3) passa a mostrar impactos econômico e sociais da pandemia, convocando a uma virada emocional na reportagem, que passa a tratar de valores como solidariedade e engajamento social, direcionando o olhar para o

trabalho da “turma de valentes” que compõem as ONGs. Nesse aspecto, a própria entrada de trilha sonora marca a mudança de tom de matéria, que se torna mais esperançosa e de certa forma até mais animada.

Ainda nesse ponto, em testemunho que retrata a condição econômica e social de Ribeirão das Neves, a representante de ONG não se restringe a explicar a atuação do coletivo na comunidade, mas lamenta a falta de reconhecimento do poder público quanto a cultura e as riquezas dos “territórios”, abrindo espaço para uma nova discussão, já não mais pautada no assunto central da matéria, que traz desobediência às regras e crise econômica como problematização.

Ainda em relação ao texto verbal, percebe-se que a construção de offs maiores e descritivos, juízos de valor se sobressaem. Expressões como a anteriormente citada para definir o trabalho dentro das ONGs – “turma de valentes”- demonstra certa admiração pelo esforço realizado pelo terceiro setor, diante do “front” – outra expressão que caracteriza a realidade como sendo de “luta”, “guerra”. Outra palavra que nos chamou atenção foi “paradas” (off1). Usada como gíria a se referir a “qualquer coisa”, nesse caso, o recurso é utilizado no texto jornalístico como tentativa de se aproximar da realidade popular retratada, se referindo a “qualquer espaço” da cidade.

Em termos visuais, logo no primeiro off, observamos que as cenas com o comércio aberto são feitas de dentro do carro da reportagem, com o veículo em movimento. Somadas aos recursos de fusão de imagens da edição, as cenas favorecem a impressão de tempo passando, de velocidade, potencializando a percepção de que, realmente, muitas lojas estão funcionando, muito embora, apenas uma rua – rua 28- apareça sendo percorrida pela equipe e citada na reportagem, como a representar toda uma cidade.

Nesse sentido, os recursos estéticos utilizados pela edição parecem contribuir como recurso de argumentação, a destacar aqueles que infringem o decreto de fechamento do comércio não essencial, buscando convencer o telespectador sobre a veracidade da realidade retratada. Sodré (2026) chama atenção para o potencial das imagens de gerar sensações, que segundo o próprio autor são subjetivas.

A influência da imagem sobre essas operações do psiquismo é compreensível quando se leva em consideração que ela é igualmente uma dessas operações. Trata-se, com efeito, da representação interna de um objeto concreto, formada em sua ausência. Os escolásticos chamavam-na de "fantasma". Em termos objetivos, mais familiares ao senso comum, imagem é a reprodução externa de um objeto percebido pela vista. (SODRÉ, 2026, p.81)

Por outro lado, o cenário escolhido para a passagem do repórter se coloca inteiramente desconectado do assunto da pauta. Ao invés de gravá-la em frente a lojas abertas, a opção foi por deixar repórter em primeiro plano e vários carros e até mesmo um escolar, em segundo, podendo servir perfeitamente para reportagens sobre estacionamento proibido, uso de rotativo, etc, mas não podendo se inferir dela relação com o real assunto tratado na reportagem. O mesmo ocorre se analisarmos o texto verbal da passagem, que se refere a inexistência de leitos de UTI em Ribeirão das Neves, enquanto ao fundo se vê carros estacionados.

Observa-se também o aproveitamento de material de divulgação da ONG para a cobertura do off que se refere a ela, intercalado a imagens gravadas no local. Vale destacar que esse recurso de uso de vídeos institucionais e materiais de divulgação foi bastante recorrente nas reportagens realizadas durante a pandemia, servindo de apoio a falta de gravações presenciais, mas nesse caso específico, a escolha provavelmente foi estética, uma vez que é possível verificar que a equipe esteve presencialmente nos locais de gravação das entrevistas.

Do ponto de vista da “emoção mostrada” podemos inferir que o enunciado lança luz ao tensionamento presente ao longo de toda a pandemia: saúde X economia. Ao invés de pensadas em conjunto, a preservação da saúde e as estratégias econômicas, foram sempre postas como opostas na condução da crise sanitária, cujos reflexos puderam ser observados em diversas atitudes de desrespeito à decretos e protocolos de segurança.

É preciso também levar em consideração que ao classificar como “risco” o “grande movimento” nas ruas, a matéria conduz a percepção para a conduta certa/ errada, acionando valores morais. Se de um lado comerciantes, esboçados como malfeitores, infringem regras, de outro, uma “turma de valentes” se esforça para auxiliar a crise financeira das famílias, sem colocar ninguém em risco, ou seja, sem deixar de priorizar a saúde, respeitando os decretos.

Partindo ainda desse olhar narrativo, é interessante perceber a escolha do recorte da fala do prefeito da cidade, que realiza o apelo: “me ajudem!” Não estaria aí uma inversão, já que o poder público é que é tido como agente capaz de oferecer ajuda a população? O apelo, que pode ser atribuído a um certo grau de indignação e até mesmo contido desespero, acaba por evidenciar que regras estabelecidas pelo poder público, de nada valem, se não usufruírem de adesão da população.

Chamamos atenção também para a intenção de desconstrução da imagem de precarização que poderia estar associada ao município de Ribeirão das Neves. Estabelecendo relação de proximidade entre “tristeza” e “pobreza” e de oposição entre pobreza econômica e riqueza cultural, a integrante da ONG em sua fala movimentava sentidos. Assim, a integrante do coletivo embora reconheça as deficiências da cidade em que atua, ressalta a grandeza dos

moradores do município, seus modos de vida, culturas e saberes, propondo um novo olhar, principalmente do poder público, sobre a cidade – provavelmente aqui uma outra forma de indignação.

Em uma terceira leitura, é possível aferir que a postura do Jornal Minas está alinhada com o sentimento de indignação pelo descumprimento de regras e a defesa da preservação da vida, uma vez que fugir das normas é um “risco”.

Construída de forma a atribuir maior visibilidade a voz do repórter, por meio de offs e passagem longos e descritivos (que ocupam mais da metade do tempo de matéria-2’00’’ em 3’43’’ totais), a reportagem não demonstra preocupação absoluta em manter a imparcialidade, como demonstrada em outras ocasiões. Nesse ponto, a impressão é que escolher um lado é o mais ético a se fazer. Dessa forma, não se dá voz aos comerciantes que descumprem o decreto, a não ser por meio de um “sobe som” de videocelular. Não há a preocupação em entrevistar nenhuma fonte que compactue com a atitude de descumprimento a manutenção do fechamento dos serviços não essenciais. Além disso, o uso de planos fechados nas entrevistas com o prefeito e com a integrante da ONG propõe um enquadramento que valoriza as expressões – no caso olhares- exatamente de quem defende valores com os quais a reportagem coaduna, sendo eles, a ordem, a solidariedade, a empatia, a busca de priorização do bem comum. Inclusive, a nota pé da matéria divulga como a população pode contribuir com a ONG, abraçando a causa, como se a colocar o jornal como novo integrante da “turma de valentes”.

Assim, o posicionamento do JM2 acaba por assumir uma postura de fiscal, em busca de flagrantes do que está em desconformidade com o que é tomado como certo pelo jornal, cujas equipe anda pelas ruas registrando flagrantes, propondo a imagem de um jornalismo que está vigilante. Dessa forma, o jornal trata de invocar a razão, “como lucidez e sabedoria ética implicadas em uma conduta prudente ou sabedoria prática” (SODRÉ, 2006, p.25) e acrescentamos, se apoiando no sensível para convocar indignações que validem o motivo de uma tomada de lado.

4.2.3. Terceira onda emocional: entre o luto e a esperança

As demonstrações de carinho vão ficar para o ano que vem⁶⁸.

A terceira grande onda emocional identificada nas matérias do JM2 vai de dezembro de 2020 – proximidade do natal e anúncio das vacinas – até final de fevereiro de 2021 – fechando o primeiro ano da pandemia no Brasil e próximo ao pico da segunda onda da Covid-19 no país, que vitimou principalmente jovens com a variante Gama P1⁶⁹. Nesse momento, percebe-se a prevalência do luto, pelas perdas já sofridas, da tristeza por se passar as festividades de fim de ano longe de familiares, misturados a ansiedade pela chegada das vacinas, ao negacionismo e a esperança pelo fim da pandemia, algo que, infelizmente, ainda demoraria a acontecer.

A edição do JM2 de 22 de dezembro de 2020, é um bom exemplo de todo o movimento emocional do período delineado. Primeiramente, foi realizada uma entrevista ao vivo com um médico infectologista que repercutiu a situação da pandemia em Minas, os óbitos contabilizados, a taxa de ocupação de leitos no estado e em BH – 76% dos leitos ocupados na capital – e as preocupações com as festas de fim de ano ocasionarem o aumento do índice das infecções pela Covid-19. Em seguida, foi veiculada uma matéria que mostrava como uma família estava planejando as comemorações do Natal, de forma a seguir os protocolos sanitários e a cartilha divulgada pela Fiocruz para as festividades de fim de ano. Em destaque, a fala da dona da casa: “nesta época do ano a gente fica muito emotivo. Então a gente quer abraçar, quer beijar, então isso vai ser penoso, porém por uma causa justa. Depois que passar isso nós vamos nos abraçar, vamos nos beijar e comemorar, né? Comemorar bem essa caminhada que estamos levando agora, que é desesperadora”. Sentindo-se triste pelo momento, mas em atitude resignada, a entrevistada refletiu a realidade de muitos lares brasileiros. No texto em *off*, o resumo do cenário: “As demonstrações de carinho vão ficar par ao ano que vem”. Logo após, entrou um *loc off* que registrou um protesto em frente à prefeitura de Belo Horizonte contra a obrigatoriedade da vacina contra a Covid-19, salientando que os manifestantes estavam sem máscara (figura 26).

⁶⁸ Trecho de *off* de matéria veiculada no JM2 no dia 22 de dezembro de 2020. Link: https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=394932621767735

⁶⁹ Link de matéria que mostra que número de mortes entre jovens de 20 a 39 anos cresce 80% em BH https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2021/05/21/interna_gerais,1269056/covid-19-numero-de-mortes-entre-jovens-de-20-a-39-anos-cresce-80-em-bh.shtml

Figura 26: Frame mostra manifestantes sem máscara



Fonte: <https://encurtador.com.br/fpzC3>

Depois de mostrar o movimento contra a vacinação obrigatória em Belo Horizonte, o texto lido pela apresentadora anunciou a exibição de depoimento de uma enfermeira mineira vacinada na Inglaterra: “Enquanto isso os brasileiros que vivem no Reino Unido e trabalham no setor da saúde estão comemorando o fato de serem vacinados contra a Covid. Hoje, vamos ouvir a mineira que já recebeu a imunização. Ela trabalha em uma casa de idosos e diz como a vacina vai impactar a vida dela e de outras pessoas.” O testemunho da enfermeira vem carregado de euforia pela vacinação, além da esperança de que outras pessoas tenham a mesma oportunidade, em breve: “Eu fico muito feliz que já tenha essa oportunidade de tomar a vacina e tentar controlar um pouco esse vírus e eu espero que as pessoas possam tomar essa vacina logo e que tudo comece a se resolver, e que a gente comece a voltar a ter uma vida normal.”

No dia 6 de janeiro de 2021, a decepcionante notícia de novo *lockdown* em Belo Horizonte entristeceu principalmente os comerciantes, que haviam tido dias melhores com as compras de Natal. No dia seguinte, 7 de janeiro de 2021, durante o anúncio de que o Brasil ultrapassava a marca de 200 mil mortes pela doença, o texto jornalístico que encerrou a edição do JM2 criticava posturas de indiferença diante das mortes:

São oito milhões de pessoas contaminadas no país. Grande parte se recuperou. Mesmo assim, são duzentas mil e onze mortes. No mundo inteiro, milhões de famílias sofrem perdas todos os dias. São mais de 87 milhões de infectados e quase dois milhões de óbitos. E essa realidade não é capaz de alterar o descaso que rege o comportamento de muita gente!

O contexto infeliz de duzentas mil mortes ocasionadas pela Covid-19 no Brasil direcionou o noticiário para o luto, relacionado obviamente às mortes, mas também à frustração pela continuidade da pandemia. Vale lembrar que, inicialmente, se acreditava que a crise sanitária poderia ser vencida dentro de alguns meses – conteúdos destacados na primeira onda emocional evidenciou essa crença. Entretanto, no dia 26 de fevereiro de 2021, a Covid-19

completava um ano no Brasil, com várias cidades implementando toques de recolher para evitar que a população descumprisse protocolos sanitários – edição de 12 de janeiro 2021 mostra o toque de recolher sendo implantado em cidades do sul de Minas – com a novidade da infecção pela Covid-19 ser possível em animais – edição 23 de fevereiro de 2021 noticia o primeiro caso de um cachorro diagnosticado com o coronavírus – e a chegada da nova variante P1.

Muitas vezes invisível nas estatísticas, o luto se relaciona nas matérias analisadas com a dor ocasionada pela morte de um ente querido, mas também pela perda da rotina, da proximidade com familiares, do convívio social, do trabalho – diante do cenário de grave desemprego – das expectativas negativas. Como se todas essas perdas também fossem consideradas uma forma de morte. Isso se torna mais claro, quando apoiados em Antunes (2012, p.50), que pontua que “observando as narrativas de morte no noticiário, identifica-se (...) que elas podem se dar voltadas para o evento da morte de alguém propriamente, promover tributos ao morto, apontar para ações memorialísticas(...)”, percebemos que esses movimentos também se dão em torno de elementos inanimados ou figurativos, como eventos e símbolos, que representam parte de uma cultura e de uma rotina e que passam a ser considerados como tendo a “vida” arrancada. Exemplo disso é o tributo que se faz ao carnaval, que deixaria de acontecer em 2021. Um editorial marcou o luto pelo não acontecimento dessa festa tão arraigada na vida de muitos brasileiros, em 16 de fevereiro, de 2021. Coberto por imagens das ruas da capital mineira desertas, o texto escrito pela então gerente de jornalismo invoca memórias do que a festa foi um dia, ao mesmo tempo em que recorre a sentimentos melancólicos pela não ocorrência da folia.⁷⁰

Refletindo ainda sobre os relatos do luto e da morte, observamos também que eles, muitas vezes, se estruturam “contando outros acontecimentos, como, por exemplo, as histórias das vidas dos que morreram, a dor dos que ficam, o descaso das autoridades (...)” (LEAL, 2012, p.91) e, acrescentamos, no caso da cobertura da Covid-19, também o descaso de parte da população. Isso se confirma na edição de 25 de fevereiro de 2021, com o depoimento de uma médica do pronto socorro da cidade de Patrocínio, região do triângulo mineiro, gravado em vídeo celular, em que no intervalo dos atendimentos, vestida com capote e máscara, ela

⁷⁰ Trecho do editorial: “Como diz a marchinha, este ano não vai ser igual ao que passou. Belo Horizonte viveu hoje um dia melancólico em plena terça-feira de carnaval. Nada dos bloquinhos que fizeram a animação dos foliões em 2020, antes que o mundo tivesse que recolher a alegria por causa de um vírus (...) O grande e mais democrático baile sucumbiu ao peso de milhares de mortes, ao medo de um inimigo que não se vê. O drama varreu a euforia (...) Como diz outra marchinha, eu tenho tanta alegria adiada, abafada, quem dera gritar.” Link disponível <https://www.facebook.com/jornalminas/videos/1164849347286607/>

desabafa e responsabiliza a população pelos profissionais de saúde estarem no “limite do emocional” e finaliza com um apelo:

Pra quem acha que está fazendo a sua parte, tem que fazer mais, mais cuidado, mais isolamento, mais responsabilidade, mais amor ao próximo, mais empatia, porque o que a gente está vivendo aqui, as pessoas tinham que estar aqui pra ver (...) a gente segue porque a gente não tem escolha⁷¹.

Ao consideramos as palavras que se destacaram como mobilizadores emocionais nesta onda (figura 27), comprovamos que a “morte” volta a ser central, porém não mais sendo questionada quanto a sua “causa”, ou acompanhada pelo “medo”, como na primeira onda, mas pela “perda” ou “falta”, o que ratifica a emoção mostrada ou inferida como sendo o luto. Além disso, a palavra “expectativa” e “avanço” dão indícios de uma nova emoção relacionada a esperança da vacinação.

Figura 27: Nuvem de palavras - 3º onda emocional



Desta forma, a chegada do primeiro lote de vacinas em Minas, em 18 de janeiro de 2021 renovou o tom das matérias, que passaram a discutir eficácia da CoronaVac e as perspectivas para avanço da vacinação. A edição do dia da chegada das doses foi aberta com uma entrada ao vivo direto do aeroporto Internacional Tancredo Neves, em Confins: “Hoje dia histórico! Qual a previsão da chegada do voo com as doses?” Em tom de expectativa e alívio, a repórter respondeu à apresentadora que as cerca de 7 mil doses chegariam por volta das 20h. O atraso da chegada das doses rendeu a entrada de uma edição extra, depois das 20h, com o registro do recebimento das doses e ato simbólico do início da vacinação no estado⁷². O pequeno atraso para a chegada deste primeiro voo trazendo as doses posteriormente se materializou em um



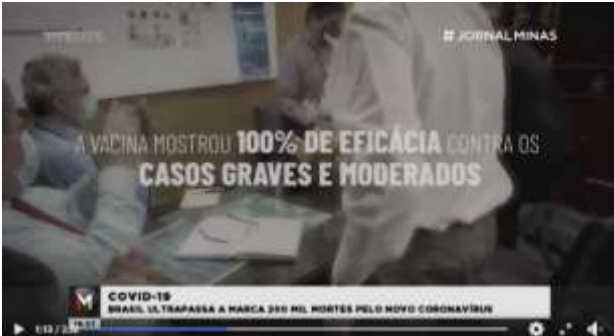
⁷¹ Link edição 25/02/2021: <https://www.facebook.com/jornalminas/videos/1049633212188624/>




⁷² Edição extra, ao vivo, do dia 18 de janeiro de 2021 para acompanhamento da chegada das primeiras doses da CoronaVac em Minas Gerais- Link: <https://www.facebook.com/jornalminas/videos/232003255121061/>

enorme atraso no não avanço da vacinação no país, configurando-se nos meses seguintes no pior cenário da pandemia no país.


Para olhar de forma ainda mais aprofundada para os aspectos emocionais desta onda, selecionamos um editorial exibido no dia 7 de janeiro de 2021.

Quadro 3: Brasil ultrapassa a marca de duzentas mil mortes

EDITORIAL BRASIL ULTRAPASSA A MARCA DE DUZENTAS MIL MORTES	
<p>CABEÇA: Duração: 0'54''</p>	<p>Hoje é dia 7 de janeiro de 2021. Ultrapassamos as duzentas mil mortes por COVID-19 no Brasil. De acordo com o levantamento do consórcio de veículos de imprensa, feito a partir de dados das Secretarias Estaduais de Saúde, são quase oitocentas mil de pessoas contaminadas no país. Grande parte se recuperou. Mas, ainda assim, são duzentas e onze mil mortes. No mundo inteiro, milhões de famílias sofrem perdas todos os dias. São mais de oitenta e sete milhões de infectados e quase dois milhões de óbitos. E essa realidade não é capaz de alterar o descaso que rege o comportamento de muita gente. Então, para melhor lidar com esse cenário, o que falta? Vacinação em massa, com certeza. Mas não só isso.</p>
<p>OFF 1 Cobertura: imagens de arquivo com cenas de ruas desertas, vídeo divulgado comprovando eficácia das vacinas.</p>	<p>Vivemos um momento que já é história. Será especialmente lembrado. Circunstância em que depositamos toda a Esperança na ciência.</p> 
<p>SOBE SOM Cobertura: vídeo de internet mostra cientistas celebrando eficiência da vacina</p>	<p>100% eficaz! (muitas palmas)</p>  

<p>OFF2 Cobertura: imagens de festas e aglomerações</p>	<p>Já que não podemos contar uns com os outros.</p> 
<p>SOBE SOM Cobertura: imagem de festa na praia lotada, pessoas sem máscara.</p>	
<p>OFF3 Cobertura: Imagens de aglomerações se intercalam a imagens de valas coletivas de Manaus, caixão abandonado na rua, pessoas hospitalizadas e em reabilitação por sequelas da Covis-19.</p>	<p>O Instante que mais pediu sabedoria e equilíbrio de nós, nos provou o quanto estamos distantes de valores essenciais. As hashtags “aglomera Brasil”, “aglomeramos mesmo”, entre tantas outras, lotaram os nossos stories. As fotos das festas de fim de ano repletas, das viagens, dos encontros também. Provas de que ensino superior e boa educação não significam inteligência. Evidência de que é lindo falar de amor à família, desde que não precisemos de nos privar de nada e de que nossa empatia a oscila de acordo com o nosso interesse pessoal. Pois então, o que falta? Informação? Sensibilidade? bom senso? As valas coletivas em Manaus, os horrores das mortes sem atendimento médico, o desgaste, a estafa e os apelos dos profissionais da saúde, os relatos de dor de pessoas que perderam famílias inteiras não deveriam ser ignorados. Mas deixamos passar sob a falsa ilusão de realidade distante. A segunda onda está aí, a reinfeção também. As sequelas que se manifestam meses após a doença nos evidenciam. Não estamos seguros e vai demorar para voltarmos a estar. E enquanto tudo isto é ignorado, o que se constata é que a COVID não é, definitivamente, a maior doença que precisamos enfrentar.</p> 



	
Duração Total:	3'43''
NOTA PÉ	O jornal Minas segunda edição se solidariza com as famílias das mais de duzentas mil vítimas da COVID-19 no Estado.

Fonte: <https://www.facebook.com/jornalminas/videos/247147393455980/>

O editorial exibido no dia 7 de janeiro de 2021 se relaciona ao contexto em que Minas ultrapassa a marca de duzentas mil mortes pela Covis-19. Cabe ressaltar que o próprio formato de editorial sinaliza que a presença da linguagem emocional já estará prevista no roteiro, ganhando ainda mais destaque quando se dá em material audiovisual, conforme pontuam Thomé e Reis:

(...) a emoção editorializada no telejornal encontra similares na mídia impressa e no rádio, mas ganha formas especiais por seu suporte audiovisual. Uma lágrima, uma voz embargada com pigarro, um silêncio ou a construção de um texto poético por imagens são elementos que, como citados no presente trabalho, atuam como elementos de subjetivação e de aproximação da audiência com o telejornal (...) (THOMÉ E REIS, 2022, p.9).

Dessa forma, antes mesmo do início do editorial, a abertura que o anuncia contextualiza o cenário de luto, afinal “milhões de famílias sofrem perdas todos os dias”. Além de evidenciar a crise mundial, é proposta uma reflexão que vai nortear todo o texto do editorial: para se abandonar a atitude de “descaso”, com a qual parcela da população age perante a tragédia posta, “o que falta?” A partir desse ponto, o texto verbal do editorial já atribui à ciência toda a “esperança” de futuro, já que afirma que não se pode “contar uns com outros”. Assim, de forma

bastante adjetivada o texto convoca os “horrores” das mortes, a “dor” das pessoas que perderam familiares, ao mesmo tempo em que questiona valores como “bom senso” e “sensibilidade”, finalizando-se de forma a insinuar que a maior doença “que precisamos enfrentar” talvez não seja a Covid-19. Nesse ponto, é possível interpretar a indiferença, a insensibilidade e o “descaso” como doenças maiores que afetam a humanidade. Já na nota pé, o luto mais uma vez fica evidente, na prestação de condolências às famílias das vítimas, mostrando que o estado de luto permanece.

Ademais, além de explicitamente referenciar emoções, o conteúdo também se utiliza de estratégias visuais e sonoras na linguagem emocional desenvolvida. Mesclando cenas de pesquisadores comemorando a eficácia das vacinas, aglomerações e covas abertas, o editorial faz um apanhado dos diferentes comportamentos e suas consequências, recorrendo a imagens fortes, com caixões abandonados na rua, pessoas entubadas em hospital, processo de reabilitação devido as sequelas da Covid.

Ao mesmo tempo, recursos sonoros também buscam reter a atenção e emocionar, variando entre o uso de uma trilha sonora impactante, “sobe som” de comemorações e aplausos pela eficácia da vacina, música de festas e aglomerações, e também recorrendo ao silêncio, onde apenas a locução se sobressai, compondo verdadeiras “imagens internas”, nos referindo a Sodré:

É preciso, no entanto, levar em séria consideração a imagem subjetiva ou interna, uma vez que "imagem" faz referência não apenas ao sentido visão, mas também a padrões mentais articulados com qualquer modalidade sensorial, como, por exemplo, uma imagem auditiva. Embora diferindo essencialmente da sensação, a imagem subjetiva a esta se assemelha em alguns aspectos, como o das mesmas reações diante de um objeto ou o do prolongamento imagético da sensação. Assim, as imagens internas podem ser visuais, auditivas, gustativas, olfativas e táteis. (SODRÉ, 2026, p.81).

Em um segundo plano de análise, é possível observar que o texto traça claramente a relação entre bem e mal, a esperança e o luto, como formas de dividir o que se deve ou não fazer/seguir. Ao classificar como doentes aqueles que possuem saúde, mas não “bom senso”, aqueles que tem “estudo”, mas não “inteligência”, a enunciação traça uma linha divisória entre o bom e o mau exemplos.

Pode-se inferir também que o sentimento de luto não se circunscreve aos familiares que perderam entes queridos, ele é convocado como forma de empatia, em um movimento amplo de luto pelo momento vivenciado pela humanidade. Também pode ser interpretado como tristeza e indignação sentidas por aqueles que observam a grande quantidade de pessoas ignorando o cenário do dor, afundadas no egoísmo, no “interesse pessoal”.

Nesse contexto, é interessante também inferir que a cobertura das imagens faz questão de destacar a hashtag “Agglomera Brasil” em letras garrafais, à frente de uma cena de praia lotada, escritas em verde e amarelo, que embora sejam as cores da bandeira do Brasil, ficaram muito vinculadas a polarização política e interpretadas muitas vezes como relacionadas às condutas negacionistas. Por outro lado, a edição também insere um *lettering*, na cor branca, tida como neutra, como tonalidade da paz, em que destaca que a vacina é “100% eficaz contra casos graves e moderados”.

Outro aspecto observado é a íntima relação entre o ritmo da locução e dos recursos sonoros inseridos. Como se cada pausa maior da locução, já aguardasse uma inserção sonora ou prolongamento do próprio silêncio como forma de melhor ilustrar ou dar ênfase ao que está sendo dito.

Quando voltamos nosso olhar para a emoção sustentada, verificamos que a próprio envoltório do conteúdo, em forma de editorial, também sinaliza que o texto representa um ponto de vista, uma reflexão, que vai ao encontro da opinião do jornal. É o posicionamento crítico e afetivo do veículo que o divulga.

Assim, a esperança na ciência, e a constatação do descaso perante o luto de milhares de famílias se tornam argumentos, que embasam um discurso e enfatizam o caráter orientador da realidade. A leitura está posta: quem age ignorando o horror da situação vigente, está acometido por doença grave, que não a Covid, o que estimula o estado constante de luto por parte dos que escolhem a ciência.

4.2.4. **Quarta onda: terror e revolta**

Sem trégua, nem piedade, o vírus avança tentando transformar Manaus no Brasil (...) Vem com a gente, porque corresponder às orientações da ciência é a nossa única saída⁷³.

O ano de 2021 foi o mais letal da pandemia no Brasil. O mês de março foi o que registrou mais mortes na história do país, com 190,9 mil óbitos. Desses, 83 mil (ou 43,6%) foram causados pela covid-19. No período, o país viveu o segundo pico da pandemia. A pior semana já registrada, de acordo com a Associação de Registradores de Pessoas Naturais, em termos de óbitos, foi entre 28 de março e 3 de abril, quando as mortes de covid-19 superaram (pela única vez) a soma de todas as demais mortes naturais registradas no país⁷⁴. Falta de leitos, esgotamento dos profissionais da saúde e luto deram o tom do período que se estendeu de março

⁷³ Frase final da cabeça que anuncia a estreia da Série Com(ns)ciência: desafio além da pesquisa, no dia 29 de março de 2021 no JM2.

Link: <https://www.facebook.com/jornalminas/videos/475058617185068/>

⁷⁴ Matéria detalha os dados do período mais letal da pandemia no Brasil: <https://encurtador.com.br/ckmH9>

a julho de 2021. Paralelamente às perdas e ao terror vivenciado por muitas famílias, o avanço lento da vacinação, a revolta pelo descaso por parte da população que mesmo diante do cenário trágico insistia em descumprir protocolos e ignorar as convocações para se vacinar, e a insegurança na retomada de algumas atividades, como as escolares. Neste ponto de nossa história e cobertura jornalística analisada, a alegria e a esperança pelo desenvolvimento da vacina ficaram em segundo plano, diante da quantidade de mortes.

O período de março a julho de 2021 foi o que apresentou mais apelos a elementos claramente emocionais da cobertura da pandemia realizada pelo JM2 em que se destacam o tom austero de repórteres, a veiculação de depoimentos e imagens mais fortes e trágicos e a emissão de opiniões em forma de desabafo por parte dos jornalistas, que repetidamente chamavam atenção para a necessidade de valorização da ciência.

Muito marcado pela contribuição de emissoras parceiras, localizadas no interior de Minas Gerais, esse período da cobertura contou quase que diariamente com a entrada ao vivo ou gravada de repórteres de diversas regiões do estado, que retratavam o panorama da ocupação de leitos e atualizavam índices epidemiológicos das localidades. Como forma de ilustrar essa percepção, recorreremos a edição do dia 2 de março de 2021 que contextualiza bem a situação vivenciada no período. Nela, foi veiculado um depoimento do governador de Minas Gerais, Romeu Zema, do partido Novo, alegando que o governo federal se comprometeu a conseguir mais vacinas e que “se isso não acontecer, Minas está preparada”⁷⁵. Saindo da expectativa de aceleração da vacinação, o JM2 mostrou uma matéria intitulada “giro pelo interior”, que reuniu repórteres de todas as macrorregiões do estado, assim classificadas pelo Comitê de enfrentamento à Covid-19 do governo de Minas, que deflagraram a dura situação das unidades de saúde. Na mesma edição, a denúncia da falta de preparo e bom senso de autoridades políticas, como o que ocorreu na cidade de Caldas, no sul de Minas, onde o prefeito do município emprestou seu sítio para a realização de uma festa. Em seguida, a veiculação de um depoimento em que o representante do Sindicato dos Médicos de Minas Gerais falava da falta de leitos e insumo: “situação está se agravando e exige muita seriedade em todos os níveis (...) Estamos aqui conclamando a população de maneira geral, os gestores de todos os níveis, municipal, estadual e federal, a fazerem a sua parte efetivamente”. Tal paginação colocou em jogo sentidos que confrontam falas políticas sobre preparo do Estado no enfrentamento da pandemia, e a realidade de cidades sobrecarregadas com pessoas adoecidas; descompromisso de gestores – como no caso da cidade de Caldas - e o apelo do segmento médico.

⁷⁵ Link da edição do JM2, do dia 02 de março de 2021, com fala do governador de Minas Romeu Zema: https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=906852023408013

O esforço da imprensa para sensibilizar fica ainda mais evidente a partir do dia 8 de março, ocasião em que se completou um ano de pandemia em Minas e na qual mais de 19 mil mineiros passaram a “existir apenas na memória de seus familiares. Uma dor que o tempo abranda, mas não apaga.”⁷⁶ No conteúdo, destaque para a morte de quase mil profissionais de saúde pela Covid-19 no Brasil e para entrevistas de sobreviventes com vozes embargadas pelo choro. Depoimentos fortes que chamam atenção para a realidade vivenciada nos hospitais: “Nós já estamos cansados. Já tem um ano que não temos férias. Quantas vezes deixei de almoçar, beber água, ir ao banheiro, porque meu paciente está parando várias vezes?”⁷⁷ Relatos que se somam a enquadramentos *close up* que demonstram as marcas deixadas pelo uso constante de máscara por parte desses profissionais e a tarja “marcas difíceis de serem esquecidas” (figura 28).

Figura 28: Frame “Marcas difíceis de serem esquecidas”



Fonte: <https://www.facebook.com/watch/?v=287034356160342>

Perante todo esse material, observamos o exacerbamento do “realismo melodramático” (LEAL, 2022) como ponto comum. Isso porque, pressupondo retratar a realidade, o jornalismo a recria em seu esforço de expor a vida cotidiana, recorrendo “a excessos retóricos, como a exposição dramática e/ou explosiva de emoções e sentimentos” (LEAL, 2022, p.89), deixando inclusive bem marcadas as suas mediações, sem tratar os relatos como mera denotação. Assim, o mais grave período da pandemia é dramatizado nas narrativas por meio da fala de personagens que expõem suas lutas, principalmente profissionais que atuam na linha de frente, veiculação de depoimentos em formatos de apelos emocionais, e enfatizando de forma veemente o

⁷⁶ Trecho do texto da cabeça de abertura da matéria “Marca de uma pandemia” veiculada no dia 8 de março no JM2. Link: <https://www.facebook.com/watch/?v=287034356160342>

⁷⁷ Trecho de sonora da enfermeira ouvida na matéria “Macas de uma pandemia”. Link acima.

conjunto de valores que deveriam orientar a conduta da população. Além disso, as narrativas deixam transparecer com mais frequência o que Leal (2022) chama de “pormenores”:

No caso das narrativas predominantemente verbais, esses ‘pormenores’ são trechos que trazem caracterizações de ambientes, cenários, traços físicos de personagens. Nas narrativas sonoras, eles se apresentam, às vezes muito sucintamente, na construção verbal e nos “ruídos” de fundo, que como que nos “fazem ver” paisagens particulares. Já nas narrativas audiovisuais, é principalmente a imagem captada pelas câmaras que assume o papel de trazer esses ‘detalhes’ (LEAL, 2022, p.79)

Dessa maneira, como já exemplificado (figura 28), personagens acabam tomadas como centro da narrativa, aproximando a realidade narrada da “vida tal como ela é” – característica de certo tipo de realismo, sem, contudo, deixarem de apelar para sentidos e sensações – típicos das narrativas melodramáticas.

Nesse contexto também identificamos a maior tentativa de se estabelecer um embate entre o bem e o mal (seguir regras/desrespeitá-las) tanto por parte das fontes, quanto dos próprios jornalistas, que se assumem nas narrativas, de forma mais frequente, em primeira pessoa, como se fossem personagens da história contada, ou expressam comentários e juízos de valor, deixando entrever suas opiniões pessoais e gerando maior efeito de aproximação com o interlocutor. Exemplo disso, a edição de 18 de março de 2023, ao comentar a marca de um milhão de casos de covid-19 confirmados em Minas, traz a seguinte mensagem em texto de *off*, coberto por uma arte que simbolizava pessoas se multiplicando:

Todo dia atingimos um novo recorde (...) então, como ressignificar os números? Dando-lhes rostos? Voz a quem pode interpretá-los? Esse é o nosso trabalho, da imprensa, da ciência, da autoridade séria (...), mas de nada esse esforço valerá se do outro lado, aquele que nos ouve, nos vê, nos lê, não entender a grandeza do momento, se não sentir a dimensão dos números e contribuir para uma nova contagem, aquela que significa vida (...) ⁷⁸

A escalada – a chamada do telejornal no jargão jornalístico – da edição de 29 de março de 2021, ao utilizar a expressão “quando a fome aperta, só a solidariedade salva”⁷⁹, se referindo a um projeto de doações de cestas básicas, também deixa subtendido um tom de aposta na sociedade e descrença no poder público, para lidar com a crise econômica advinda da pandemia. Vale lembrar que o contexto era de desemprego e as discussões sobre renovação e valor de auxílios emergenciais às populações carentes estava em alta.

⁷⁸ Link edição 18/03/2021: <https://www.facebook.com/jornalminas/videos/3818796761539160/>

⁷⁹ Link da edição 29/03/2021: <https://www.facebook.com/jornalminas/videos/475058617185068/>

Outra marca mais enfática da mediação da reportagem ocorre no dia 15 de março, em matéria que mostrava o decreto da prefeitura de Belo Horizonte proibindo caminhadas em praças públicas e orla da lagoa da Pampulha. Nela, realçamos a escolha do repórter e do editor de texto em incluírem no fechamento da matéria a fala de um homem branco, sem identificação de créditos, que grita ao ver a equipe de reportagem fazendo um “povo fala” em praça pública, em tom de comemoração, esboçado pela expressão sorridente e entonação de deboche: “Estamos sem máscara e estamos sobrevivendo ao Covid!”. Inicialmente, em um cenário epidemiológico de alto contágio pela doença, sobreviver sem máscara nessa situação não seria mesmo algo a ser comemorado? Entretanto, em meio ao contexto de negacionismo, a matéria toma o depoimento como altamente ofensivo e usa a fala para criticar a postura negligente, uma vez que o *off* que a precede, coberto por imagens de pessoas na UTI, esboça indignação e até revolta, ao dizer que os leitos da unidade intensiva do estado estão com índice de ocupação de 93%, e complementa: “e em meio a tantas perdas e restrições, ainda tem gente que acha graça”.

Diante de todo o exposto, percebemos que visões de mundo são expostas de forma, ora discreta, ora mais enfática, por fontes e jornalistas que trazem, conforme pontua Leal (2022, p. 92), definições “do que é certo e errado, sobre qual o papel das instituições sociais, do Estado e da ‘população em geral’”.

A revolta também pode ser inferida em matérias que registram a sobrecarga do sistema de saúde, como na reportagem que relata a primeira morte de Covid-19 em Minas por falta de assistência médica – edição de 19 de março de 2021– quando BH ultrapassa o índice de 100% dos leitos ocupados – e na série Com(ns)ciência: desafio além da pesquisa – estreada em 29 de março de 2021, composta por 5 episódios, dos quais apenas o primeiro continua público nas redes sociais do Jornal Minas.

Destacando as contribuições das parceiras do interior, na edição de 3 de maio, uma matéria recebida pela NTV Patos de Minas ganhou espaço no JM2 ao mostrar diversos flagrantes de aglomerações na cidade e, ao final do conteúdo, exibir uma nota da prefeitura do município, em tom de revolta e ironia: “A prefeitura, pasmem, informou que a fiscalização (de eventos) não opera nos fins de semana”, chamando atenção para a obviedade de que, se eventos ocorrem, em sua maior parte, aos fins de semana, como a fiscalização não funcionaria nesses dias?

A veiculação de imagens fortes também se destaca no período e deixa transparecer a busca do horror na tentativa de sensibilização. Personagens entubados, imagens de covas abertas, vídeos enviados por personagens durante atendimento em reabilitação ganharam espaço nas edições (figuras 29 e 30). Em geral, percebe-se que o apelo maior é voltado ao

público jovem, maior classe segmento afetado pela Covid-19 no período e também a que mais aparece em flagrantes de aglomerações.

Figura 29: Frame covas abertas





Fonte: <https://www.facebook.com/jornalminas/videos/193024499314859/>





Figura 30:Frame mostra que fonte é paciente durante reabilitação



Fonte: <https://www.facebook.com/jornalminas/videos/193024499314859/>

No predomínio de palavras mobilizadoras de emoções (figura 31) se destaca novamente a “morte”, cercada por “risco” e “maior”. Também se percebe a prevalência de “falta” e “colapso”, enquanto se almeja o “fim” da “crise”. Interessante perceber aqui que a palavra “vida” também é muito repetida. Entretanto, o que inferimos do material analisado é que ela se encontra muito mais como “objeto almejado” – o que se busca preservar, lutar por, mobilizando emoções negativas, de medo e angústia pela possibilidade de perdê-la – do que representa uma condição a ser celebrada.

<p>Duração: 0'05''</p>	
<p>SONORA 2 (videocelular) Fonte: Elizabeth Figueiredo –auxiliar de Enfermagem Cobertura: sem cobertura Duração: 0'21''</p>	<p>Meu sentimento é de luto, dor, cansaço, medo e insegurança. Nos últimos dias, os plantões têm sido exaustivos e surpreendentes. Em 28 anos de profissão eu nunca pensei, passar pelo que eu tenho visto, pelo que eu tenho vivido.</p> 
<p>SONORA 3 (videocelular) Fonte: Aline Franco Lara – Enfermeira Cobertura: sem cobertura Duração: 0'20''</p>	<p>Exaustão por ficar horas seguidas sem poder beber água, ir ao banheiro, prestando assistência aos pacientes. Impotência por muitas vezes, não poder ajudar da forma que eu gostaria esses pacientes e medo de pensar que alguém que eu amo possa partir por causa dessa doença.</p> 
<p>OFF 3 Cobertura: imagens de fachada de UPAS e do interior das alas destinadas à pacientes com Covid-19 Duração: 0'23''</p>	<p>Ao longo da manhã, o movimento aumenta nas unidades de pronto atendimento, como na UPA do Barreiro, onde a ala exclusiva para pacientes da covid-dezenove já tinha fila de espera. De acordo com a prefeitura de Belo Horizonte, essa maior procura por atendimento já é percebida nos últimos dias. Por isso, aumentou leitos em unidades na região Centro-sul e na Noroeste. Mas o vírus está em outra velocidade.</p> 

	
<p>SONORA 4 (Gravação via Zoom) Fonte: Estevão Urbano – Médico Infectologista Cobertura: sonora é coberta por imagens de pacientes em hospitais Duração: 0’46’’</p>	<p>Belo Horizonte vive de longe o pior momento da pandemia. A taxa de transmissão, de contágio está altíssima. Os hospitais lotados e muitas pessoas infelizmente, morreram. Nós estamos já com a rede privada colapsada, ou seja, não há vagas para pacientes graves. E como quase um semi-colapso na rede pública. Então a situação é caótica, é a pior possível. As novas variantes, principalmente a variante P1, que veio de Manaus e acaba pegando todo o Brasil, é um fator extremamente importante nesse cenário. É uma variante que transmite-se mais, e que é muito mais agressiva. Incluindo uma doença grave em jovens.</p>
<p>PASSAGEM Repórter: Pedro Rocha Local: em frente a UPA Barreiro Duração: 0’10’’</p>	<p>Mas a preocupação de não ser atendido não é somente dos pacientes com a Covid-19. Os pacientes com outras doenças também ficam preocupados ao chegarem nas unidades de saúde.</p> 
<p>OFF 4 Cobertura: imagens do personagem Duração: 0’10’’</p>	<p>O movimento para outros atendimentos segue intenso. O Gilmar veio fazer uma consulta de retorno para avaliar o pé quebrado e está assustado com a possibilidade de contrair covid-19.</p> 
<p>SONORA 5 (Gravação presencial) Fonte: Gilmar Cardoso- autônomo Cobertura: sem cobertura Duração: 0’05’’</p>	<p>Em meio a essa epidemia, acho que vir ao hospital causa preocupação. Não tenho dúvida disso.</p> 

OFF 5 Cobertura: imagens de uma ambulância deixando paciente em hospital Duração: 0'03''	Os relatos de falta de atendimento são cada vez mais constantes.
SONORA 6 (Gravação via Zoom) Fonte: Kátia Rocha - advogada Cobertura: sem cobertura Duração: 01'01''	A gente está vivendo uma situação em que há uma escolha quase de quem vai viver, né? Então, a responsabilidade de mostrar porque é que nós escolhemos beltrano ou ciclano tem que ser científica. Estamos acompanhando o estrangulamento também da rede privada, né? É engraçado que a legislação brasileira previa que, em situações de emergência pública de calamidade, o poder público poderia se valer da rede privada. E agora a gente está vendo quase que o contrário. A Rede privada, tendo que se socorrer do Sistema Único de Saúde. Mais uma demonstração de que a gente precisa de integração no nosso país entre a saúde pública, saúde privada, porque, por vezes, o paciente que tem um plano de saúde hoje, ele vai conseguir uma vaga dentro do sistema único de saúde, né? Ou vice-versa. Se a saúde suplementar aliviar os seus leitos, é o poder público tem que tomar iniciativa para utilizar esses leitos também em prol do nosso cidadão./
Duração Total:	3'43''
NOTA PÉ	Hoje à tarde, a mãe do Pedro, entrevistado que abriu nossa reportagem, enfim, conseguiu ser encaminhada para uma UTI no hospital Júlia Kubitschek. Ela aguardava a vaga desde ontem. Hoje, a prefeitura de Belo Horizonte abriu 18 novos leitos de UTI COVID no SUS. Agora são 411 leitos para tratamento de pacientes com suspeita e com confirmação da doença na rede pública. Com o incremento, a taxa de ocupação de UTIs caiu de 91,1% para 85,4% no SUS. Mas a ocupação de UTIs COVID na rede privada subiu de 102,8% para 109,5%. Por isso, a taxa geral de ocupação de leitos na capital se mantém alta 96,6%.

Fonte: <https://www.facebook.com/jornalminas/videos/3818796761539160/>

No decorrer da apreciação das reportagens, percebemos que a “carga emocional”, muitas vezes, varia não só de intensidade, como na forma em que é principalmente demonstrada. Se em alguns conteúdos jornalísticos os aspectos emocionais são mais evidentes na exploração de imagens fortes acompanhadas por efeitos sonoros dramáticos, ou em juízos de valor explicitados em textos de *offs*, em outros, eles aparecem de forma mais evidente nos depoimentos de entrevistados, conforme o caso da reportagem que acabamos de descrever.

O contexto que circunscreve jornalistas e entrevistados diz respeito à superlotação, sem precedentes, das redes privada e pública de saúde, que passam a ter fila de espera para transferência de pacientes. Convocados de forma explícita nos testemunhos, “medo”, “luto”, “insegurança”, “dor”, “impotência”, “exaustão”, descrevem o estado emocional dos e das profissionais de saúde. Enquanto isso, parentes precisam lidar com a “espera” de transferência de seus entes queridos. Em fala meio atordoada, e com muitas repetições, um filho relata não ser “legal” ouvir que a mãe terá que entrar em coma. Também quem precisa de atendimento médico para outras demandas, convive com a “preocupação”.

Em um primeiro olhar, também é possível acreditar na existência de certa contradição entre imagens que priorizam planos abertos, com as UPAs cheias, pessoa deitada em cadeiras – sinalizando longa espera por atendimento – sem explorar, por demasiado, dor e sofrimento

individuais, em *close-up*, e depoimentos que particularizam as histórias de quem recorre e oferece atendimento médico-hospitalar. Entretanto, ao nos atentarmos para o teor dos testemunhos, é como se eles se complementassem e reafirmassem, se posicionando de forma abrangente, como se sustentados na representatividade de uma só voz, que relata o colapso do sistema de saúde e suas consequências para profissionais e pacientes.

Nesse sentido, o cenário de terror instalado é reforçado com as falas do infectologista, que explica que “a situação é caótica, é a pior possível”, ao mesmo tempo em que explica que o caos é provocado pela nova variante que chegou de Manaus. Vale destacar, que citar “Manaus”, à época, era convocar todo o imaginário do horror, amplamente noticiado, vivenciado por aquele estado. Naquele período, a crise de atendimento durante a pandemia de coronavírus naquela cidade foi marcada por uma série de eventos trágicos quando, por exemplo, em janeiro de 2021, se enfrentou um colapso no sistema de saúde devido ao aumento de casos de Covid-19, situação agravada pela falta de oxigênio nos hospitais, resultando em mortes por asfixia. Da mesma maneira, quando em recorte de fala, com duração de cerca de um minuto, a advogada comenta que se chegou a um ponto em que “há uma escolha quase de quem vai viver”, o pavor é reforçado.

Por outro lado, relatos das profissionais de saúde, como: “em 28 anos de profissão eu nunca pensei, passar pelo que eu tenho visto” ou “ficar horas seguidas sem poder beber água, ir ao banheiro”, trazem uma mistura de perplexidade e revolta pela situação.

Em um segundo aspecto, podemos inferir o modo acionado para retratar do conflito: o esforço do poder público para a abertura de novos leitos de UTI e a rapidez de disseminação do vírus. Essa relação de disputa fica clara no *off3*, que evidencia que “o vírus está em outra velocidade”, permitindo, por meio da personificação do vírus, depreender que essa “corrida” está sendo vencida pelo vírus malfeitor.

Outro apontamento que sinaliza um tensionamento diz respeito às redes pública e privada de saúde. Na sonora final da reportagem a palavra “engraçado” indica uma surpresa e até mesmo uma certa ironia da entrevistada ao contar que a rede privada é quem está precisando “se socorrer” na rede pública e não o contrário, deixando subentendida a importância da valorização do SUS e integração das redes de saúde no país.

No que diz respeito à emoção como objeto do argumento, destacamos que o Jornal Minas sustenta sua pauta no “desgaste emocional dos parentes”, também “compartilhado pelos profissionais de saúde que atuam na linha de frente” (*off2*) perante o cenário de colapso da saúde. Nesse ponto, há a intenção não só de explorar os depoimentos, quanto de comprovar a

existência desse colapso por meio de números de leitos abertos e ocupados, indicando evidências que justificam a relevância do assunto e o tamanho do desgaste.

Na sonora três, também podemos observar que aspectos emocionais são os principais direcionadores do discurso, uma vez que a entrevistada pontua primeiramente o que sente e depois justifica seu sentir. Vemos aqui que a articulação ocorre inteiramente voltada para o campo psicológico da profissional de saúde.

Além disso, o jornal se coloca de forma empática, principalmente à situação vivenciada pelo primeiro personagem, e se preocupa em acompanhar o andamento da transferência da mãe do garoto para um hospital, informando ao público sobre o desenrolar dos fatos, por meio de nota pé.

4.2.5. Quinta onda emocional: ansiedade, cautela e alívio

Eu me acostumei com a máscara e não me sinto ainda segura (em tirá-la) porque ainda há casos, né?⁸⁰

A quinta onda emocional identificada na cobertura realizada pelo JM2 se estende de agosto de 2021 a junho de 2022. O avanço da vacinação favorece o início do declínio de óbitos pela Covid-19 e inaugura uma fase mais esperançosa pelo fim da pandemia e retomada da normalidade das rotinas. Entretanto, também se percebe pelas matérias depoimentos ansiosos pela distribuição das doses e até certa cautela relacionada às vacinas, devido ao desconhecimento de possíveis efeitos colaterais, já que produzida em tempo recorde.

Nesse sentido, muitas matérias trataram de explicar o que se sabia sobre os imunizantes, se gestantes poderiam ou não receber a dose, possível cobertura e duração da proteção e o mais importante: que a vacina não impedia a infecção, mas atuava de forma a evitar complicações e mortes pela doença. Em meio ao empenho da mídia no estímulo à vacinação, na divulgação diária de cronogramas e convocação de públicos alvo para cada fase da imunização, notícias dos chamados “fura-fila” também começavam a ganhar destaque. A ansiedade pela dose levou pessoas a desrespeitarem a prioridade da imunização. Um escândalo relacionado a esse fato no governo estadual, por exemplo, acabou levando à exoneração do secretário de estado de saúde⁸¹.

⁸⁰ Trecho de depoimento de personagem usando máscara em ambiente aberto, mesmo depois da não obrigatoriedade de uso do item em Belo Horizonte. Conteúdo veiculado no JM2 no dia 27/04/2022. Link: <https://www.facebook.com/jornalminas/videos/237689528553319/>

⁸¹ Ex-secretário de Saúde de Minas Gerais vira réu por furar fila da vacinação contra a Covid-19 Link: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/09/15/interna_politica,1393930/fura-fila-da-vacina-ex-secretario-de-saude-de-minas-gerais-vira-reu.shtml

Por outro lado, pessoas inseguras sobre a eficácia da proteção garantida pelos imunizantes não completavam esquemas vacinais e até mesmo deixavam de se imunizar por não acreditarem no imunizante. Nesse aspecto, líderes do governo federal exerceram influência muito negativa. Antes mesmo da maior oferta de vacinas, ainda em dezembro de 2020, uma declaração do presidente Jair Bolsonaro associou de maneira jocosa a ideia de que se a pessoa vacinasse e virasse um jacaré, o problema seria dela.⁸² Mais à frente, quando em 22 de dezembro de 2021 foi aberta consulta pública sobre se a vacinação infantil deveria ou não ser efetuada, o JM2 fez uma matéria problematizando se a questão era mesmo apropriada para ser decidida por leigos: “Embora a Anvisa, Agência Nacional de Vigilância Sanitária, já tenha dado o seu aval quanto a segurança da vacina da Pfizer contra a Covid, para crianças entre 5 e 11 anos, o Governo Federal, desta vez, decidiu abrir uma consulta pública (...) Mas não seria esse um tema de competência científica?”

Entendemos, dessa forma, que tanto a novidade da vacina, quanto a desinformação gerada em torno da mesma, por interferências e disputas políticas e ideológicas, contribuíram para o desafio de se promover a adesão à campanha vacinal. Ademais, como sinalizam Alzamora e Andrade (2019), se baseando em Charles Sanders Peirce, “é a crença que delinea a formação da opinião, não a verdade” (p.111). Estabelecendo distinção entre a notícia e a verdade, as autoras aprofundam a questão, apoiadas também em Walter Lippmann, problematizando que o relato noticioso trata de “representações da realidade” e não a realidade em si. Chamam atenção para o conceito de “pseudoambiente”, que se “organiza em torno de crenças, não de verdades (...) no qual transitam imagens estereotipadas da realidade”, já que “as crenças que este suscita delinham ‘nossos sentimentos, pensamentos e ações’” (p.111).

Assim, a notícia passa a ser entendida como “um processo de significação (...) cujo efeito prático será uma crença compartilhada na forma de opinião” e não “o reconhecimento social da verdade”, ainda que a crença seja “sempre passível de revisão” (p.113).

Com base nessa visão, entendemos que, mesmo se apoiando em fontes confiáveis, as notícias veiculadas pelo JM2 relacionadas à vacinação enfrentavam grande disputa de significação com outras notícias, cujas crenças vigentes se baseavam na desinformação, já que “a constatação indicial de falsidade nem sempre é suficiente para revisar a crença que delinea uma notícia, pois a crença se sustenta em arraigados hábitos de ação” (ALZAMORA e ANDRADE, 2019, p.114). Ademais, é a crença que acaba por orientar nossa conduta, o que faz com que “assim que uma crença que pensamos ser verdadeira é alcançada, ficamos inteiramente

⁸² Matéria UOL com principais falas de Jair Bolsonaro sobre a vacinação contra a Covid-19: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/05/03/jair-bolsonaro-vacina-covid-19.htm>

satisfeitos, quer a crença seja verdadeira, quer seja falsa” (PEIRCE, 2008, p. 42 apud ALZAMORA et al, 2023, p.8).

A retomada paulatina das atividades presenciais também motivou algumas séries de reportagens. Em 28 de agosto de 2021 estreou a série “Covid: doença no trabalho”. Mais à frente, em 20 de setembro, a série com 4 episódios “Geração C: marcas de uma pandemia” evidenciou as consequências da pandemia para as crianças, que ficaram tanto tempo em isolamento social. Em 11 de novembro de 2021, a série de reportagens “Nova Escola: o x da questão” é inaugurada no Jornal Minas segunda edição. Nota-se nas reportagens das séries especiais o direcionamento do olhar para as sequelas econômicas, de saúde, educacionais e sociais da Covid-19 a longo prazo. O esforço se volta para pensar consequências e legados da pandemia. Neste momento, a ansiedade do que estava por vir se destaca, principalmente em um contexto econômico e social tão complicado devido ao desemprego e a alta da inflação, retratados na matéria veiculada na edição de 20 de dezembro “Natal Magro”, que mostra como a ceia seria impactada pelo alto preço dos alimentos.

A chegada da variante ômicron em janeiro de 2022 volta a elevar os índices de contaminação, embora casos letais da doença registrassem diminuição. No dia 26 desse mesmo mês, o boletim epidemiológico divulgado pela Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais⁸³ registrou um recorde de contaminação com 36.387 pessoas infectadas pelo Coronavírus em 24 horas. Na ocasião, uma matéria repercutiu a decisão da prefeitura de Belo Horizonte em adiar a volta às aulas na educação infantil municipal. A reportagem trazia a informação de que “85% dos internados pela Covid-19 em Belo Horizonte eram não vacinados” e finaliza com um apelo emotivo do então prefeito da capital, Alexandre Kalil: “Nós precisamos da colaboração da população. Quem estiver me ouvindo, leve seu filho, pelo amor de Deus, pra vacinar.”

Mesmo diante de alguns apelos, começamos a observar a perda de força do noticiário Covid-19 nas edições. A edição do dia 4 de março de 2022 pode ser vista como um exemplo. Logo na escalada, o destaque vai para o “Dia de prevenção à obesidade”, que mesmo falando sobre a contribuição da pandemia no agravamento do quadro, a entrevista sobre o assunto fica em torno dos prejuízos do acúmulo de gordura no corpo. Em seguida, trata-se das investigações das causas do desmoronamento de um paredão de pedra de um cânion em Capitólio-MG; do rompimento de uma adutora da Copasa em Betim; veicula-se um *stand up* recebido de emissora parceira em Caratinga sobre endividamento dos consumidores, paginado com uma sonora do IPEAD, Instituto de Pesquisas Econômicas e Administrativas da UFMG, sobre custo de vida e

⁸³ Boletim Epidemiológico: https://coronavirus.saude.mg.gov.br/images/2022/01/26-01-COVID-19__BOLETIM20220126.pdf

preço da cesta básica em Belo Horizonte, sem vincular índices à impactos econômicos da pandemia; depois, veicula-se matéria da TV Cultura sobre “dinheiro esquecido” nos bancos e chama-se o intervalo. No segundo bloco, abre-se com *loc off* comentando roubo de orquídeas na Serra do Cipó; e aí sim, entra uma matéria sobre flexibilização do uso de máscaras em locais abertos na capital. Importante reparar que o repórter já aparece em passagem, sem máscara (figura 32). Apenas a divulgação do boletim epidemiológico volta ao assunto da pandemia nesta edição, que encerra com duas matérias culturais: a primeira contando a história do “copo lagoinha” e a segunda chamando a população para uma apresentação presencial dos Concertos da juventude da orquestra Filarmônica de Minas Gerais.

Figura 32 Frame Flexibiliza uso de máscaras BH



Fonte: https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=514239893378445

Ao completar dois anos de pandemia, na edição de 7 de março de 2022, a entrevista gravada com o novo Secretário de Estado de Saúde, Fábio Baccheretti, com duração de oito minutos e vinte e sete segundos, fez um balanço da condução da pandemia no estado e discutiu perspectivas para o futuro, problematizando a possibilidade da vacinação contra a covid-19 passar a fazer parte do calendário de imunização, como a vacina da gripe. Em 10 de março de 2022 uma matéria anuncia o fim do programa Minas Consciente, que orientou a condução da pandemia no estado.

Em 18 de abril, quando o governo federal decreta o fim da emergência em saúde pública causada pela pandemia, o tom da matéria elaborada pelo JM2 não é de comemoração, mas de cautela. Já no anúncio da matéria, um alerta: “com esse anúncio, os especialistas temem por uma falsa sensação de que o vírus já foi vencido”. Na reportagem, ao explicar o que mudaria com o fim do decreto, o aviso se repete, agora na voz do especialista, um médico imunologista: “nós temos cerca de cem mortes diárias pela Covid-19, além disso, temos circulando novas

variantes. No sudeste asiático temos mais três variantes da ômicron (...) isso tudo poderá criar uma situação ruim”. Vale destacar que toda a matéria foi coberta com imagens de pessoas internadas pela doença.

Mesmo já desfrutando da não obrigatoriedade do uso da máscara em locais fechados em Belo Horizonte há quase um mês, em 28 de abril de 2022 o JM2 veicula novamente matéria relacionada às máscaras. Desta vez, há a não obrigatoriedade do uso desses itens em locais fechados também em BH. Alívio para uns e relutância para outros, evidenciando desconfiança e, novamente, receio do cenário que em passado recente havia sido tão letal (figura 33).

Figura 33: Frame personagem usa máscara mesmo com não obrigatoriedade









Link: <https://www.facebook.com/jornalminas/videos/358140156370335/>


No início do mês de junho, o quarto pico da doença é sinalizado pelas autoridades de saúde. Desta vez, com mortes concentradas em pessoas não imunizadas, a taxa de letalidade cai bastante. Assuntos relacionados as consequências da pandemia fora do âmbito econômico e de saúde começam a ganhar espaço no noticiário, como o aumento de divórcios ocorridos durante o período e a grande geração de lixo hospitalar. Em tom mais ameno, com edições mais variadas em assuntos, a temática pandemia de Covid-19 vai se diluindo entre diversas outras reportagens, perdendo força.

Acreditamos que a saturação em torno do tema, maciçamente comentado por mais de dois anos consecutivos, também contribui para certa diminuição do apelo emocional nas reportagens, e o tratamento mais denotativo que conotativo da informação.

Ao refletirmos sobre as palavras mobilizadoras de emoções (figura 34), notamos a prevalência de um adjetivo, “*maior*”, que não traz uma significação relevante, podendo estar direcionado a “maior vacinação” – indicando evolução do recebimento de doses – “maior proteção”, “maior cuidado”, não sendo possível identificar emoções intrínsecas a ele. Por outro lado, nos baseando na análise das matérias desta onda, a palavra “*vida*”, ao contrário do que

	
<p>SONORA 1 Fonte: Fuad Noman – prefeito de BH Cobertura: imagens de álcool em gel, de pessoas lavando as mãos Duração: 0’26’’</p>	<p>Não quer dizer que nós precisamos de parar de tomar algumas medidas. Os protocolos precisam de ser respeitados. A gente deve continuar lavando a mão, com sabão, passando álcool, procurando evitar aglomerações, dando a distância necessária. O uso da máscara então passa a ser facultativo. Quem quiser usar a máscara, use. Mas acaba obrigatoriedade.</p> 
<p>PASSAGEM Repórter: Pedro Rocha Local: em frente à prefeitura de BH. Repórter retira a máscara durante a passagem Duração: 0’21’’</p>	<p>A partir desta quinta-feira, esta cena será mais normal nos locais fechados, aqui em Belo Horizonte. Isso porque o uso de máscaras será opcional em todos os locais fechados, aqui da capital mineira. As restrições ficam para o transporte público coletivo, para o transporte escolar e também para hospitais e clínicas de atendimento.</p> 
<p>OFF2 Cobertura: imagens de um vídeo de campanha de vacinação da PBH,</p>	<p>Um fator importante para a mudança na legislação, a partir desta quinta-feira, é o avanço na campanha de vacinação contra a COVID para crianças de 5 a 11 anos. Agora, novas campanhas para este público serão reforçadas, afinal, apenas 35,9% dos pequenos estão completamente imunizados. Mas a obrigatoriedade não se</p>

<p>em que crianças mostram o braço vacinado e fazem sinais de que estão fortes; e imagens de crianças nas escolas lavando as mãos.</p> <p>Duração: 0'25''</p>	<p>aplicará dentro das escolas, mesmo ainda sem alcançar o número ideal na vacinação.</p> 
<p>SONORA 2 Fonte: Cláudia Navarro – Sec. Municipal de Saúde de BH (sonora gravada em coletiva. Fonte sem máscara.)</p> <p>Cobertura: imagens de vacinação de crianças contra a Covid-19; fila em frente aos centros de saúde para vacinação; transporte escolar.</p> <p>(Há insert dos dados da vacinação- 13,3% e 35,9% na tela)</p> <p>Duração: 1'25''</p>	<p>Foi colocado no começo da nossa gestão, que um dos motivos de se manter a máscara era o baixo nível de vacinação em crianças, com relação à segunda dose, a dose de reforço. E a ideia inicial seria esperar alcançar um nível mais elevado para que se tomasse a decisão de retirar as máscaras. Realmente, não estamos ainda no nível ideal. Mas por outro lado, houve um crescimento muito rápido nos últimos 40 dias. No dia 17 de março, nós tínhamos um índice de 13,3% das crianças que haviam tomado a segunda dose e hoje nós já temos esse índice em 35,9%. Como os nossos níveis de contaminação, de confirmação, de notificação, de óbitos estão muito baixos e estáveis nesses níveis baixos, a avaliação de toda equipe técnica foi que teríamos segurança para liberar o uso de máscara nas escolas. Agora o transporte escolar é exatamente porque é fechado e nós temos um número grande de crianças e, às vezes, é mais difícil você ter um intervalo à medida que sai e entre a criança, para você fazer a higienização.</p>  
<p>OFF 3 Cobertura: imagens de pessoas nas ruas andando e close no frasco da vacina contra a Covid-19.</p> <p>Duração: 0'12''</p>	<p>Mesmo com a flexibilização no controle da pandemia, é fundamental também que, quem pode receber as doses de reforço, continue a imunização. Afinal, a melhor arma contra o Coronavírus ainda é vacina.</p>

	
<p>SONORA 3 Fonte: Cláudia Navarro – Sec. Municipal de Saúde de BH</p> <p>Cobertura: sem cobertura</p> <p>Duração: 0’12’’</p>	<p>Eu acredito que nós temos que fazer um trabalho educacional mesmo, de chamar essas crianças e chamar essas pessoas que ainda não tomaram o reforço ou a dose adicional.</p>
<p>Duração Total</p>	<p>3’23’’</p>

Link: <https://www.facebook.com/jornalminas/videos/237689528553319/>

Assim como realizado com conteúdos de outras ondas emocionais, é possível verificar, de forma explícita, os aspectos emocionais que mais se destacam neste momento da cobertura da pandemia de Covid-19 pelo JM2. A começar, o tom de cautela de faz presente desde a *cabeça* que anuncia a reportagem, a medida em que ela noticia o fim da obrigatoriedade do uso das máscaras em ambientes fechados em Belo Horizonte, mas chama atenção da população: “é preciso ficar atento porque há exceções”. O *off* 1 também alerta para o fato de a mudança na legislação não significar o fim da pandemia; o que logo é mais uma vez reforçado pela escolha do recorte da fala do prefeito que enumera cuidados que ainda devem ser mantidos. Nesse contexto, ainda se observa diversos avisos para que a imunização continue, principalmente nas crianças.

No âmbito da vacinação percebe-se que o final da reportagem retoma a típica melodramatização, que coloca o vírus como “vilão” e a sociedade em “guerra” contra ele, definindo que “a melhor arma contra o Coronavírus é a vacinação”.

Outro aspecto emocional que fica bem evidente é o alívio. Primeiramente, a máscara pendurada na orelha do prefeito, durante coletiva, confere um ambiente menos tenso – isso considerando que, durante toda a pandemia, a equipe da prefeitura de Belo Horizonte estimulou o cumprimento dos protocolos de segurança, fazendo os seus integrantes o devido uso das máscaras de proteção. Dessa forma, a cena não pode ser entendida como negligência ou negacionismo, muito observados em gestos semelhantes, quando em cenas relacionadas ao governo federal da época. O mesmo aspecto emocional pode ser percebido durante a passagem

do repórter, que retira a máscara em uso, enquanto fala. Nota-se um tom de leveza na expressão facial do jornalista após retirada do equipamento de proteção, já que podemos notar o rosto com expressão mais relaxada e alegre.

A sensação de alívio também pode ser alimentada pelo “crescimento muito rápido nos últimos 40 dias” da vacinação infantil. Aspecto que é comprovado não só pela informação fornecida em fala da secretária municipal de saúde, como visualizada no *insert* dos números na tela, destacando as taxas vacinais citadas.

Já buscando inferir aspectos emocionais, menos evidentes, identificamos a presença da ansiedade. Nesse caso, ela se torna presente quando se justifica a retirada da obrigatoriedade das máscaras nas escolas. O depoimento (sonora 2) da entrevistada admite que inicialmente se planejava esperar mais para esta tomada de decisão, mas o crescimento rápido da vacinação fez com que eles antecipassem a medida, mesmo sem ter a meta vacinal alcançada. Teria aqui, a ansiedade coletiva pelo fim do uso das máscaras, alcançado o poder público ou o próprio poder público já se assumia ansioso para anunciar a medida?

Também é possível deduzir, em uma segunda camada de análise, que o sinal de exclamação na tarja da reportagem “Sem Máscara!” soa quase que como uma convocação para uma nova ordem, dando ênfase a aspectos de alívio, de liberdade.

Direcionando nosso olhar para a trilha sonora que aparece ao fundo do *off* 2 inferimos que o assunto vacinação vem acompanhado de clima alegre, rítmico e preenchido com imagens de crianças que além de indicarem os braços vacinados, fazem gestos que indicam que estão mais fortes e até associam ideias de “saúde”, de “amor”, por meio de gestos de coração com as mãos. Simbolismos que conversam na reportagem com a ideia de estímulo à vacinação.

Analisando de forma mais detida os aspectos emocionais como argumento, percebe-se a defesa da vacinação como sendo o fator principal de “libertação” da população das máscaras. Neste sentido, a reportagem levanta um discurso pró-vacina, buscando aprovação e convencimento sobre sua importância, ao mesmo tempo em que escolhe um laboratório para valorizar. Ao dar *close-up* em um franco de CoronaVac, vacina chinesa que inicialmente foi tão desacreditada, a reportagem e o veículo jornalístico se posicionam na valorização desse imunizante em específico, único que teve autorização de uso em crianças.

Interessante também observar que o argumento da cautela, relembrando protocolos, justificando motivos de se manter máscaras em determinados locais, deixa claro que o jornal acredita ser essa a conduta mais razoável a ser adotada no momento, reafirmando sua postura de diálogo com a ciência e com valores de prudência, responsabilidade, bom senso, tão proclamados ao longo da pandemia.

5. Considerações finais

O jornalismo costuma apresentar-se como uma prática social que detém o controle de todos os seus processos. Ele define o tempo válido para cada assunto e depoimento, enquadra o acontecimento e até se propõe ao controle social, na tentativa de projetar a produção noticiosa sobre fatos e ações da vida em sociedade, em uma perspectiva moralizante, de orientar-se por normas e valores que devem regular as ações dos indivíduos. Aparecem com ênfase indicações do que é certo e errado, bem e mal, chegando à defesa daquilo que é considerado como bons costumes e boa conduta.

Entretanto, o que observamos na produção jornalística realizada durante a cobertura da pandemia de Covid-19 foi um jornalismo atordoado, que buscava se encontrar, que se corrigia e atualizava informações repetidas vezes em uma mesma edição, e que ao recorrer a fontes tidas como confiáveis, se deparava com a produção de mais dúvidas que certezas.

Nesse sentido, o discurso hegemônico que busca repelir a emoção como elemento na construção de um jornalismo de qualidade não condiz com o observado. Muito ao contrário, exposta a longo tempo de comoção, uma reação emocional intensa e coletiva que muitas vezes aparece ligada a um evento específico, a cobertura jornalística dessa grande tragédia se emocionou de diversas maneiras, articulando e tendo que relatar experiências individuais e coletivas prolongadas em uma ampla gama de emoções: chorando mortes, se colocando de luto junto aos familiares que ficam, se indignando com as aglomerações, vigiando comportamentos, pedindo cautela, celebrando a chegada das vacinas.

Tudo isso, porque, sendo da ordem do inesperado, as emoções permearam os depoimentos, geraram imagens fortes, apelos, desabafos e também surpreenderam e alcançaram os jornalistas. Os profissionais da comunicação, inseridos em um acontecimento que não oferecia alternativas de afastamento, expressaram ansiedades, receios, opiniões, de forma espontânea ou editorializada, se transformando, muitas vezes, em personagens, abrindo não só suas casas, mas a intimidade.

Contudo, a emocionalização dessa crise sanitária, econômica – transformada também em crise ideológica e pandemia de desinformação – não indicou um fazer jornalístico de menor qualidade. Ao contrário, revelou muitas vezes uma prática mais humanizada, mais próxima das realidades que a permeavam, principalmente quando se tem em mente o conjunto de agentes e fatores históricos, sociais, institucionais e de linguagem que interagem recursivamente para que o relato jornalístico se produza.

Ademais, não seria o apregoado ideal de imparcialidade no discurso jornalístico também uma estratégia de construção de sentido, vinculada a ideia de que “liberto de interesses particulares”, portanto, “independente”, defenderia sempre a justiça e o que é certo? Não seria esse também um discurso com componentes emocionais que buscaria convencer, tocar?

Mesmo que a construção de uma verdade do mundo a partir de relatos da realidade tomada de maneira factual seja parte da natureza do jornalismo, não é possível ignorar crenças e valores na hora de informar.

Assim, se na cobertura da pandemia da Covid-19, no interior das práticas jornalísticas, a alguma dimensão da tensão objetividade X subjetividade, o que se viu prevalecer foi o comprometimento com dimensões da verdade do que ocorria sem pretensão de que a notícia fosse “a” verdade incontestável. Isso sequer como ideal foi possível. Pois, se “o ideal de transparência agora não implica esconder a mediação, e sim revelá-la, problematizá-la, colocá-la diante dos olhos de quem vê/ouve/lê a história” (Leal, 2022, p. 82), os textos jornalísticos na Covid, intencionalmente ou não, fizeram muito disto. Na pesquisa que fizemos, não se buscava mais esconder ou oprimir a dimensão emocional da realidade. Ela passa a ser reconhecida e até valorizada em um jornalismo movido por certo “realismo afetivo” que “se materializa numa diversidade de narrativas ou em primeira pessoa ou nas quais a/o repórter é uma personagem importante” (Leal, 2022, p.83)

Nesse contexto de pandemia, observamos que o jornalismo profissional precisou estabelecer uma luta contra o descrédito, e ainda com a dificuldade de acesso a dados oficiais. Nesse ponto, estabelecer uma união, em forma de consórcio de veículos de imprensa, tradicionalmente concorrentes entre si, foi o caminho encontrado para o favorecimento de uma boa apuração, uma forma de entender a proporção do acontecimento – e fazer frente a ações contrárias e deliberadas do governo federal. Também uma maneira repropor uma relação de confiança a ser depositada por milhões de brasileiros, que contrariando os ataques à mídia, engrossaram a audiência dos veículos tradicionais, conforme apontaram vários levantamentos apurados ao longo da pesquisa.

Em outro aspecto, se o vírus impunha novos desafios na rotina das redações, também contribuiu para a aceleração de transformações do fazer jornalístico, favorecendo adoção de novas práticas e até quebra de tabus – não entregue o microfone ao entrevistado!

Assim, olhar para as 130 edições selecionadas do Jornal Minas segunda edição, entre os dias 26 de fevereiro de 2020 e 6 de junho de 2022, nos permitiu verificar peculiaridades na cobertura realizada pela Rede Minas, TV pública do Estado de Minas Gerais, face ao quadro mais geral do jornalismo.

Nesse ponto, vale, antes de tudo, destacar que, por vezes, os trabalhos jornalísticos reduzem os formatos analisados, homogeneizando demais o material. Por isso mesmo, nas edições escolhidas, olhamos para notas secas, notas cobertas, reportagens especiais, matérias factualizadas, séries de reportagens, entradas ao vivo, *stand ups*, entrevistas em estúdio, *loc offs*, editoriais, boletins, cabeças e notas pé, sem restringir aprioristicamente os conteúdos onde os aspectos emocionais se sobressaíam. Mesmo diante o desafiador trabalho de reunir e selecionar as edições, lidando com *links* privados, falta de renovação de *software* e consequente perda de material e memória da TV pública, nos esforçamos para traçar um panorama relevante da cobertura realizada que pudesse dar conta de variações, nuances presentes nessa produção.

Ainda acrescentamos que, embora tenhamos participado da cobertura, uma vez tendo atuado como jornalista, apresentadora do JM2 durante a pandemia, reencontrar o conteúdo despertou diversas surpresas. A começar pelo distanciamento atual do acontecimento. Foi interessante perceber como tantos detalhes e aspectos emocionais convocados pelos conteúdos não foram percebidos no momento da veiculação. Inclusive, mesmo remetendo ao passado recente, por meio da memória, não foi possível assinalar de maneira clara motivações para as decisões de paginação e escolhas de abordagens. Na imersão do acontecimento, as decisões aparentam também estarem “naturalmente” carregadas de emoções. Revisitar o acontecimento Covid-19 por meio da pesquisa também acionou em nós muitas lembranças, sensações, e sobretudo, angústias. Dois anos e meio de conteúdo revisto, entre “pausar, voltar, rever, anotar”, por vezes, tornava a nos estremecer, remetendo a nossas lembranças pessoais de enorme receio de contaminar familiares, já que mantivemos o trabalho presencial durante todo o período, as idas assustadoras ao supermercado, as comemorações longe da família. Também foi possível nos “arrepirmos” com o “sobe som” de cientistas comprovando a eficácia das vacinas, entre gritos eufóricos e palmas. Acima de tudo, o alívio por esse tempo já ter sido vencido.

Percebemos também que a cobertura realizada pelo Jornal Minas 2^o edição se assemelha a padrões recorrentes do telejornalismo brasileiro, quando se considera a busca, quase desesperada, por respaldo científico, o acionamento repetitivo de fontes relacionadas à institutos de pesquisa, universidades, ao mesmo tempo em que se contabiliza e atualiza em enormes boletins as mortes diárias, sem nome, sem rosto. Recursos do melodrama também foram comumente visitados pelas coberturas em geral e a do JM2 não foi diferente. Classificado como inimigo mortal, declaramos “guerra” a um vírus, levantando todas as nossas “armas” contra ele. Também denominamos “heróis” os profissionais de saúde que atuavam na linha de frente.

Por outro lado, o conteúdo veiculado pela TV pública de Minas Gerais buscou olhar para os mais vulneráveis com muita intensidade: catadores de materiais recicláveis, moradores de vilas e favelas, trabalhadores do circo, camelôs, domésticas... atribuindo atenção especificamente às mulheres e aos alunos de comunidades sem acesso à internet. Todos foram pautas que se repetiram ao longo da cobertura. Além disso, houve o investimento na divulgação de muitos projetos solidários, oportunizando sempre formas de contribuir.

Destacamos também a regionalização da cobertura, que foi capaz de dar visibilidade a realidades de municípios do interior do Estado, que dificilmente aparecem em jornais nacionais, como Patos de Minas, Uberlândia, Contagem, Sete Lagoas, Montes Claros, Varginha, Andradas, dentre outros. Nesse sentido, não se veiculava apenas dados, mas matérias enviadas pelas emissoras do interior; entradas ao vivo com repórteres locais e *stand ups*, evidenciando a diversidade dos sotaques mineiros e permitindo que cada região falasse de si.

Em nossa análise, ao delimitar cinco principais ondas emocionais, não só identificamos os aspectos emocionais mais evidentes, mas também aqueles que podem ser inferidos ou até mesmo os apontados como objeto do argumento, refletindo como o texto jornalístico afetou e foi afetado pelo trágico acontecimento da pandemia de Covid-19, na cobertura realizada pelo JM2.

Certamente, outras questões poderiam ter sido desenvolvidas, mas reconhecemos que outras análises possíveis esbarraram no fôlego da pesquisadora. A que mais se destaca, diz respeito a como os números da pandemia também traduziam aspectos emocionais. Embora tenhamos feito considerações a respeito, valia um recorte específico. Afinal, “o peso institucional da fonte dos números pode ser relativizado em função das necessidades do enunciador” (LEAL, 2012, p.98). Ou seja, o que representa um índice do real pode também estar sujeito a interpretações. Além disso, números também trazem visibilidades e invisibilidades.

Entre os “achados” da pesquisa apontamos a impossibilidade de se ignorar a presença dos aspectos emocionais no texto jornalístico, em uma mútua afetação, e a refutação da ideia de perda de qualidade do discurso devido à presença desses afetos. O que verificamos foi a construção de sentidos apoiada, muitas vezes, no afeto como argumento, sem, contudo, ocorrer o comprometimento do teor informativo do conteúdo. Na verdade, as emoções como empatia, compaixão e indignação moral faziam parte o tempo inteiro da informação jornalística.

Outra questão é o favorecimento do contexto de pandemia. Acontecimentos trágicos, por si só, trazem uma carga emocional, que facilmente desagua em imagens marcantes, fortes

testemunhos, trilhas sonoras densas, tarjas dramáticas, maior presença do jornalista. Nesse aspecto, a comoção configura a cobertura, ao mesmo tempo em que é configurada por ela.

Ainda cabe refletir sobre a própria deontologia do jornalismo em momentos de crise extrema, como a configurada pela pandemia de Covid-19. Princípios orientadores do jornalismo, muitas vezes tomados de forma naturalizada, como a equidade e a pluralidade de vozes, deveriam ser levados “à risca”, quando uma das partes incita a desinformação? Da mesma forma, em um momento em que milhões de pessoas morrem no mundo, teríamos acertado em evitar manifestar o horror? A racionalidade jornalística pode operar destituída de decisões morais? Questões que longe de terem respostas fechadas, devem ser postas como forma de construção de aprendizado diante a possível vivência de novas crises.

Sendo assim, escolhemos nosso *corpus* de forma a partir da morte como acontecimento para seguir até a morte do acontecimento. Sabemos que a morte, como acontecimento disruptor e de apelo emocional, “aparece naturalmente vocacionada no discurso jornalístico para tornar-se acontecimento noticiável” (ANTUNES, 2013, p. 106). Entretanto, no percurso da cobertura, foi possível observar mudanças em suas configurações.

Em primeiro momento – primeira onda emocional–observamos que a morte é tida como algo distante, como se reconhecida, mas negada, fazendo com que ouvinte/leitor/telespectador “respire aliviado ao tomar consciência que se trata da morte de outrem” (VAZ, 2012, p. 22).

Em seguida, a presença maçante e diária da morte nos boletins e conteúdo a torna banalizada – segunda onda emocional. “Indiferenciados, somos destinados ao esquecimento, ao anonimato, à cova escura” (LEAL, 2012, p. 101).

No terceiro momento, ou terceira onda emocional, como denominamos, a morte já reconhecida e mais próxima, passa a compor uma espécie de luto coletivo, público, que “indica a construção e expressão pública de pesar” (ANTUNES, 2012, p. 50).

Tomada pelo horror, a morte na quarta onda emocional está estampada nos caixões nas ruas, nas covas coletivas. Uma morte que inserida no “realismo melodramático” expõe a vida cotidiana, “recorrendo a exposição dramática e explosiva de emoções e sentimentos” (LEAL, 2022, p.88), que choca, aterroriza.

Por último, a morte percebida na quinta onda é a do próprio acontecimento pandemia de Covid-19, que acaba se diluindo paulatinamente no noticiário. De protagonista a nota seca; de boletins diários, a esporádicos. O declínio da morte e do acontecimento se entrecruzam, como se a experiência dos narradores que ali emergiram caminhasse para seu fim.

6. Referências bibliográficas

ABRIL, G.: Tres dimensiones del texto y de la cultura visual. In.: **Revista Científica de Información y Comunicación** v.9, p.15-35, 2012. Disponível em: http://institucional.us.es/revistas/comunicacion/9/art_1.pdf. Acesso em: 09 de jun.2022

AHMED, S. **The Cultural Politics of Emotion**. Edimburgo: Edinburgh University Press Ltd, 2014, p.1-19 e 204-234.

ALZAMORA, G.C; ANDRADE, L. A dinâmica transmídia de fake news conforme a concepção pragmática de verdade. In: **Matrizes**. São Paulo.V.13 - Nº 1 jan./abr. 2019, p.109-131. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/149592>. Acesso em 07 de junho de 2024.

ALZAMORA, G.C; Considerações Semióticas sobre a Natureza da Informação Webjornalística. In: **Razón y Palabra**. Guadalupe, México. Abril-Maio, 2003. Disponível em: <https://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n32/gcarvalho.html>. Acesso em 08 de junho 2024.

ALZAMORA, G.C; COTEZ, N.M.P; PAES, F.A.O; RIBEIRO,D.M. O caso *Datapovo*: aspectos semióticos e pragmáticos da manipulação de imagens no contexto da desinformação. In: **Galáxia**. São Paulo. v. 48, 2023, pp.1-24. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gal/a/szvz6bhHJ8LCWMDNwdHwqdx/?lang=pt> Acesso em junho 2024

ALZAMORA, G.C; MENDES.M.C; RIBEIRO, D.M. O desafio analítico da desinformação: à guisa de conclusão In. **Sociedade da Desinformação e Infodemia**. Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2021 (Olhares Transversais; v. 1).

ANTUNES, E. Noticiabilidade periférica ou quando a morte pergunta pela notícia. In VOGEL, D.; MEDITSCH, E.; SILVA, G. (orgs) **Jornalismo e Acontecimento; tramas conceituais** (V. 4) Florianópolis: Insular, 2013, p.105-133.

ANTUNES, E. Notícias depois da morte: visibilidades e ausências no jornalismo. In: BERGER, Christa; HENN, Ronaldo; MAROCCO, Beatriz. **Jornalismo e acontecimento: diante da morte**. Florianópolis: Insular, V.3, 2012. p.49-69.

ANTUNES, E. O jornalismo é história malfeita? LEAL, B.S.; ANTUNES, E.; VAZ, P.B. **Para entender o Jornalismo**. Belo Horizonte: Biblioteca Universitária Autêntica, 2014.p. 138-149.

BECKER, B. Reconfigurações do Jornalismo Audiovisual: um estudo da cobertura do Fantástico sobre a pandemia da Covid-19. In: **Lumina**. Juiz de Fora: PPGCOM UFJF, 2021, v.15, n.3. p.06-22,set/dez.2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/35684>. Acesso em: 26 de out.2022

BECKER, B.; THOMÉ, C.: Subjetivação como Estratégia do telejornalismo na Defesa da Ciência. In: **Revista Interamericana de Comunicação Midiática**. v.21, n.47, p. 2-18, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/72173>. Acesso em: jun.2023

BRASIL. **Constituição** (1988). Constituição da república Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, 2016. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 04 de nov.2022.

BUCCI, Eugênio. É possível fazer televisão pública no Brasil?. **Novos estudos CEBRAP**, v. no 2010, n. 88, p. 5-18, 2010Tradução. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/mwpqHGbY5Q8pkWZ3hJK9LHK/?format=pdf>. Acesso em:29 de abril.2024

CARVALHO, J.G.: Televisão Pública no Brasil: resquícios do passado e perspectivas para o futuro, **Revista FFPR**, Paraná, v.1, n2, p. 131-149, Ago. 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/sciplr/article/download/64743/37668> Acesso em 02 de Jul. 2023.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2013.

CONDE, M.G. **Temas em Jornalismo digital: histórico e perspectivas**. Curitiba: Intersaberes, 2018. E-book

COUTINHO, I.; MELO, E.; FINGER, C. As telas da pandemia da Covid-19: desafios do Jornalismo e do Audiovisual. In: Revista **Lumina**, 2021, Juiz de Fora, v. 15, n. 3, p. 4-5, set./dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/1981-4070.2021.v15.36195>. Acesso em agosto 2023.

D'ANDRÉA, C.;HENN, R. Desinformação, plataformas, pandemia: um panorama e novos desafios de pesquisa. In.: **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, 2021, v.23(2): 2-13 maio/agosto 2021 Unsinos. Disponível em: [em://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/23786](http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/23786) Acesso em: 6 jun 2022.

DINIZ, A.M.C.: Uma história da TV Pública brasileira. Tese (Doutorado em Comunicação)- Faculdade de Comunicação Social, Universidade de Brasília, Brasília, p. 286. 2013.

EMERIM, Cárilda. **As entrevistas na notícia de televisão**. Florianópolis: Insular, 2012.

FILHO, J.F. Comoção pública, modos de usar: a gênese do conceito e a estrutura do dossiê In: **Revista Eco-Pós**, Rio de Janeiro (PPGCOM/UFRJ), v.25, n.2, 2022, p.7 a 23. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos. Acesso em: 04 de Nov. 2022.

FRANÇA, V.R.V.; LOPES, S.C. Análise do acontecimento: possibilidades metodológicas. **Matrizes**, v.11,p.71-87,2017.

GARCIA. M.T. **Propostas de jornalismo público da TV Cultura: o que há de novo nas pautas e produção do telejornal?** 2011. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/3308/1/Maria%20Tereza%20Garcia.pdf> Acesso em: 11 Nov.2022

GUTMANN, J.F.; BÔAS, V.M; GOMES, I.M.M. Testemunha, vivência e as atuações do repórter na TV brasileira. In.: **Significação**, São Paulo, 2019, v. 46, n. 51, p. 78-95, jan-jun. 2019. Disponível em: DOI 10.11606/issn.2316-7114.sig.2019.145929 Acesso em agosto 2023

JÁCOME, P. **Fissuras no espelho realista do jornalismo: a narratividade crítica de Barcelona**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade

Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, p.24. 2013. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD9H5KGP/1/disserta__o_phellipy_jacome__fissuras_no_espelho_realista.pdf. Acesso em: 09 de out.2022.

JACOME, P. Quem conta um conto aumenta um ponto? In: LEAL, B.S.; ANTUNES, E.; VAZ, P.B. **Para entender o Jornalismo**. Belo Horizonte: Biblioteca Universitária Autêntica, 2014.p.169-177.

JUKES, S.; FOWLER-WATT, K.; REES, G. Reporting the Covid-19 Pandemic: Trauma on Our Own Doorstep. In: **Digital Journalism**, Julho 2021. Disponível em: 10.1080/21670811.2021.1965489 Acesso em: agosto 2023.

KOIVUNEN, A.; KANNER, A.; JANICKI, M.; HARJU, A.; HOKKANEN, J.; MÄKELÄ, E. Emotive, evaluative, epistemic: A linguistic analysis of affectivity in news journalism. In: **Journalism**, 2021, Vol. 22(5). Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1464884920985724>. Acesso em: Agosto 2023.

KOTISOVÁ, j. Cynicism ex machina: The emotionality of reporting the ‘refugee crisis’ and Paris terrorist attacks in Czech Television. In: **European Journal of Communication**, , v.32 (3), 2017 p.242-256.

LAGO, Claudia. Antropologia e Jornalismo: uma questão de método. In: LAGO, Claudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes 2008.

LATGÉ, L.C. O mundo pós-verdade. **O Globo**, 23 nov. 2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/opiniaao/o-mundo-pos-verdade-20522515>. Acesso em: jun. 2023.

LEAL, B. S. Do texto à textualidade na comunicação: contornos de uma linha de investigação. In: LEAL, B. S.; CARVALHO, A. C.; ALZAMORA, G. **Textualidades Midiáticas**. Belo Horizonte: PPGCom/UFMG, 2018. p. 17-34. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/41015/2/brunoLealTextoTextualidade.pdf>. Acesso em: 05 de Abril,2022

LEAL, B.S. Estéticas em Confluência. In: Leal, Bruno Souza. **Introdução às narrativas jornalísticas**. Porto Alegre: Sulina, 2022. p.74-98

LEAL, B.S. O jornalismo anda de carro? In: LEAL, B.S.; ANTUNES, E.; VAZ, P.B. **Para entender o Jornalismo**. Belo Horizonte: Biblioteca Universitária Autêntica, 2014.p.117-127.

LEAL, B.S. O realismo em tensão: reflexões a partir da morte como acontecimento nas narrativas jornalísticas. In: BERGER, Christa; HENN, Ronaldo; MAROCCO, Beatriz. **Jornalismo e acontecimento: diante da morte**. Florianópolis: Insular, V.3, 2012. p.91-109.

LEIROZ, F. P.; SACRAMENTO, I.: Cronopatia da Intimidade Catastrófica: testemunhos sobre a Covid-19 no Jornal Nacional. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol 34, nº 73, p.384-404, Maio-Agosto 2021

LOPES, L.S: Televisão pública e modelos de financiamento: análise do caso brasileiro. **Revista Eptic**, v. 17, n. 1, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/epitic/article/view/3342/pdf>. Acesso em jun.2024.

MATTOS, S.: **Um Perfil da TV Brasileira: 40 ANOS DE HISTÓRIA (1950-1990)**, Editora A TARDE, 1990. Disponível em: <https://andi.org.br/documento/um-perfil-da-tv-brasileira-40-anos-de-historia-1950-1990/> Acesso em jul.2023

MEDITSCH, E.B.V. Os múltiplos framings do acontecimento no jornalismo. In VOGEL, D.; MEDITSCH, E.; SILVA, G. (orgs) **Jornalismo e Acontecimento; tramas conceituais** (V. 4) Florianópolis: Insular, 2013, p.17-29.

MENDONÇA, R.F; SIMÕES, P.G. Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito, **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.27, n.79, jun/2012, p.187-235. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/ptZ9Qp9Qn7n7PdZDJZZXv3L/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 de out.2022

MICHELI, Raphaël; "Las emociones como objetos de construcciones argumentativas". **Revista Versión** [en línea]. Junio 2011, No. 26. Disponível em: < http://version.xoc.uam.mx/index.php?option=com_content&view=article&id=24&Itemid=9 >. Acesso em: 15 set. 2013. p.141-166.

MICHELLI, Raphaël. **Les émotions dans le discours** : modèle d'analyse, perspectives empiriques. Bruxelles: De Boeck, 2014.

MICHELI, Raphaël. Essai D'une Typologie Des Modes De Sémiotisation De L'émotion. Tradução de CAVALCANTE, M.M; OLIVEIRA, R.L; FERNANDES, J.O. **Revista de Letras**. no. 41 - vol. (1) - jan./jun. - 2022 Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/revletras/article/view/81103> Acesso junho 2024

MIGUEL, L.F. O Jornalismo como sistema perito. **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP, São Paulo, 11(1): 197-208, maio de 1999

MIGUEL, L.F. O jornalismo no novo ambiente comunicacional: uma reavaliação da noção do "jornalismo como sistema perito". **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v.34, n.2, p.195-216, Maio-Agosto.2022.

MOTTA, L.G: A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística. **Anais Intercom** (São Paulo) 2005. Disponível em: <https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf>. Acesso em: 20 Abril 2024.

MOUILLAUD, Maurice. A crítica do acontecimento ou o fato em questão. In: MOUILLAUD, Maurice & PORTO, Sérgio Dayrell (org.). **O jornal da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 1997.

NEGRINI, M.; DALMASO, S. C. Coronavírus e Telejornalismo: as diferentes temporalidades que perpassam as rotinas do Fantástico. In: **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 43., 2020, Virtual.

NÖTH, W; GURICK, A. A teoria da informação de Charles Peirce. In: **Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**. São Paulo 5/2011, p.4-29. Disponível em:https://www.pucsp.br/pos/tidd/teccogs/artigos/2011/edicao_5/1-

teoria_da_informacao_de_charles_sanders_peirce-winfried_noth-amaral_gurick.pdf Acesso em: abril, 2024.

QUÉRÉ, L. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos**. Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, n.6, p.59-75, 2005.

PANTTI, Mervi. The value of emotion: An examination of television journalists' notions on emotionality. **European Journal of Communication**, 2010, p. 168-180. Disponível em: 10.1177/0267323110363653. Acesso em: 01 jun 2022.

PANTTI, Mervi; WAHL-JORGENSEN, Karin.. Journalism and Emotional Work, **Journalism Studies** 2021 p.1567-1573. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/1461670X.2021.1977168>. Acesso em: 02 jun.2021

PASSOS, Marcelo. **Manual de Procedimentos para o Jornalismo Público**. 1ª Ed. Belo Horizonte: Rede Minas, 2002.

PINTO, C. F. J. **Cães, indignados e indignos**: o pathos da indignação no discurso jornalístico. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, p. 266. 2015.

PINTO, C. F. J. O jornalismo pode fazer rir ou chorar? LEAL, B.S.; ANTUNES, E.; VAZ, P.B. **Para entender o Jornalismo**. Belo Horizonte: Biblioteca Universitária Autêntica, 2014.p. 161-167.

PRIOLLI, G.: A TV Pública é Importante? **Revista Cult**, São Paulo, Ano10.n.115, p.49-52, jul 2007. Disponível <https://revistacult.uol.com.br/home/a-tv-publica-e-importante/> Acesso em 05 Jul. 2023

RETORNO do Brasil ao Mapa da Fome da ONU preocupa senadores e estudiosos. **Agência Senado**, Brasília, 14 de outubro de 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2022/10/retorno-do-brasil-ao-mapa-da-fome-da-onu-preocupa-senadores-e-estudiosos> Acesso: 06 de agosto.2023

RIBEIRO, A. P. G.; SACRAMENTO, I.; BORGES, W.C.; MELO, A. A catástrofe como tragédia: da metononímia à sinonímia. In: MAIA, J.; BERTOL, R.; VALLE, F.; MANNA, N. **Catástrofes e Crises do Tempo**: historicidades dos processos comunicacionais. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2020. p.53-79. Disponível em: <https://seloppgcomufmg.com.br/publicacao/catastrofes-e-crisis-do-tempo/>. Acesso: 16 de jul, 2022.

RIBEIRO, A.P.G; SACRAMENTO,I.: O repórter e a reportagem na TV: a cobertura do atentado contra o Charlie Hebdo. In.: **Significação**, São Paulo, v. 46, n. 51, p. 59-77, jan-jun. 2019

SACRAMENTO, I.: A melodramatização da pandemia: a Covid-19 e as dinâmicas de representação do inimigo. In: Marialva Barbosa; Igor Sacramento (org.). **Vozes Consoantes**: comunicação e cultura em tempos de pandemia. 1.ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020. p.116-131

SANTAELLA, Lucia. **A Teoria Geral dos Signos**. Como as Linguagens Significam as Coisas. Ed. Pioneira. São Paulo, 2004.

SIFUENTES, L.; RIBAS, J.V.; ALMEIDA, C.F.; GUILHERMANO, F. Transformações nas rotinas produtivas na televisão pública: o trabalho dos jornalistas da TVE-RS durante a pandemia de Covid-19 In: **Lumina**. Juiz de Fora: PPGCOM UFJF, 2021, v.15, n.3, p.128-145, set/dez.2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/35684>. Acesso em: 26 de out.2022

SILVA, T. Acontecimento e problemas públicos: elementos para uma crítica da cobertura jornalística, **Revista Rumores**, São Paulo, v.12, n.23, jan/jun, 2018, p.83-105. Disponível em: DOI:10.11606/issn.1982-677X.rum.2018.144927 Acesso em: 18 Julho, 2022

SIMÕES, P. Celebidades, comoção e indignação públicas. **Revista Eco-Pós**, v. 25, n. 2, p.73-90, 2022. DOI:10.29146/ecops.v25i2.27878. Acesso em Agosto 2023.

SIQUEIRA, F.; DIAS, G. A Rotina dos Produtores de TV na Pandemia: A Atuação das Fontes na Coprodução de Conteúdo Jornalístico. In.: **Novos Olhares**, 2021, v. 10, n.2: jul-dez/2021. Disponível em: DOI: 10.11606/issn.2238-7714.no.2021.189975. Acesso em: agosto 2023.

SIQUEIRA, F.; DIAS, G.; BANDEIRA, J. Telejornalismo e pandemia: as mudanças nas rotinas produtivas na redação da TV Correio In.: SIQUEIRA, Fabiana; monteiro, Patrícia (orgs.) **Jornalismo em tempos de pandemia reconfigurações na TV e na Internet**. 1.ed. João Pessoa: Editora UFPD, 2020. p.144-186.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

THOMÉ, C.; REIS, M.A. Emoção editorializada como estratégia narrativa no telejornalismo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO, 45, 2022, Paraíba. **Anais** [...] Paraíba: Intercom, 2022. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0810202221021062f4470215f04> Acesso em julho 2023

THOMÉ, C.; REIS, M.A. Reconfiguração do telejornalismo regional mineiro frente à pandemia do Covid-19. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 18, 2020, remoto. **Anais**[...]: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2020. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2020/paper/view/2580/1454> Acesso em: agosto 2023.

TORRES, R.M.M.: Televisão pública no Brasil: estudo preliminar sobre suas múltiplas configurações, **Revista Contemporânea**, Rio de Janeiro, v.7, n.1, p.27-39, 2009. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/347/306> Acesso em 07 de Jul.2023

VAZ, Paulo Bernardo. Lições de morte nos jornais. In: BERGER, Christa,; HENN, Ronaldo; MAROCCO, Beatriz. **Jornalismo e acontecimento**: diante da morte. Florianópolis: Insular, V.3, 2012.

VIZEU, A.; SIQUEIRA, F. C. (2009). O telejornalismo: O lugar de referência e a revolução das fontes [Trabalho apresentado]. **7º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, São Paulo, SP, Brasil.

VOGEL, D. O acontecimento jornalístico e as condições da experiência. In VOGEL, D.; MEDITSCH, E.; SILVA, G. (orgs) **Jornalismo e Acontecimento; tramas conceituais** (V. 4) Florianópolis: Insular, 2013, p.65-83

7. Anexos

Anexo 1



Anexo 2

Lista de matérias jornalísticas

DATA	LINK	SITUAÇÃO	TEMPO DE DURAÇÃO	DESCRIÇÃO MATÉRIAS E OBSERVAÇÕES
26/2/2020	https://www.youtube.com/watch?v=Pkd43pMDCgw indisponível no youtube - facebook https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=134604407861942	Zwes deletado	00:06:14	Primeiro caso covid brasil- Noticia já aparece na escalada. Cobertura inteiramente usando imagens de internet; população fora do brasil. Matéria pede para evitar pânico.
26/2/2020	https://www.youtube.com/watch?v=Pkd43pMDCgw indisponível no youtube - facebook https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=134604407861942	Zwes deletado	00:01:18	matéria de rede TV Cultura sobre o que é o coronavírus.
5/3/2020	https://www.youtube.com/watch?v=sR-vbtN1NpM	Zwes deletado	00:01:15	nota seca confirma transmissão comunitária brasil
09/03/2020	https://www.youtube.com/watch?v=0TxMPJl3b_0 - indisponível no youtube e facebook	Zwes deletado	00:03:40	Escalada. CONFIRMA PRIMEIRO CASO COVID EM MINAS (Divinópolis). Matéria de Rede - TV Candidés + matéria colada com secretário de saúde Carlos Amaral
9/3/2020	https://www.youtube.com/watch?v=0TxMPJl3b_0	Zwes deletado	00:01:04	Loc off relacionando coronavírus e mercado financeiro
11/3/2020	https://www.youtube.com/watch?v=2pDT-ArVpMg	Zwes deletado	00:01:02	Escalada - loc off pandemia de coronavírus é decretada. Impacto mercado financeiro, casos.
11/3/2020	https://www.youtube.com/watch?v=2pDT-ArVpMg	Zwes deletado	00:02:34	matéria cuidado saúde idosos - se fala de grupos prioritários
13/3/2020	https://www.youtube.com/watch?v=1FUd-kspQ3s	Zwes deletado	00:01:45	Governo de Minas decreta situação de emergência em saúde pública. Partida de futebol sem público
13/3/2020	https://www.youtube.com/watch?v=1FUd-kspQ3s	Zwes deletado	00:02:09	ALMG restringe acesso população devido a pandemia. *** INTERPROGRAMAÇÃO DA REDE MINAS NO JORNAL INCLUI PREVENÇÃO CORONAVIRUS
13/3/2020	https://www.youtube.com/watch?v=1FUd-kspQ3s	Zwes deletado	00:03:31	Matéria especial: Saiba o que é uma pandemia
13/3/2020	https://www.youtube.com/watch?v=1FUd-kspQ3s	Zwes deletado	00:01:49	Matéria de rede: isolamento social com personagem que tosse ao final da sonora- Ministério da saúde decreta critérios para isolamento
17/3/2020	https://www.youtube.com/watch?v=1WAlbHUXl8w indisponível youtube https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=1336389533223048	Zwes deletado	00:00:22	Escalada. BH registra primeiros casos transmissão comunitária. NS-PRIMEIRA MORTE BRASIL - personifica paciente.- Nota Seca
17/3/2020	https://www.youtube.com/watch?v=1WAlbHUXl8w	Zwes deletado	00:00:59	Vivo da cidade Administrativa atualizando número de casos, mostra relevância do assunto novo (depois isso virou boletim)
17/3/2020	https://www.youtube.com/watch?v=1WAlbHUXl8w	Zwes deletado	00:02:53	VT- Fortalece imunidade contar Coronavirus
17/3/2020	https://www.youtube.com/watch?v=1WAlbHUXl8w	Zwes deletado	00:03:05	VT - Impacto Coronavirus mercado financeiro e economia

17/3/2020	https://www.youtube.com/watch?v=1WAlbHUXI8w	Zwes deletado	00:02:34	NC + sonora Kalil - Pandemia é guerra (medidas adotadas em BH - teletrabalho servidores)
17/3/2020	https://www.youtube.com/watch?v=1WAlbHUXI8w	Zwes deletado	00:06:25	VIVO Entrevista ESTUDIO Dirceu Greco - Dúvidas Pandemia
20/3/2020	https://www.youtube.com/watch?v=aacSPjL414	Zwes deletado	00:00:20	Escalada. NS Decreto calamidade pública no estado, fechamento de divisas
20/3/2020	https://www.youtube.com/watch?v=aacSPjL414	Zwes deletado	00:05:50	VT- Epidemia Cruzada (dengue e covid)
20/3/2020	https://www.youtube.com/watch?v=aacSPjL414	Zwes deletado	00:02:33	VT - Passa a valer decreto fecha comércio BH- alguns desrespeitam. Repórter fala de sobrevivência
20/3/2020	https://www.youtube.com/watch?v=aacSPjL414	Zwes deletado	00:01:36	VT - Mineiros no Exterior (depoimento/testemunhal mostra supermercados com desabastecimento-situação de caos)
25/3/2020	https://www.youtube.com/watch?v=vYYUnmOmtok	Zwes deletado	00:05:15	VT REPERCUTE JAIR BOLSONARO "Gripezinha"
25/3/2020	https://www.youtube.com/watch?v=vYYUnmOmtok	Zwes deletado	00:02:08	VT- Isolamento social no exterior - depoimento de mineiro "siga a ciência"
25/3/2020	https://www.youtube.com/watch?v=vYYUnmOmtok	Zwes deletado	00:02:22	VT - ESTREIA QUADRO "FATO OU FAKE" CORONAVÍRUS
25/3/2020	https://www.youtube.com/watch?v=vYYUnmOmtok	Zwes deletado	00:02:21	VT- Quarentena Cultura (Live grupo Corpo)
25/3/2020	https://www.youtube.com/watch?v=vYYUnmOmtok	Zwes deletado	00:01:44	VT- Contaminação de Solidariedade - campanha de distribuição de Cestas básicas BH
30/3/2020	https://www.youtube.com/watch?v=mQ0jP45Nyew	Zwes deletado	00:00:36	NS- PRIMEIRA MORTE COVID MINAS
30/3/2020	https://www.youtube.com/watch?v=mQ0jP45Nyew	Zwes deletado	00:00:47	3X4- Amplia testagem Minas
30/3/2020	https://www.youtube.com/watch?v=mQ0jP45Nyew	Zwes deletado	00:04:28	VT- Entrevista exclusiva Zema -condução da pandemia - gravada
30/3/2020	https://www.youtube.com/watch?v=mQ0jP45Nyew	Zwes deletado	00:01:25	3X4 - Ajuda casa dos meninos doações
30/3/2020	https://www.youtube.com/watch?v=mQ0jP45Nyew	Zwes deletado	00:03:21	VT- Economia Solidaria e Criativa - mostra comerciantes tendo iniciativas criativas pra evitar disseminação vírus
30/3/2020	https://www.youtube.com/watch?v=mQ0jP45Nyew	Zwes deletado	00:00:20	NS- Suspende velório em BH
30/3/2020	https://www.youtube.com/watch?v=mQ0jP45Nyew	Zwes deletado	00:02:03	VT- Fato ou Fake - Chineses não criaram o coronavírus (preconceito)
30/3/2020	https://www.youtube.com/watch?v=mQ0jP45Nyew	Zwes deletado	00:04:30	VT- História que ensina - VT gripe espanhola (Carlos)
31/3/2020	https://www.youtube.com/watch?v=gz6R46au_70 indisponível - https://www.facebook.com/jornalminas/videos/644238639700513/	Zwes deletado	00:05:44	VT- Falta equipamentos de proteção para profissionais da saúde (VT INVESTIGATIVO)
31/3/2020	https://www.youtube.com/watch?v=gz6R46au_70	Zwes deletado	00:04:06	VT- Redescobrimo o comércio - iniciativas criativas pra amenizar prejuízos
31/3/2020	https://www.youtube.com/watch?v=gz6R46au_70	Zwes deletado	00:03:01	VT- Memes Coronavírus - um pouco de humor pra encarar a pandemia - VT de Rede, Patos de Minas NTV
2/4/2020	https://www.youtube.com/watch?v=dwpAJlc0K-M	Zwes deletado	00:03:37	VT Repercute Uso máscara para além de profissionais da saúde, fala em máscaras de pano.

2/4/2020	https://www.youtube.com/watch?v=dwpAJlc0K-M	Zwes deletado	00:06:40	VIVO ESTÚDIO - Redução Salário e jornada
2/4/2020	https://www.youtube.com/watch?v=dwpAJlc0K-M	Zwes deletado	00:05:51	VT- Coronavirus impacta renda na favela
2/4/2020	https://www.youtube.com/watch?v=dwpAJlc0K-M	Zwes deletado	00:03:35	VT NERVOS À FOLR DA PELE (fala de ansiedade)
13/4/2020	https://www.youtube.com/watch?v=r3brvCFiOEc - COLOCADO COMO PRIVADO	Zwes deletado	00:00:35	NS- caracteriza três últimos mortos pela covid
13/4/2020	https://www.youtube.com/watch?v=r3brvCFiOEc	Zwes deletado	00:03:31	VT- LAPADA Coletiva da Saúde (isso passa a acontecer todos os dias)
13/4/2020	https://www.youtube.com/watch?v=r3brvCFiOEc	Zwes deletado	00:01:41	3x4- Visita Ministro Ciência e Tecnologia- comenta busca de medicamentos já existentes para tratar covid
13/4/2020	https://www.youtube.com/watch?v=r3brvCFiOEc	Zwes deletado	00:03:53	VT- MEC autoriza ensino remoto em instituições de ensino superior
13/4/2020	https://www.youtube.com/watch?v=r3brvCFiOEc	Zwes deletado	00:04:12	VT- SAÚDE MENTAL TRABALHADORES DA SAÚDE- tom é diferente do apresentado pela matéria (mais a frente)
17/4/2020	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=1596500480517915	Zwes deletado	00:01:49	VT- ANUNCIA USO OBRIGATÓRIO DE MÁSCARAS EM LOCAIS PÚBLICOS
17/4/2020	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=1596500480517915	Zwes deletado	00:00:46	3x4- BOLSONARO ANUNCIA NOVO MINISTRO DA SAÚDE - NELSON TEICH- TOMA POSSE - só temos Jm1 no youtube
29/4/2020	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=165882334750425	zews deletado	00:04:36	VT- Favela Solidária
29/4/2020	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=165882334750425	Zwes deletado	00:04:43	VT- FIQUE POR DENTRO -explica achatamento da curva -VT do JM2 mas não subiram youtube. Assistir a reprise no JM1 do dia seguinte.
1/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=x8ZoFjxB10Y	Zwes deletado	00:03:39	VT- Impacto Coronavirus na economia
1/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=x8ZoFjxB10Y	Zwes deletado	00:08:36	VIVO ESTÚDIO -Protocolos abertura comércio (CRISTINA ALVIM UFMG - PRESENCIAL) saúde X economia
1/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=x8ZoFjxB10Y	Zwes deletado	00:04:17	VT- Sorrir para viver - benefícios do sorriso (matéria de rede _ NTV Patos de Minas
1/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=x8ZoFjxB10Y	Zwes deletado	00:01:30	EDITORIAL (para subir ficha "olhos janelas da alma")
4/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=oMrzXNmBiVo	Zwes deletado	00:04:33	VT- MORTE EM TEMPOS DE PANDEMIA - fala sobre luto
4/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=oMrzXNmBiVo	Zwes deletado	00:02:13	VT- Flexibiliza comércio BH (retomada gradual)
6/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=cZZYNspPnoE	Zwes deletado	00:04:35	VT- Futuro da Educação
6/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=cZZYNspPnoE	Zwes deletado	00:04:46	VT- Como auxiliar comerciantes a sobreviverem. mostra iniciativa Sebrae
6/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=cZZYNspPnoE	Zwes deletado	00:05:55	HANGOUT CRISTINA ALVIN (DEIXA DE VIR PRESENCIAL) -
6/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=cZZYNspPnoE	Zwes deletado	00:01:17	VT- Lapada Coletiva
6/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=cZZYNspPnoE	Zwes deletado	00:04:46	VT- História dos Vírus (matéria especial)

7/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=j0My22rSrRs	Zwes deletado	00:03:50	VT - MARCHA PELA CIÊNCIA VIRTUAL
7/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=j0My22rSrRs	Zwes deletado	00:00:20	NS-RACKERS INVADEM REUNIÃO CIÊNCIA " ciência sempre segue em frente"
7/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=j0My22rSrRs	Zwes deletado	00:02:56	VT- Lapada Coletiva Saúde
7/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=j0My22rSrRs	Zwes deletado	00:00:34	3x4 - Inflação alimentos
7/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=j0My22rSrRs	Zwes deletado	00:02:01	VT- Barreiras Sanitárias sul de Minas (matéria Rede - TV de Andradas)
7/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=j0My22rSrRs	Zwes deletado	00:03:36	VT- Impacto setor hoteleiro - "corredores vazios..."
7/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=j0My22rSrRs	Zwes deletado	00:06:58	VT HISTÓRIA DOS VIRUS EP.2
7/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=j0My22rSrRs	Zwes deletado	00:00:43	NS- ANUNCIA CAMPANHA ENVIE SEU VÍDO PARA SUA MÃE (pra veicular dia das mães)
8/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=qR665aV-22s privado https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=662942824559943 colocado privado	Zwes deletado	00:03:06	VT- Queda venda Dia das Mães - fala de carinho, de estar próximo
8/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=qR665aV-22s	Zwes deletado	00:01:14	VIDEOS CAMPANHA DE HOMENAGEM AS MÃES
8/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=qR665aV-22s	Zwes deletado	00:06:36	VT- capacidade UTIs Minas - situação ainda confortável perante resto do país
8/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=qR665aV-22s	Zwes deletado	00:01:46	VÍDEOS HOMENAGENS MÃES
11/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=HAesKeu0Kfg	Zwes deletado	00:02:35	VT - lapada Coletiva Saúde - atualiza previsão pico coronavirus (1ª onda)
11/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=HAesKeu0Kfg	Zwes deletado	00:04:42	TCU pede adiamento Enem no dia em que inscrições são abertas - matéria repercute desigualdade entre alunos
11/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=HAesKeu0Kfg	Zwes deletado	00:03:43	VT- Comerciantes pedem antecipação da reabertura comercio em BH. Kalil nega
11/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=HAesKeu0Kfg	Zwes deletado	00:02:37	VT- Flexibilização X Lockdown - mostra região metropolitana com bares lotados
11/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=HAesKeu0Kfg	Zwes deletado	00:02:12	VT- Drama dos catadores de recicláveis devido à pandemia
11/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=HAesKeu0Kfg	Zwes deletado	00:07:48	VT- FIQUE POR DENTRO explica testes e importância testagem
12/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=haE4qomzLU4 link youtube é jm1 https://business.facebook.com/latest/posts/published_posts?asset_id=292677487494945	Zwes deletado	00:05:14	VT- SEMANA DA ENFERMAGEM- mostra rotina de luta dos enfermeiros- matéria bem focada em depoimentos e vídeos feitos pelas fontes- link JM1 do dia seguinte
14/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=TN9Hs3BbXmg link privado - https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=240774936986711	Zwes deletado	00:03:57	VT- Isolamento pesa mais para mulheres - mostra pesquisa de sobrecarga das mulheres - link edição JM1 reprise, já que JM2 não subiu.
14/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=TN9Hs3BbXmg	Zwes deletado	00:00:57	3X4- Secretário de Saúde Carlos Amaral em Coletiva - Internações no interior
14/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=TN9Hs3BbXmg	Zwes deletado	00:06:30	VT- Fique por Dentro - Hidroxicloroquina

15/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=-Wk8UF0AuQU	Zwes deletado	00:03:25	VT- Cresce serviço Delivery no comércio - NESTA EDIÇÃO NÃO SE FALA DA SAIDA DE NELSON TEICH
15/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=-Wk8UF0AuQU	Zwes deletado	00:01:19	3X4 - Zema - queda arrecadação no estado - crise financeira e pedido de ajuda gov. federal
15/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=-Wk8UF0AuQU	Zwes deletado	00:00:53	3X4 - Zema fala sobre bloqueio de ônibus vindo do interior para BH- critica a kalil
15/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=-Wk8UF0AuQU	Zwes deletado	00:02:04	VT- LAPADA Coletiva da Saúde
15/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=-Wk8UF0AuQU	Zwes deletado	00:01:36	VT- Hospital João de Deus em Sabará será reaberto- REGIONALIZAÇÃO
15/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=-Wk8UF0AuQU	Zwes deletado	00:02:00	VT- Previsão de abertura hospital de Campanha do governo de minas é para final de abril (mostra leitos chegando)
15/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=-Wk8UF0AuQU	Zwes deletado	00:01:10	3x4- Doação para compra de respiradores Cemig
15/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=-Wk8UF0AuQU	Zwes deletado	00:01:13	VT- TV Cultura mostrando idoso inglês de 99 anos que faz campanha para compra de respiradores para Inglaterra- uso de matéria como exemplo
20/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=8JtbxOr4HpA - Privado	Zwes deletado	00:02:29	VT- Homens se infectam mais com coronavírus que mulheres
20/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=8JtbxOr4HpA	Zwes deletado	00:06:47	VIVO- HANGOUT Flávio Fonseca - comenta possibilidade de vacinas e ineficiência da cloroquina
20/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=8JtbxOr4HpA	Zwes deletado	00:03:30	VT- Socorro aos pequenos negócios - dificuldade dos empreendedores conseguirem crédito
20/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=8JtbxOr4HpA	Zwes deletado	00:02:09	VT- Socorro aos pequenos negócios - dificuldade dos empreendedores conseguirem crédito
22/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=w3qWmEb3SNg - COLOCADO PRIVADO	Zwes deletado	00:04:23	VT- Inicio retomada comércio BH previsto para segunda - mostra regras
22/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=w3qWmEb3SNg	Zwes deletado	00:02:58	VT - Secretário de estado de saúde fala de pico da covid adiado para 10 de junho devido a adesão isolamento
22/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=w3qWmEb3SNg	Zwes deletado	00:03:44	VT- Autistas na quarentena
22/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=w3qWmEb3SNg	Zwes deletado	00:03:36	VT- Situação circo na pandemia
22/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=w3qWmEb3SNg	Zwes deletado	00:02:25	VT- editorial DIA DO ABRAÇO (Crônica)
26/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=-IO5LTESA3o privado https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=241695207273207	Zwes deletado	00:02:07	VT- Contaminação por corona na escola de catetes de Barbacena (TV de redação) - mostra que militares não estão seguindo protocolos
26/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=-IO5LTESA3o	Zwes deletado	00:05:31	VIVO HANGOUT - Interiorização da Pandemia
26/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=-IO5LTESA3o	Zwes deletado	00:06:25	VT- Fique por Dentro Avanço do Desemprego na pandemia
26/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=-IO5LTESA3o	Zwes deletado	00:01:59	STAND UP -Bolsa Merenda do Governo do estado
26/5/2020	https://www.youtube.com/watch?v=-IO5LTESA3o	Zwes deletado	00:03:00	VT- REDE: Cooperativismo entre produtores de queijo em Patos de Minas é estratégia para driblar a crise econômica

5/6/2020	https://www.youtube.com/watch?v=CTvvWByQSP0	Zwes deletado	00:02:26	VT- Isolamento cai em Minas (38%). Matéria mostra situação preocupante interior do estado
5/6/2020	https://www.youtube.com/watch?v=CTvvWByQSP0	Zwes deletado	00:02:14	3X4- Situação dos Leitos em Ipatinga - 100% de ocupação
5/6/2020	https://www.youtube.com/watch?v=CTvvWByQSP0	Zwes deletado	00:03:46	VT - 2º etapa de flexibilização do comércio em BH
5/6/2020	https://www.youtube.com/watch?v=CTvvWByQSP0	Zwes deletado	00:05:38	VT- Fenômenos das Lives chama atenção para a presença das libras e importância da inclusão
5/6/2020	https://www.youtube.com/watch?v=CTvvWByQSP0	Zwes deletado	00:03:50	VT- EDITORIAL: DIA DO MEIO AMBIENTE - RELAÇÃO DO CORONAVIRUS TER NOS COLOCADO DENTRO DA CASA - valorizar as coisas quando se perde
12/6/2020	Só tem no facebook https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=708072579974566	Zwes deletado	00:04:06	VT- Amor na pandemia - Dia dos Namorados
12/6/2020	Só tem no facebook https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=708072579974566		00:06:20	Fique por dentro: Imunidade de Rebanho e apagão de dados Ministério da Saúde
12/6/2020	Só tem no facebook https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=708072579974566	Zwes deletado	00:02:41	VT- Músico brasileiro dá aulas pela internet nos estados unidos- Repórter FAZ PASSAGEM COM FILHOS em casa E TERMINA VT "MÚSICA SALVA"
19/6/2020	https://www.youtube.com/watch?v=EpbY17_K2Tg	Zwes deletado	00:04:44	VT- Percepções do Tempo durante a pandemia
6/7/2020	https://www.youtube.com/watch?v=yuEtlqcZy0	Zwes deletado	00:05:04	VT- GIRO INTERIORIZAÇÃO PANDEMIA (SUPER COMPLETO) colaboração redes
7/7/2020	https://www.youtube.com/watch?v=wT41A1-_ryl privado https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=274546053975050	Zwes deletado	00:03:45	VT-Comerciantes desrespeitam decreto e abrem estabelecimentos Ribeirão das Neves - flagrantes
7/7/2020	https://www.youtube.com/watch?v=wT41A1-_ryl	Zwes deletado	00:01:15	3X4 - protocolos lockdown - estado fica de anunciar regras
7/7/2020	https://www.youtube.com/watch?v=wT41A1-_ryl	Zwes deletado	00:02:30	VT- BOLSONARO COM COVID
7/7/2020	https://www.youtube.com/watch?v=wT41A1-_ryl	Zwes deletado	00:01:44	VT- Betim ganha novo centro médico
13/7/2020	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=865138010684036	zews deletado	00:01:12	LOC OFF- Abre Hospital Campanha no Expominas
13/7/2020	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=865138010684036	zews deletado	00:07:35	VT- Fique por dentro _ Covid nas prisões
20/7/2020	https://www.youtube.com/watch?v=gJ3cf39eBjl privado no face tb https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=734117117352633	Zwes deletado	00:02:37	VT- Crise dos camelôs na feira de Contagem (pedem auxílio da prefeitura)
20/7/2020	https://www.youtube.com/watch?v=gJ3cf39eBjl	Zwes deletado	00:02:15	VT- Barreiras sanitárias no Move BH
20/7/2020	https://www.youtube.com/watch?v=gJ3cf39eBjl	Zwes deletado	00:01:36	VT - Lapada Coletiva Saúde platô de casos
20/7/2020	https://www.youtube.com/watch?v=gJ3cf39eBjl	Zwes deletado	00:07:38	VT - Corrida pela vacina no mundo (Oxford)

20/7/2020	https://www.youtube.com/watch?v=gJ3cf39eBjl	Zwes deletado	00:03:36	VT- Quadrinista de BH - Celton_ se reinventa na pandemia
20/7/2020	https://www.youtube.com/watch?v=gJ3cf39eBjl	Zwes deletado	00:01:48	VT- EDITORIAL DIA DO AMIGO
6/8/2020	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=594783311398238	Zwes deletado	00:03:46	VT 1° DIA REABERTURA COMÉRCIO BH - em sonora final a entrevistada chama de "irresponsável" quem sai as ruas sem motivo
6/8/2020	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=594783311398238	Zwes deletado	00:02:36	3x4 - Betim mesmo na onda vermelha flexibiliza comércio
10/8/2020	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=636049963706848	zews deletado	00:03:28	VT-TRAGÉDIA BRASILEIRA (100 mil mortes Brasil) - cabeça bem emotiva e matéria também - fala que número de mortes é o mesmo que se 68 cidades desaparecerem
10/8/2020	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=636049963706848	zews deletado	00:06:18	VIVO - Hangout repercute 100 mil mortes
10/8/2020	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=636049963706848	Zwes deletado	00:03:35	VT- MULHERES NA CRISE DA PANDEMIA
10/8/2020	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=636049963706848	Zwes deletado	00:04:23	VT- Coronavirus pelo interior de minas
10/8/2020	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=636049963706848	Zwes deletado	00:04:31	VT- Sonho Olímpico Adiado
13/8/2020	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=944827135926498 - não aproveitei nada	Zwes deletado	00:05:59	VT- Sequelas Covid
13/8/2020	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=944827135926498	Zwes deletado	00:03:31	VT - Soro produzido em cavalo tratamento covid
14/8/2020	https://www.youtube.com/watch?v=ITfAKdh0VYg PRIVADO link face tb privado https://business.facebook.com/latest/posts/published_posts?asset_id=292677487494945	Zwes deletado	00:03:37	VT- Intolerância pandemia - pessoas mais intolerantes e desrespeitando protocolos
25/8/2020	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=347774903047169 Não aproveite edição	Zews deletado	00:05:15	VT- Aulas sem previsão de retorno
25/8/2020	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=347774903047169	Zews deletado	00:02:44	VT- Cresce venda de móveis durante a pandemia
25/8/2020	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=347774903047169	Zews deletado	00:02:45	VT- Farmácia Solidária - mostra enfermeira que criou uma farmácia de recebimento e doação de remédios
26/8/2022	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=869603403446218	zews deletado	00:04:39	VT- Catadores sofrem sem renda devido a suspensão da coleta seletiva em BH
26/8/2020	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=869603403446218	zews deletado	00:05:13	VIVO- Hangout 6 meses de pandemia e 200 MIL CASOS CONFIRMADOS EM MINAS
26/8/2020	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=869603403446218	zews deletado	00:02:40	VT- Ajude a estudar - professor de futebol conserta e doa computadores a estudantes - iniciativa de solidariedade

26/8/2020	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=869603403446218	zews deletado	00:01:07	VT-ENCERRAMENTO FALANDO QUE VAI MOSTRAR CASOS DE RECUPERADOS DA COVID - depoimento de pessoas recebendo alta muito emocionadas
27/8/2020	https://www.youtube.com/watch?v=pVq0AJN9KfY PRIVADO EM AMBOS - https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=314779886607703	Zews deletado	00:02:14	VT- Consumo bebidas bares é liberado, reabre academias e clínicas de estética BH
27/8/2020	https://www.youtube.com/watch?v=pVq0AJN9KfY	Zews deletado	00:01:22	VT- Reabre setores do comércio em cidades que adotaram o Minas Consciente
27/8/2020	https://www.youtube.com/watch?v=pVq0AJN9KfY	Zews deletado	00:03:54	VIVO- HANGOUT Entrevistado nos estados unidos falando da Geopolítica da vacina
1/9/2020	https://www.youtube.com/watch?v=RuXjZ8ToY0	Zews deletado	00:08:46	VT 1 SÉRIE ESSENCIAL É SOBREVIVER
1/9/2020	https://www.youtube.com/watch?v=RuXjZ8ToY0	Zews deletado	00:04:18	ENTREVISTA GRAVADA - Brasil em Recessão devido a pandemia - queda do PIB
2/9/2020	https://www.youtube.com/watch?v=s0mFjW0WAz0	Zews deletado	00:07:56	VT2 SÉRIE ESSENCIAL É SOBREVIVER
2/9/2020	https://www.youtube.com/watch?v=s0mFjW0WAz0	Zews deletado	00:04:08	VT- mudanças hábitos alimentares pandemia
3/set	https://www.youtube.com/watch?v=HRg2WhrLP-4 AMBOS PRIVADOS https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=315754753018516	Zews deletado	00:08:20	VT 03 SÉRIE ESSENCIAL É SOBREVIVER
3/9/2020	https://www.youtube.com/watch?v=HRg2WhrLP-4	Zews deletado	00:02:01	VT- Onda verde permite novas cidades flexibilizarem
4/9/2020	https://www.youtube.com/watch?v=PVTq0eXdJ0M PRIVADO YOUTUBE https://business.facebook.com/latest/posts/published_posts?asset_id=292677487494945	Zews deletado	00:09:00	VT4 SÉRIE ESSENCIAL É SOBREVIVER (ultimo Vt) - cabeça subiu cortada
4/9/2020	https://www.youtube.com/watch?v=PVTq0eXdJ0M	Zews deletado	00:00:29	LOC OFF Bares e restaurantes abrem mas registram pessoas sem máscaras
10/9/2020	https://www.youtube.com/watch?v=SUMqv4hEJAY AMBOS PRIVADO https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=345135336897469	zews deletado	00:00:43	3X4 - Desmonta Hospital de Campanha Minas Gerais
18/9/2020	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=1069357170152697	zews deletado	00:07:39	VT- 70 anos da TV Brasileira
21/9/2020	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=3456687611111536 PRIVADO	zews deletado	00:05:27	HANGOUT GRAVADO - SUS completa 30 anos durante a pandemia
23/9/2020	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=1734860670004793 PRIVADO	zews deletado	00:04:50	VT-Governo anuncia autorização para retorno das aulas presenciais em escolas estaduais e particulares no estado (redação)

23/9/2020	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=1734860670004793	zews deletado	00:03:06	VT- Legado Pandemia - fala da enorme ampliação de leitos mas problematiza recursos para mantê-los operantes depois da pandemia
6/10/2020	https://www.facebook.com/watch/?v=839122926624931	zews deletado	00:06:01	VT- sobrevivemos - fala se página que conta histórias de quem sobreviveu ao covid em Minas
21/10/2020	https://www.youtube.com/watch?v=jPVRy6JYbc4	zews deletado	00:05:03	VT-Entrevista gravada Cresce Obesidade pandemia
21/10/2020	https://www.youtube.com/watch?v=jPVRy6JYbc4	Zews deletado	00:03:21	VT- Atletas pedem Bolsa esporte
22/10/2020	https://www.youtube.com/watch?v=B-P2CLvFhTc	Zews deletado	00:04:29	VT-Inflação pandemia
28/10/2020	https://www.facebook.com/watch/?v=1328509290828923	Zews deletado	00:05:54	VT- Série Seguro - Episodio 1- Novo Normal: garantia na incerteza (série foi premiada 1° lugar Fenacor)
28/10/2020	https://www.facebook.com/watch/?v=1328509290828923	Zews deletado	00:00:48	LOC OFF- Liberação de uso de provedores de roupa na capital - mostra as regras
28/10/2020	https://www.facebook.com/watch/?v=1328509290828923	zews deletado	00:04:07	VT - Uso de máscaras - medico é acusado de dar atestado para liberar pessoas do uso. Repercute diretos coletivos e individuais. Mostra quem deve usar a máscara. (VT Redação)
12/11/2020	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=368763117713980	zews deletado	00:05:32	HANGOUT AO VIVO - Apagão de dados do Ministério da Saúde sobre a Covid. Consequências da falta de dados
12/11/2020	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=368763117713980	zews deletado	00:02:45	VT- Aumento da população de rua em BH na pandemia
19/11/2020	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=192594572368457	zews deletado	00:03:07	VT- Covid volta a subir - secretário Carlos Eduardo Amaral descarta 2° onda mas desacelera desmontagem de leitos
19/11/2020	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=192594572368457	zews deletado	00:06:21	VIVO- Hangout repercute chegada das primeiras doses de Coronavac ao Instituto Butantan em SP - Qto a vacina está perto?
10/12/2020	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=1291860797842991 PRIVADO	zews deletado	00:01:15	VT-GIRO - Anvisa autoriza uso emergencial de vacina + 1° caso confirmado de reinfeção de coronavirus no brasil
10/12/2020	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=1291860797842991	zews deletado	00:07:07	VT- GENTE DO BEM - (17/12 tem novo episódio)
15/12/2022	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=830255901129045	zews deletado	00:01:14	3X4 - KALIL E DORIA se encontram - kalil fala de plano B para receber vacinas caso gov. federal não tome iniciativa (politização da vacina)
15/12/2020	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=830255901129045	zews deletado	00:04:29	VT- Futuro incerto para escolas particulares em BH - chega época de matrículas e elas ainda estão fechadas
22/12/2020	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=394932621767735	zews deletado	00:07:26	VIVO Hangout- Pandemia X Fim de ano Taxas de ocupação de leitos em BH e cidades de Minas preocupam (76% em BH)
22/12/2020	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=394932621767735	zews deletado	00:06:23	VT - Protocolos Natal - visita família que fala da expectativa par ao natal e monta mesa segura como infectologia Luana Araújo

22/12/2020	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=394932621767735	zews deletado	00:02:24	3X4 - depoimento de mineira que mora na Inglaterra e é enfermeira vacinada no dia do depoimento - fala que espera que parentes vacinem no brasil
28/12/2020	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=460593705319034	zews deletado	00:07:19	VT- EP 01 SÉRIE EFEITOS DA PANDEMIA impactos na economia - trilha muito impactante*
29/12/2020	BUSCAR SEGUNDO EPISODIO DA SERIE NO CEDOC			
5/1/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=394149808336277	zews deletado	00:06:26	VT - Fim do Auxílio Emergencial - ano começa com população ampliada na extrema pobreza - nota seguinte ao VT relata fala de Bolsonaro sobre país estar quebrado e ele não conseguir resolver a situação
6/1/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=724524775138162	zews deletado	00:03:09	VT - BH anuncia que voltará a fechar. A partir de segunda feira apenas comércio essencial pode ficar aberto. Ocupação de leitos UTI acima de 80%
6/1/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=724524775138162	zews deletado	00:06:55	VIVO - HANGOUT O IMPACTO DA COVID-19 NOS HOSPITAIS (Entrevistado é o Fábio Baccheretti , que na época é presidente da Fhemig- entrou ao vivo)
6/1/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=724524775138162	zews deletado	00:02:11	VT- COVID RMBH
07/01/2021	https://www.facebook.com/watch/?v=247147393455980	zews deletado	00:03:38	VT- EDITORIAL 200 MIL MORTES BRASIL
12/1/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=158974795721515	zews deletado	00:00:21	LOC OFF- Protesto de comerciantes pelo segundo dia consecutivo em BH contra fechamento do comércio
12/1/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=158974795721515	zews deletado	00:02:51	VT- Pandemia no Sul de Minas - toque de recolher
12/1/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=158974795721515	zews deletado	00:01:20	3X4 - Teste coronavac - Entra com vídeo pesquisadores Butantan
12/1/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=158974795721515	zews deletado	00:06:17	VIVO - HANGOUT Repercute Eficácia Coronavac - Fábio Fonseca - UFMG
12/1/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=158974795721515	zews deletado	00:00:18	NS-Pesquisa mostra que Medo foi o principal sentimento até o momento na pandemia
12/1/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=158974795721515	zews deletado	00:03:11	VT- Cuidados saúde mental
13/1/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=2914730772131092	zews deletado	00:05:50	VT- 10 meses de pandemia e profissionais da saúde estão esgotados - muitos depoimentos de personagens
18/01/2022	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=828810841037830	zews deletado	00:02:38	ABERTURA JORNAL COM VIVO Aeroporto confins CHEGADA PRIMEIRAS VACINAS MG
18/1/2020	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=828810841037830	zews deletado	00:06:10	ENTREVISTA GRAVADA sobre distribuição de vacinas - Fonte da USP
18/1/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=828810841037830	zews deletado	00:01:32	3X4 - BH prevê receber 60 mil doses das vacinas que chegarão

18/1/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=828810841037830	zews deletado	00:02:40	VIVO 2 -ENCERRA JORNAL - últimas informações e fala que ao logo da programação entraremos ao vivo com cerimônia de vacinação da primeira mineira -voz da repórter emocionada
18/1/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=232003255121061	zews deletado	00:20:00	TRANSMISSÃO EXTRA DA CHEGADA DAS VACINAS
10/2/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=475642103580775	zews deletado	00:05:46	VT- Queda doações
10/2/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=475642103580775	zews deletado	00:02:37	VT- Sem carnaval em Minas
11/2/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=478149686681140	zews deletado	00:00:59	VIVO - ampliação vacinação idosos - 86 a 88 anos BH
11/2/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=478149686681140	zews deletado	00:02:31	VT- Avanço vacinação em idosos benéficos
11/2/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=478149686681140	zews deletado	00:06:42	VIVO - Hangout MULHERES NA CIÊNCIA - Entrevistada Rosana Richtman - Fundação Emílio Ribas (comenta desafio das mulheres e feitos-sequenciamento genoma coronavirus em 48h)
16/2/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=1164849347286607	zews deletado	00:02:36	VT- Nova Cepa é confirmada (P1 - de Manaus) na região sudeste - Rio de Janeiro
16/2/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=1164849347286607	zews deletado	00:06:04	VIVO - HANGOUT O que se sabe sobre a cepa P1 - Carlos Starling
16/2/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=1164849347286607	zews deletado	00:07:09	VIVO - REPÓRTER DE PATOS DE MINAS sobre atualização da situação da pandemia e visita de comitiva da sec de estado de saúde à região
16/2/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=1164849347286607	zews deletado	00:01:30	EDITORIAL - Carnaval sem carnaval devido ao vírus
18/2/2021	https://www.youtube.com/watch?v=R5K5acwt25M	zews deletado	00:06:25	Série Ep. 01 - Comércio Ta on - criatividade para superar a crise
19/2/2021	https://www.youtube.com/watch?v=Sd6Uq3hARQw	zews deletado	00:06:12	Série Comércio Tá on - episódio 2 (é o último)
23/2/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=1124162548044145	zews deletado	00:04:16	VIVO com repórter de Patos de Minas sobre colapso de leitos no triangulo e alto Paranaíba
23/2/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=1124162548044145	zews deletado	00:02:16	VT- BH confirma primeiro caso de Covid-19 em animais (cachorro)
23/2/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=1124162548044145	zews deletado	00:01:41	3X4 - Variante Britânica do Coronavírus é confirmada em Minas e em outros 7 estados
23/2/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=1124162548044145	zews deletado	00:04:59	VT- Familiares de pessoas com Síndrome de Down iniciam campanha para a inclusão dessas pessoas em grupo prioritário de vacinação
25/2/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=1049633212188624	zews deletado	00:03:23	VIVO - REPÓRTER DE MONTES CLAROS sobre situação na região - toque de recolher na cidade, colapso de leitos

25/2/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=1049633212188624	zews deletado	00:01:49	3X4 - DEPOIMENTO DE ENFERMEIRA SOBRE SITUAÇÃO EM PATROCÍNIO - ela para de trabalhar para gravar - ("guerra , caos")
25/2/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=1049633212188624	zews deletado	00:00:26	LOC OFF ENCERRAMENTO - Dois casais se casam em asilo em contagem durante a pandemia, separados das famílias
26/2/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=341934823756989	zews deletado	00:01:02	STAND UP- Colapso leitos Alto Paranaíba
26/2/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=341934823756989	zews deletado	00:05:07	VT- UM ANO DE PANDEMIA (Retrospectiva)
2/3/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=906852023408013	zews deletado	00:02:58	VT- Lojistas preocupados com alta da Covid temem terem que fechar as portas novamente - povo fala comerciantes e CDL fala que problema são festas clandestina comercio
2/3/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=906852023408013	zews deletado	00:01:40	3X4 - Variante identificada no Rio de Janeiro chega a Minas. Características Variante com Renan Pedra
2/3/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=906852023408013	zews deletado	00:00:41	3X4- Romeu Zema comenta encontro com Bolsonaro - fala que Gov. federal se comprometeu a conseguir mais vacinas mas se isso não correr Minas está preparada para agir.
2/3/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=906852023408013	zews deletado	00:03:31	VT - GIRO de Stand ups sobre Pandemia no Estado (diversos repórteres contam situação nas cidades)
2/3/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=906852023408013	zews deletado	00:00:39	LOC OFF- Aglomeração - Prefeito de Caldas no Sul de Minas empresta sítio para realização de festas (tem imagens aglomeração)
2/3/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=906852023408013	zews deletado	00:01:32	3X4- APELO do Sindicato dos Médicos de Minas Gerais sobre falta de leitos e insumos
2/3/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=906852023408013	zews deletado	00:02:50	VIVO- REPÓRTER DE VARGINHA entra com situação da pandemia
4/3/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=2885588008365504	zews deletado	00:01:52	STAND UP - Inicio Onda Roxa em Monte Carmelo
4/3/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=2885588008365504	zews deletado	00:03:10	VIVO Repórter Montes claros - situação crítica de leitos - quase entrando na onda roxa
5/3/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=2885588008365504	zews deletado	00:04:19	VIVO - KALIL DECIDE FECHAR NOVAMENTE O COMÉRCIO
8/3/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=143253680922125	zews deletado	00:03:19	VT- Efeito Covid - Lojistas reclamam do novo fechamento em BH
8/3/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=143253680922125	zews deletado	00:03:02	VT- Contagem anuncia fechamento de comércio não essencial
8/3/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=143253680922125	zews deletado	00:05:12	VT- UM ANO DE PANDEMIA EM MINAS - VT EMOCIONANTE - Primeira vacinada no estado termina VT chorando link matéria separada:

				https://www.facebook.com/watch/?v=287034356160342
8/3/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=143253680922125	Zews deletado	00:01:00	ENCERRAMENTO COM SOB FICHA SEM BG e com imagens dos momentos marcantes da pandemia
15/3/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=484754289367097	Zews deletado	00:03:14	VT-RESTRICÇÕES NA CAPITAL FICAM MAIS DURAS - TERMINA COM HOMEM CAMINHANDO E FALANDO "ESTAMOS SOBREVIVENDO SEM MÁSCARA"
15/3/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=484754289367097	Zews deletado	00:04:40	VT - Onda Liás na Região metropolitana (exceto BH)
15/3/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=484754289367097	Zews deletado	00:00:18	LOC OFF- MINAS TEM NOVO SECRETÁRIO DE SAÚDE (Mesmo dia em que Brasil ganha Marcelo Queiroga)
15/3/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=484754289367097	Zews deletado	00:02:37	VT - Dia da escola fala do espaço como ambiente se socialização e lamenta fechamentos
15/3/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=484754289367097	Zews deletado	00:03:39	VIVO - onda Roxa Patos de Minas
18/3/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=3818796761539160	Zews deletado	00:04:18	VT- BH com rede hospitalar lotada
18/3/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=3818796761539160	Zews deletado	00:01:48	3X4 - Apelo Médica do Conselho Municipal de Saúde
18/3/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=3818796761539160	Zews deletado	00:04:36	VIVO HAGOUT Sobre impacto das novas variantes na pandemia (Luana Araújo)
18/3/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=3818796761539160	Zews deletado	00:01:07	VIVO - Governo do estado anuncia medidas de ajuda econômica
18/3/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=3818796761539160	Zews deletado	00:06:06	EDITORIAL 1 MILHÃO DE CASOS MINAS
18/3/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=3818796761539160	Zews deletado	00:00:36	ENCERRAMENTO SEM BG - mostra imagens e evolução dos casos em números - termina com tela preta em Um milhão de casos
19/3/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=248484626936235	Zews deletado	00:01:33	VT- MORRE PRIMEIRA MINEIRA DE COVID POR FALTA DE ASSISTENCIA MÉDICA ADEQUADA (Governador Valadares) - BH ultrapassa 100% leitos ocupados
19/3/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=248484626936235	Zews deletado	00:05:52	ENTREVISTA GRAVADA COM MÉDICO SANITARISTA FGV SP SOBRE GESTÃO DA SAÚDE
19/3/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=248484626936235	Zews deletado	00:05:30	VIVO PLANTONISTA DE UTI DE BETIM SOBRE REALIDADE DOS HOSPITAIS
19/3/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=248484626936235	Zews deletado	00:02:40	PLANO DE CONTINGÊNCIA PARA FUNERÁRIAS - "esse tipo de mão de obra não se forma de um dia para outro" diz personagem
29/3/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=475058617185068	Zews deletado	00:08:17	SÉRIE COM(NS)CIÊNCIA DESAFIO ALÉM DA PESQUISA - episodio 1 - estreia no dia em que Minas completa um ano da 1º morte por covid no estado

				"na cabeça fala de um vírus que quer transformar Manaus no Brasil)
29/3/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=475058617185068	Zews deletado	00:02:36	LAPADA - Espera de Leitos em Minas 714 pessoas aguardam uma vaga Estevão Urbano
29/3/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=475058617185068	Zews deletado	00:03:56	VT- UM ANO DA PRIMEIRA MORTE POR COVID EM MINAS
29/3/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=475058617185068	Zews deletado	00:01:46	VT VACINAÇÃO AFFENAS
29/3/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=475058617185068	Zews deletado	00:02:12	VT-Divinópolis antecipa todos os feriados, inclusive de 2022, para pessoas ficarem em casa
29/3/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=475058617185068	Zews deletado	00:02:08	3X4 - Divulgação de iniciativas de solidariedade "na escala: quando a fome aperta só a solidariedade salva" - Iniciativa Marias Bonitas do Lourdes
	Demais episódios série Com(ns)cienza			
30/3/2021	https://www.youtube.com/watch?v=BfzHnh-2Xas&t=488s - PRIVADO	Zews deletado	00:09:31	SÉRIE COM(NS)CIÊNCIA EPS 02
31/3/2021	https://www.youtube.com/watch?v=z4xXHWb5y7E&t=7s - PRIVADO	Zews deletado	00:09:54	SÉRIE COM(NS)CIÊNCIA EPS 03
1/4/2021	https://www.youtube.com/watch?v=JT0WELMS9RQ&t=13s - PRIVADO	Zews deletado	00:09:34	SÉRIE COM(NS)CIÊNCIA EPS 04
2/4/2021	https://www.youtube.com/watch?v=iFCOFW1le0&t=6s - PRIVADO	Zews deletado	00:08:49	SÉRIE COM(NS)CIÊNCIA EPS 05
26/4/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=320728362738107	zews deletado	00:03:48	VT- PRIMEIRO DIA DE RETORNO AS AULAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL - mães relatam que ficam em dúvida e tem medo de deixar filhos voltarem para escola
26/4/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=320728362738107	zews deletado	00:01:10	STAND UP Repórter de Montes Claros - agora sobre vacinação e queda de internações
30/4/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=765718397420578	zews deletado	00:03:48	VT- 1 ANO PROGRAMA MINAS CONSCIENTE
30/4/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=765718397420578	zews deletado	00:05:52	VIVO - Começa Cadastro em BH para pessoas com comorbidades receberem vacina contra a Covid
30/4/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=765718397420578	zews deletado	00:01:00	VT (Redação) - Pais vencem a Covid e podem enfim conhecer filha recém nascida de 40 dias em Sete Lagoas
3/5/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=193024499314859	Zews deletado	00:01:04	VT- Aglomerações Patos de Minas (repórter de rede) - nota pé "a prefeitura, "pasmem!" disse que não tem fiscalização nos fins de semana.
3/5/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=193024499314859	Zews deletado	00:04:18	VT- Jovens alvos da Covid - matéria inicia com vídeo de jovem entubado-cenas fortes
3/5/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=193024499314859	Zews deletado	00:03:34	VT- Primeiro dia de retorno as aulas no ensino público municipal em BH
3/5/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=193024499314859	Zews deletado	00:05:01	VIVO HANGOUT Impactos Aprendizado - fonte FGV

28/5/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=2917995295188678	zews deletado	00:01:25	VT- confirma chegada da Cepa Indiana em Minas - caso em Juiz de Fora
28/5/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=2917995295188678	zews deletado	00:04:06	VIVO HANGOUT com Funed sobre a Cepa Indiana
28/5/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=2917995295188678	zews deletado	00:04:00	VT-Mortalidade Materna cresce na pandemia (gestantes)
28/5/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=2917995295188678	zews deletado	00:04:42	VT- Panorama da Covid no estado
28/5/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=2917995295188678	zews deletado	00:02:27	3X4 - CABEÇA ESTILO EDITORIAL + DEPOIMENTO DE PROFISSIONAL DA SAÚDE EM CARMO DO RIO CLARO - 40 MIL MORTES MINAS
8/7/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=249602736596345	zews deletado	00:06:53	VIVO - Hangout Dia da Ciência - entrevista sobre Investimentos do governo federal com a reitora da UFMG
8/7/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=249602736596345	zews deletado	00:03:48	VT- Efeitos Vacinação - quedas de internação e casos graves.
8/7/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=249602736596345	zews deletado	00:01:04	VT- FURA FILA DA VACINA - Secretaria de Estado de Saúde
28/7/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=3026511784339000	zews deletado	00:09:00	VT EPS 03 Série Covid Doença do Trabalho-Série Premiada
28/7/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=3026511784339000	zews deletado	00:01:54	EDITORIAL 50 mil mortes minas
	Demais episódios da série Covid no Trabalho:			
27/8/2021	https://www.youtube.com/watch?v=wen_SJPJbME	Consta no Zews	00:09:56	VT Série Covid doença no trabalho episódio 1
26/8/2021	https://www.youtube.com/watch?v=mLJf8E8HoTc	Consta no Zews	00:09:39	VT Série Covid doença no trabalho episódio 2
25/08/21	https://www.youtube.com/watch?v=0aLXq3XfUeg	Consta no Zews	00:08:57	VT Série Covid doença no trabalho episódio 4
15/9/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=596035088424442	Consta no Zews	00:05:08	HANGOUT GRAVADO - Variante Mu o que se sabe - Flavio Fonseca UFMG
15/9/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=596035088424442	Consta no Zews	00:08:59	Série IA: Revolução na Saúde Eps. 01
16/9/2021	https://www.youtube.com/watch?v=PqLwg-Fu1Sw	Consta no Zews	00:09:22	Série IA: Revolução na Saúde Eps. 01
20/set	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=268471318613113	Consta no Zews	00:07:47	VT- Série Geração C: marcas da pandemia EP01
21/9/2021	https://www.youtube.com/watch?v=rjj60_INneo&t=8s	Consta no Zews	00:08:26	VT- Série Geração C: marcas da pandemia EP02
22/9/2021	https://www.youtube.com/watch?v=495LqPQLSKs&t=3s	Consta no Zews	00:07:07	VT- Série Geração C: marcas da pandemia EP03
23/9/2021	https://www.youtube.com/watch?v=kQON58IMP7U&t=3s	Consta no Zews	00:07:49	VT- Série Geração C: marcas da pandemia EP04
5/10/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=274373071206071	Consta no Zews	00:04:56	VIVO HANGOUT sobre dose de reforço e duração da imunização das vacinas com avanço da Delta - Fonte Fiocruz Brasília

11/11/2021	https://www.youtube.com/watch?v=2eiuUURxWUk	Consta no Zews	00:09:23	VT- SÉRIE NOVA ESCOLA: X DA QUESTÃO Ep 01 (questão de Aprendizado) - série premiada
12/11/2021	https://www.youtube.com/watch?v=W_RIWsj6ZJU&t=41s	Consta no Zews	00:08:22	VT- SÉRIE NOVA ESCOLA: X DA QUESTÃO Ep02 - questão de mercado
13/11/2021	https://www.youtube.com/watch?v=w1jcoLTw80w	Consta no Zews	00:08:53	VT- SÉRIE NOVA ESCOLA: X DA QUESTÃO Ep03 - questão de futuro
19/11/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=276785134457024	Consta no Zews	00:06:52	ENTREVISTA GRAVADA FÁBIO BACCHERETTI JÁ É SECRETÁRIO - Fala como serão administradas as doses de reforço em Minas
26/11/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=613301969908545	Consta no Zews	00:06:43	ENTREVISTA GRAVADA - Ministério da Saúde identifica a variante ômicron - entrevista repercute como a ômicron pode mudar rumo da pandemia - Renan Pedra UFMG
29/nov	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=272811428227754	Consta no Zews	00:00:31	NS- Primeiro caso de mineiro suspeito de contaminação da ômicron é investigado - paciente internado no Hosp. Eduardo de Menezes
29/11/21	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=272811428227754	Consta no Zews	00:05:30	VIVO HANGOUT Sistema Imune Exausto - problematiza o fato de pessoas acharem que porque já pegaram Covid estão imunes. Fonte UFRJ
10/12/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=302424168423626	Consta no Zews	00:02:46	VT- Cidades Históricas Mineiras cancelam carnaval 2022 (Andreza)
10/12/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=302424168423626	Consta no Zews	00:06:03	ENTREVISTA GRAVADA BACCHERETTI - passaporte da vacina não faz sentido em Minas mas em visitantes internacionais, comenta vacinação no estado
16/12/2022	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=235970301990396	Consta no Zews	00:05:32	VIVO HANGOUT Anvisa autoriza vacinação de crianças de 5 a 11 anos - Como vai funcionar? Fonte da Fiocruz Brasília
20/12/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=970503926878537	Consta no Zews	00:03:25	VT- Natal Magro - situação financeira apertada, desemprego, inflação refletem na ceia
20/12/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=970503926878537	Consta no Zews	00:07:21	VIVO HANGOUT Cartilha Fiocruz sobre protocolos para encontros de fim de ano (fonte Fiocruz)- VALE COMPARAR COM A MESMA DATA DO JORNAL 2020 (Protocolos com a Luana Araújo)
22/12/2021	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=369205781675314	Consta no Zews	00:03:26	VT- Governo Federal abre consulta pública sobre vacinação infantil - deve ou não ser feita? JM2 ouviu dois especialistas sobre o assunto
05/01/22	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=615248046244730	Consta no Zews	00:01:59	VT- Vacinação Crianças- Ministério da Saúde divulga regras para vacinação de crianças de 5 a 11 anos
05/01/22	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=615248046244730	Consta no Zews	00:03:05	VT - Aumento casos Covid (POÇOS / CARATINGA)
13/01/22	Início vacinação de crianças em BH (5 a 11 anos) - pegar Cedoc			
24/01/22	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=1363866297390044	Consta no Zews	00:02:55	VT- Profissionais de Saúde estão esgotados – ômicron elevou número de atendimentos para maior que o 2º pico da pandemia.

26/01/22	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=299589282201085	Consta no Zews	00:02:49	VT – Coletiva situação Covid-BH – fala que PBH adia início das aulas de crianças entre 5 e 11 anos devido a ômicron
07/02/22	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=940525863492104	Consta no Zews	00:01:30	VIVO – impasse retorno aulas presenciais educação infantil BH
07/02/22	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=940525863492104	Consta no Zews	00:01:51	VT- Volta aulas presenciais escolas estaduais
07/02/22	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=940525863492104	Consta no Zews	00:07:13	VT- SÉRIE – Ep1 – Recall: a virada dos pequenos – dá pra comparar com a primeira série que era de reinvenção e sobrevivência – esta aqui já é de recuperação.
08/02/22	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=676700183468718	Consta no Zews	00:07:44	VT- SÉRIE - EP2 -Recall: a virada dos pequenos
10/02/22	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=473931224261367	Consta no Zews	00:02:25	VT- Coletiva saúde - Embora registrando 20 mil casos novos de Covid por dia, secretário de estado de saúde diz que a terceira onda está acabando
10/02/22	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=473931224261367	Consta no Zews	00:03:00	VT- Avalanche de Covid e Gripe gera avalanche também de afastamento do trabalho – setor de bares e restaurantes é um dos que mais sofreu
04/03/22	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=514239893378445	Consta no Zews	00:02:26	VT- Libera uso de mascaras em locais abertos em BH – mantém em locais fechados
07/03/22	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=1147166549376186	Consta no Zews	00:07:43	ENTREVISTA GRAVADA SECRETÁRIO DE ESTADO DE SAÚDE DE MG – 2 ANOS PANDEMIA
10/03/22	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=258847876446490	Consta no Zews	00:02:36	VT- Coletiva de Saúde anuncia fim do programa Minas Consciente
10/03/22	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=258847876446490	Consta no Zews	00:01:32	VT – Libera uso de máscaras em Patos de Minas em locais fechados
10/03/22	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=258847876446490	Consta no Zews	00:03:10	VT- Grávidas participam de estudo na UFMG para verificar efeitos do vírus em gestantes e bebês
29/03/22	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=1653527461666833	Consta no Zews	00:02:01	VT – Minas recebe doses para iniciar aplicação da quarta dose em idosos acima de 80 anos (Redação)
29/03/22	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=1653527461666833	Consta no Zews	00:01:55	VT- Muita gente ainda não recebeu a 3ª dose em Poços de caldas
07/04/22	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=524309835734497	Consta no Zews	00:05:55	VT- Sequelas Covis -TERCEIRO VT SOBRE O ASSUNTO
18/04/22	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=513068210514197	Consta no Zews	00:01:37	VT- GOVERNO FEDERAL DECLARA FIM DA EMERGÊNCIA COVID – matéria explica repercussão dessa medida. Especialista critica medida.
25/04/22	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=404601878338633	Consta no Zews	00:04:29	VT- Aumento de Divórcios durante a pandemia.
27/04/22	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=237689528553319	Consta no Zews	00:03:23	VT- BH libera uso de máscara em locais fechados– REPÓRTER FAZ PASSAGEM RETIRANDO A MÁSCARA

27/04/22	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=237689528553319	Consta no Zews	00:03:22	VT- Repercuta liberação do uso de máscaras – mantém uso de coletivos, transportes escolares e hospitais – POVO FALA
28/04/22	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=358140156370335	Consta no Zews	00:04:13	VT- Primeiro dia de liberação do uso de máscaras - “tarja sensação de insegurança” - população se divide em medo e alegria – tem povo fala (VT Redação)
29/04/22	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=534117191648638	Consta no Zews	00:03:20	VT- Governo de Minas anuncia que máscara se torna facultativo em locais abertos
19/05/22	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=702890940949656	Consta no Zews	00:05:37	VT-Lixo gerado pela pandemia – muita gente descartando máscara em qualquer lugar já que só tem q usar em alguns poucos locais fechados
19/05/22	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=702890940949656	Consta no Zews	00:04:27	VT- Covid volta a subir (últimos 14 dias infecção por covid dobra em BH) matéria inclui material do interior do estado (VT Redação)
06/06/22	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=5243671262360134	Consta no Zews	00:07:00	VIVO HANGOUT QUARTA ONDA
06/06/22	https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=572640030964240	Consta no Zews	00:01:59	VT- BH retorna com obrigatoriedade de uso de máscaras em todos os locais fechados – tem povo fala (anuncio foi feito dia 13/06 e esta matéria é do dia 14/06 repercutindo a decisão